

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

NARRATIVAS HISTÓRICAS COMO PROJETO EDUCATIVO
EM UMA ESCOLA RURAL DE SEROPÉDICA

CAROLINA NUNES COLLANTES MARINS

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**NARRATIVAS HISTÓRICAS COMO PROJETO EDUCATIVO EM
UMA ESCOLA RURAL DE SEROPÉDICA**

CAROLINA NUNES COLLANTES MARINS

Sob a orientação do Professora

Dra. Liliane Barreira Sanchez

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
Abril de 2022**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M337n MARINS, CAROLINA NUNES COLLANTES , 1987-
NARRATIVAS HISTÓRICAS COMO PROJETO EDUCATIVO EM UMA
ESCOLA RURAL DE SEROPÉDICA / CAROLINA NUNES COLLANTES
MARINS. - Seropédica, 2022.
85 f.: il.

Orientadora: LILIANE BARREIRA SANCHEZ.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA, 2022.

1. Narrativas. 2. Memória. 3. Identidade. 4.
Aprendizagem. I. SANCHEZ, LILIANE BARREIRA, 1969-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

CAROLINA NUNES COLLANTES MARINS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 12/04/2022

Liliane Barreira Sanchez, Dra. UFRRJ

Wanderley da Silva, Dr. UFRRJ

Fernando Cesar Ferreira Gouvea, Dr. UFRRJ

João Carlos Bernardo Machado, Dr. CEDERJ/UFRRJ

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha amada mãe Nilceia (in memoriam), professora, mulher guerreira que me ensinou a ter fé mesmo nos momentos de dor e a minha filha Joana, meu sonho realizado, minha inspiração pela qual me reinvento todos os dias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me abençoou até aqui. A minha família, pelo incentivo e amor. Ao meu marido, Eliézer, pela compreensão e força.

A minha orientadora, Professora Dr^a Liliane Sanchez, pelas orientações no desenvolvimento deste estudo; por todo apoio, compreensão, carinho e paciência.

Agradeço aos alunos da NEJA do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, que participaram da pesquisa.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente com a realização deste trabalho, meu muito obrigada!

A história deve ser escovada a contrapelo.
A história da cultura como tal é abandonada:
ela deve ser integrada à história da luta de
classes.

Walter Benjamin

RESUMO

MARINS, Carolina Nunes Collantes. **Narrativas históricas como projeto educativo em uma escola rural de Seropédica**. 85f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2022.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da experiência de um projeto pedagógico com narrativas históricas realizada com estudantes da Nova Educação de Jovens e Adultos (NEJA) do colégio Estadual Alice de Souza Bruno, do município de Seropédica, a fim de resgatar as origens do bairro de São Miguel e compreender a realidade local, mediante as transformações do meio rural em que a unidade escolar está inserida. Este trabalho torna-se relevante por elencar as narrativas históricas como um possível método de estudo, a partir das reflexões de Walter Benjamin, que fundamentaram nossas análises, assim como outros autores, tais como: Jeanne-Marie Gagnebin, Hans-Georg Gadamer, Marc Bloch, Peter Burke, Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Edward Thompson e Hannah Arendt. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, envolvendo a referida turma de estudantes em seu processo de elaboração. Após a realização dessa pesquisa, concluímos que as narrativas orais podem em muito colaborar para o resgate e a compreensão da história de uma localidade, assim como para o fortalecimento da identidade cultural de grupos sociais, aqui, em especial, de alunos da NEJA, historicamente negligenciados e excluídos. Ressaltamos que essa pesquisa foi desenvolvida através da análise de entrevistas realizadas por vídeo conferência, devido ao período pandêmico da COVID 19 e preservando o anonimato dos sujeitos.

Palavras-Chave: Narrativas, Memória, Identidade, Aprendizagem

ABSTRACT

MARINS, Carolina Nunes Collantes. **Historical narratives as an educational project in a rural school in Seropédica**. 85p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2022

The present work was developed from the experience of a pedagogical project with historical narratives carried out with students of the New Education for Youth and Adults (NEJA) of the Alice de Souza Bruno State College, in the municipality of Seropédica, in order to rescue the origins of the neighborhood of São Miguel and understand the local reality, through the transformations of the rural environment in which the school unit is inserted. This work becomes relevant because it lists historical narratives as a possible method of study, based on the reflections of Walter Benjamin, who based our analysis, as well as other authors, such as: Jeanne-Marie Gagnebin, Hans-Georg Gadamer, Marc Bloch, Peter Burke, Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Edward Thompson and Hannah Arendt. It is a qualitative research, involving the referred group of students in its elaboration process. After carrying out this research, we concluded that oral narratives can greatly contribute to the rescue and understanding of the history of a locality, as well as to the strengthening of the cultural identity of social groups, here, in particular, of NEJA students, historically neglected and excluded. We emphasize that this research was developed through the analysis of interviews carried out by video conference, due to the pandemic period of COVID 19 and preserving the anonymity of the subjects.

Keywords: Narratives, Memory, Identity, Learning

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa do Município de Seropédica	7
Figura 2 - Mapa dos bairros do Município de Seropédica	8
Figura 3 – Colégio Estadual Alice de Souza Bruno	9
Figura 4 – Pátio do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno.....	9
Figura 5 - Solar de Luiz Rezende / 1866.....	28
Figura 6 - Real Fazenda de Santa Cruz	29
Figura 7 - Plebiscito.	30
Figura 8 - Construção do Novo Campus	31
Figura 9 – Via de acesso ao bairro de São Miguel.....	36
Figura 10 – Vista do bairro de São Miguel	36
Figura 11– Alice de Souza Bruno	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de matrículas da EJA\NEJA nas escolas públicas, municipais e estaduais, em Seropédica;	33
Tabela 2: Matrículas da NEJA estadual em relação ao total de matrículas EJA nas escolas públicas em Seropédica	34
Tabela 3: Matrículas da NEJA no Colégio Estadual Alice de Souza Bruno em relação ao total de matrículas da NEJA estadual em Seropédica	38

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Número de matrículas na NEJA no Colégio Estadual Alice de Souza Bruno por sexo.....	38
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEASB- Colégio Estadual Alice de Souza Bruno

CEDERJ- Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro

C.F- Constituição Federal

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ESAMV- Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MOBRAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização

NEJA - Nova Educação de Jovens e Adultos

PCN - Parâmetros curriculares nacionais

PME- Plano Municipal de Educação de Seropédica

PPGEA- Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola

SEEDUC- Secretaria de Estadual de Educação

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	A NARRATIVA HISTÓRICA NO PENSAMENTO DE WALTER BENJAMIM .	12
2.1	A escrita da história	16
2.2	A experiência, a linguagem e a memória	20
3	BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SEROPÉDICA, DO BAIRRO SÃO MIGUEL E DO COLÉGIO ALICE DE SOUSA BRUNO.....	28
3.1	Antecedentes históricos do município de Seropédica	28
3.2	A instalação do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em Seropédica.	30
3.3	O atendimento da EJA no Município de Seropédica.....	32
3.4	O Bairro de São Miguel, o Colégio Alice de Souza Bruno e a NEJA.....	36
4	AS NARRATIVAS HISTÓRICAS COMO PROJETO EDUCATIVO.....	40
4.1	Os narradores da própria “história”	40
4.2	A história pela memória /Análise das entrevistas.....	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
6	REFERÊNCIAS	53
7	APÊNDICES	58
	Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Adultos)	59
	Apêndice B - Roteiro de Entrevista (Alunos do NEJA- Colégio Estadual Alice de Souza Bruno).....	61
	Apêndice C - Transcrição das entrevistas.....	62

1 INTRODUÇÃO

- “Professora, a senhora mora lá em Seropédica?”

A pergunta acima foi proferida por uma de minhas alunas da Nova Educação de Jovens e Adultos (NEJA)¹ do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno², que se localiza no bairro de São Miguel. Como moradora do Município de Seropédica e como professora de História da Secretaria Estadual de Educação no bairro rural citado acima, percebia durante as aulas um estranho distanciamento entre os moradores do bairro e o próprio município. Por conta talvez de sua localização afastada do centro, muitos alunos não se enxergavam como moradores do município de Seropédica, revelando essa curiosa falta de relação de pertencimento.

Na própria linguagem dos alunos essa questão era perceptível, pois, se referiam ao município como algo longínquo, fora da realidade deles. O resgate da identidade desses alunos, pertencentes à classe trabalhadora, sendo jovens, adultos e idosos que estudam à noite, muitas vezes cansados e sobrecarregados, passou, então, a ser o foco de minhas aulas de História. Nas primeiras aulas em que solicitei como atividade que os alunos escrevessem suas histórias de vidas, fui tocada pelas narrativas deles e comecei a repensar as metodologias educacionais até então utilizadas por mim, tentando trazer para as aulas a valorização da historicidade de suas culturas: suas crenças, suas experiências e saberes.

Assim, surgiu essa pesquisa, na qual levantamos a história do Bairro de São Miguel em Seropédica como uma proposta educativa desenvolvida no Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, localizado no mesmo bairro. Tal proposta se justifica por acreditarmos que a mesma permite uma construção de narrativas por parte dos alunos e alunas, possibilitando discutir a história da cidade a partir da história das pessoas que nela vivem, ajudando na construção da identidade do Bairro e na valorização dos sujeitos que o habitam. A partir do momento que os alunos conhecem a história do bairro de São Miguel, supomos que eles se empoderarão e passarão a ser sujeitos da própria história.

Minha trajetória se relaciona com essa pesquisa por conta da minha formação acadêmica e atuação profissional. Sou graduada em História pelo Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos (2005-2007) e cursei algumas disciplinas como Aluna especial na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: História Local e Regional e História da Civilização Ibérica. Em 2006 iniciei minhas atividades acadêmicas como estagiária no Centro de memória da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde permaneci até 2008. Além de Guia da exposição permanente sobre a história da universidade, fiz parte da equipe de pesquisas sobre Heitor Grillo ligadas ao ensino e pesquisa agrícolas no Brasil. Em 2009 fiz uma especialização em História do Brasil, cujo trabalho final teve como título: Educação e Ditadura Militar, onde comecei a desenvolver maior interesse pelo o ensino da História na educação básica. Em 2011 retornei para Universidade Rural para cursar Filosofia através da Plataforma Freire.

Em 2014 fui admitida através de concurso público como professora de História do estado, onde ministro aulas para alunos do Ensino Médio regular e para a modalidade NEJA em Seropédica, no bairro de São Miguel. Como professora foi algo desafiador, uma experiência empolgante e motivadora, pois até aquele momento só havia dado aula para o Ensino Médio regular. Realizei um curso na SEEDUC destinado para os professores da Nova

¹ Em 2013, o Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro – CONSÓRCIO CEDERJ criou a Nova Política de Educação de Jovens e Adultos (NEJA), na perspectiva de fortalecer uma escola de qualidade, conectada ao século XXI.

² O decreto de criação da escola foi em 10 de junho de 1970.

EJA. Conheci a realidade dos alunos, que em sua maioria eram mulheres que engravidaram cedo e abandonaram seus estudos. Mas, por outro lado eu tinha alunos homens que vinham dos trabalhos para as aulas noturnas, para melhor se qualificarem em seus empregos.

Pensando nesse público-alvo com o qual trabalho numa perspectiva de formação diferenciada, surgiram as principais questões que fundamentaram esse trabalho, que foram: Quais benefícios a escrita das narrativas, das memórias podem trazer para a compreensão do ensino de História no bairro de São Miguel? Como fazer com que os alunos entendam a relação do bairro com o município de Seropédica? Como esses sujeitos históricos narram suas histórias? Qual o lugar social que ocupam os agentes dessa pesquisa? Como potencializar essas narrativas?

Para além de elaborar uma dissertação desenvolvida no âmbito da formação do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola (PPGEA), pesquisar a história familiar dos habitantes do referido bairro, bem como observar e entender as mudanças e permanências sofridas pela cidade ao longo do tempo, nos parece ser fundamental para a formação dos alunos do referido colégio como seres sociais, que também fazem parte desta história. Nesse contexto, elegemos como fio condutor dessa pesquisa as reflexões de Walter Benjamin sobre narrativas, por seu importante trabalho na área da teoria da História e de sua escrita, com acentuada importância também na área da Educação, considerando sempre a impossibilidade de esgotar o problema levantado. Sua produção intelectual é repleta de variedades, fruto dos encontros com a literatura de Baudelaire, Goethe e Bertold Brecht, aliado à crítica ao materialismo dialético dos frankfurtianos, além de outras influências, como a teologia judaica. Ao estudarmos esse autor, podemos perceber que experiência, a memória e a narratividade são conceitos centrais na sua filosofia.

Em meio a essa temática, esse trabalho pretendeu discutir os benefícios que a escrita das narrativas pode trazer para o ensino de História, valorizando a cultura e memória do município onde vivem os alunos da NEJA do colégio mencionado, refletindo acerca da narrativa histórica como princípio educativo e questionando aspectos e abordagens da história oficial ensinada nas escolas de educação básica. No momento em que novas metodologias e técnicas são desenvolvidas, podemos repensar e recriar outros objetos e conteúdos.

Benjamin atenta para uma narrativa que busca dar sentido aos fenômenos históricos (universalidade), superando a perspectiva tradicional da história, podendo estabelecer diferenças entre narrativa histórica e mítica. Sendo assim, inicialmente, foi analisada neste trabalho a função do narrador e o relato histórico, repensando o método do materialismo histórico e, posteriormente, analisando a perspectiva do conceito de experiência, linguagem e memória no pensamento sobre a história. Tal abordagem nos permitiu refletir sobre a importância de se contar histórias e sobre o papel do ouvinte que, em algum momento, vai transmiti-la, dando sempre continuidade à ela.

Todos nós, segundo o autor, deveríamos desempenhar tanto a função do historiador quanto a do narrador, lembrando as inúmeras histórias que perpassam nosso passado. Assim, conseguiríamos identificar a narração como um dos meios pelos quais a experiência da tradição é transmitida. “O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que pode deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida” (BENJAMIN, 1994b, p. 221).

Todo esse pressuposto teórico e conceitual relacionado à narrativa histórica de Walter Benjamin, bem como as contribuições de alguns de seus leitores, como Hannah Arendt e o estudo de alguns autores clássicos, como Marc Bloch, Peter Burke, Michell Dcertau, Jacques Le Goff e Edward Thompson, que discutem e analisam questões sobre a escrita da história, a origem, linguagem, a experiência e a memória, foram fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa, que tem como agentes históricos os alunos da NEJA do

Colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Para tanto, realizamos uma análise das narrativas a partir da história oral, utilizando entrevistas semi-estruturadas, algumas abertas e outras fechadas, feitas por vídeo conferência, uma vez que estamos vivendo um período de pandemia mundial da COVID- 19. Por meio da análise dessas entrevistas buscamos compreender a identidade e a memória do bairro de São Miguel, levando em consideração que esses alunos estão inseridos em um contexto político-social e que, dessa forma, suas “representações de mundo” são determinantes no ato de rememorar, lembrando ou silenciando algum elemento.

Consideramos que, no ambiente escolar, o conhecimento se produz e se perpetua, tanto no aspecto educativo, quanto no aspecto político e social. Um dos efeitos da carência das instituições de ensino se percebe nas disputas pela apropriação dos lugares onde se produz e se distribui conhecimento socialmente e de forma mais significativa. Nesse contexto, consideramos que a disciplina de História cumpre um papel fundamental na construção de conceitos, opiniões e reflexões do educando, tendo a narrativa histórica, sob o olhar de Walter Benjamin, parte fundamental neste processo.

Repensar o ensino de História no Ensino Médio, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), consiste em construir uma identidade e uma memória coletiva, a fim de destacar e legitimar os fatos históricos e a preparação do indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos. Sendo assim, o currículo, como instrumentação da cidadania democrática, deve considerar conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o ser humano para a realização de atividades nos três domínios da ação humana: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva.

Os conhecimentos de História são fundamentais para a construção da identidade coletiva, a partir de um passado que os grupos sociais compartilham na memória socialmente construída.

A história social e cultural tem se imposto de maneira a rearticular a história econômica e a política, possibilitando o surgimento de vozes de grupos e de classes sociais antes silenciados. Mulheres, crianças, grupos étnicos diversos têm sido objeto de estudos que redimensionam a compreensão do cotidiano em suas esferas privadas e políticas, a ação e o papel dos indivíduos, rearticulando a subjetividade ao fato de serem produto de determinado tempo histórico no qual as conjunturas e as estruturas estão presentes. A produção historiográfica, no momento, busca estabelecer diálogos com o seu tempo, reafirmando o adágio que “toda história é filha do seu tempo”, mas sem ignorar ser fruto de muitas tradições de pensamento. (Brasil, 2006)

É importante também destacar que a modalidade de ensino da NEJA, cujo os alunos são os sujeitos históricos desta pesquisa, surgiu com o objetivo de alcançar esses jovens e adultos que por inúmeros motivos não puderam terminar o ensino na idade própria. Para concluir o Ensino Médio nessa modalidade pela Secretaria Estadual de Educação, o aluno precisa ser maior de 18 anos. As disciplinas são divididas em módulos de seis meses, que equivalem aos anos do ensino regular. É oferecida de forma presencial, tendo quatro horas diárias, de segunda à sexta-feira.³

Foi com a Constituição Federal de 1988 (CF/88), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDBEN 9.394/1996) e o parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) 11/2000, que a EJA se tornou um direito social e uma modalidade de

³ No contexto pandêmico na escola *lócus*, as aulas passaram a ser oferecidas de forma remota e as aulas/ conteúdos são postadas no aplicativo Google Classroom de maneira síncrona e assíncrona, respeitando a carga horária de cada disciplina e seus respectivos horários.

educação. Desta maneira, jovens e adultos que não realizaram os estudos na idade considerada “adequada” por inúmeros motivos, como falta de acesso às escolas, necessidade de trabalhar, problemas familiares, dentre outros, passaram a frequentar a escola numa modalidade pensada para aqueles que há muito tempo já não estudavam. Segundo a CF/88, no artigo 208 é assegurada a educação às pessoas que não tiveram acesso à educação básica na idade própria, que é garantida a todos como um direito subjetivo. A LDBEN, no artigo 37, traz a “educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola no ensino fundamental e médio”. (BRASIL, 1996, p.19)

Segundo o quinto artigo da resolução nº 1, de 5 de julho de 2000, do Conselho Nacional de educação (CNE), que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, essa modalidade de ensino deve considerar o perfil dos estudantes e faixas etárias e deverá ser pautada nos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e na proposta de um modelo pedagógico próprio e diferenciado.

I. quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação;

II. quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores;

III. quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica. (Brasil, 2000 art.5)

Segundo o Manual de Orientação da Nova EJA (2013), a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ) inaugurou uma Nova Política de Educação de Jovens e Adultos para Ensino Médio em 2013, com estratégias de aprendizagens alinhadas com as mídias e exigências do século XXI. Através do desenvolvimento de suas próprias habilidades, os jovens e adultos seriam, assim, melhor preparados para o mercado de trabalho.

A diversidade de estratégias, dinâmicas e recursos apresentados na proposta pedagógica e metodológica da EJA Ensino Médio, possibilitará, naturalmente, ao professor a avaliação processual e o estabelecimento de variados instrumentos de avaliação, dado que o professor deverá estabelecer a cada unidade, no mínimo, três instrumentos de avaliação, a fim de obter a verificação do processo ensino aprendizagem. (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2013a, p.11)

A proposta da matriz curricular do programa da NEJA para o Ensino Médio se apresenta com disciplinas ao longo dos semestres e o tempo disponível para o desenvolvimento das atividades, compondo dessa forma uma estrutura diferenciada dos anos/séries semestrais que anteriormente estavam em vigor. Logo, a distribuição das disciplinas contém uma diferenciação ao longo dos módulos, havendo a constância apenas da Língua Portuguesa, Matemática e o Ensino Religioso (optativo). As disciplinas relacionadas às Ciências Humanas aparecem apenas no primeiro e terceiro ciclo, segundo o Manual de orientações. Para acompanhar e avaliar a Nova EJA Ensino Médio (NEJA) foram previstos os indicadores de desempenho levando em consideração a taxa de abandono por módulo, que tem relação direta na atuação da unidade escolar perante as metas definidas pela SEEDUC-RJ

e a taxa de conclusão relacionada com a avaliação diagnóstica bimestral.

Essa pesquisa sobre as narrativas históricas como projeto educativo se justifica, assim também, por minha expectativa profissional como pesquisadora e professora de História da NEJA no Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, onde atuo desde 2014. No decorrer dessa atuação, de forma voluntária, decidi buscar informações sobre a história do Bairro, através de projetos pedagógicos interdisciplinares realizados na unidade escolar com o objetivo de diminuir as tensões existentes entre a história oficial e a história local.

A idéia principal era desenvolver nos alunos a capacidade de se sentirem parte da história a partir da própria realidade vivida por eles e, assim, refletirem sobre questões já existentes no currículo mínimo do Ensino Médio, como: narrativas históricas, fonte histórica, o papel do historiador frente à sociedade de forma prática, entre outros. Para tanto, optamos, de maneira informal, por dividi-los em grupos para uma pesquisa sobre o bairro São Miguel, através da coleta de depoimentos de moradores antigos da região. A partir disso, registramos depoimentos, memórias e compartilhamos experiências que foram muito gratificantes para toda a equipe pedagógica da Escola durante o ano de 2017. Este projeto recebeu o nome de “Meu bairro, minha identidade e meus valores”

Tendo como base os desafios encontrados em minha atuação profissional como professora de História da NEJA na Rede Estadual de Ensino de Seropédica e também como moradora dessa região periférica, escolhi abordar tal tema nesta pesquisa, dando continuidade ao projeto pedagógico já iniciado na escola em que atuo. No entanto, agora o abordando de maneira acadêmico-científica, realizando uma pesquisa sobre as narrativas das histórias de vida e as memórias dos alunos moradores do bairro de São Miguel como um método educativo. Dessa maneira, foi feita uma nova pesquisa com novos sujeitos históricos, de forma mais estruturada, atendendo aos objetivos estipulados e métodos propostos em uma pesquisa de mestrado.

Sendo assim, nosso objetivo geral nessa pesquisa do mestrado foi investigar a potencialidade da narrativa histórica como projeto educativo, a partir de uma experiência com os alunos da NEJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno, no município de Seropédica. E nossos objetivos específicos consistiram em:

- Analisar a questão da narrativa histórica no pensamento de Walter Benjamin e de outros autores relevantes que abordam o tema.
- Apresentar um breve histórico sobre o Bairro de São Miguel.
- Coletar informações da história local a partir das narrativas dos alunos da NEJA do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, por serem moradores do bairro de São Miguel, no município de Seropédica.
- Desenvolver uma intervenção pedagógica com alunos da NEJA, a partir das entrevistas e de vídeos conferências no período pandêmico, para compreender a realidade dos mesmos frente ao contexto educacional do município e à realidade da NEJA

Nesse sentido, o projeto pedagógico que existiu concomitantemente relacionado ao desenvolvimento dessa pesquisa de mestrado buscou ampliar o conhecimento sócio-histórico-cultural dos alunos do Ensino Médio na modalidade da NEJA do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, além de propiciar novos instrumentos de aperfeiçoamento de leitura, escrita, compreensão e pensamento político-crítico. Partimos do pressuposto de que as narrativas históricas construídas sobre o Bairro de São Miguel, no município de Seropédica podem contribuir para uma melhor aprendizagem no ensino de História, a partir das reflexões sobre identidade social. Visamos ainda pesquisar a formação do alunado nos aspectos sociais e pessoais, promovendo um novo olhar sobre a escola, a comunidade e seu modo de vida atual, pois, é preciso, antes de tudo, conhecer e valorizar a nossa própria história para podermos apreciar e compreender outras histórias, povos e culturas.

A opção por esta pesquisa justificou-se, então, também, pela necessidade de buscarmos ferramentas diferenciadas de ensino, na tentativa de romper com os métodos tradicionais em que o aluno, sendo um receptor de informações, apenas memoriza os fatos históricos. As narrativas históricas como proposta educativa diversificam os meios disponíveis em direção ao conhecimento, pois permitem um aprendizado participativo e colaborativo, a partir do contato e da interação com o outro. A escuta das histórias de vida e as entrevistas que as revelaram aproximaram os alunos dos conteúdos escolares, possibilitando que compreendessem estes em um aspecto mais amplo e em conexão com a sociedade.

Os livros didáticos apelam cada vez mais à imagens:fotografias e ilustrações inseridas em projetos gráficos sofisticados e muito bem acabados. Nesses casos, a visão é estimulada, mas qual é o espaço para escuta? Escutar é uma atividade que enriquece a formação do cidadão, propiciando a tolerância e a compreensão de que a realidade é rica em versões e em diversos modos de ver o mundo. Valorizar a escuta pode cooperar para uma diversificação nas formas de sentir, vivenciar e entender a realidade. (SANTIAGO,2015, p.15)

Pretendemos que o contato direto com a filosofia de Walter Benjamin abrisse uma série de reflexões acerca da narrativa e escrita da história, que, por sua vez, possibilitaram um diálogo entre suas obras e de outros autores para nos ajudar a pensar questões fundamentais relacionadas à narrativa histórica. Para se entender os valores culturais e físico-patrimoniais de um bairro, cidade, país e região, é necessário resgatar a maneira de agir, pensar e sentir da população na sua totalidade. Isso tende a fortalecer a manutenção de uma identidade de pertencimento cultural dos próprios moradores da localidade em questão, já que, muitas vezes, estes podem não compreender o significado histórico que a localidade carrega.

Os relatos das pessoas que testemunharam e viveram experiências que merecem ser contadas, reafirma as relações entre gerações, comunidades e tempos. A história oral como método de pesquisa permite, por meio da escuta e da fala, do registro de histórias narradas, o contato com o passado e a cultura do presente. De muitas formas, ela pode ser utilizada no ambiente escolar como instrumento pedagógico multidisciplinar, permitindo que toda a unidade escolar aprenda com as narrativas extraídas, reafirmando o pertencimento e a integração à localidade, agindo sempre em favor da memória.

A memória tem grande papel na construção e no estudo das histórias de vida, porque é através dela que o indivíduo evoca lembranças que ocorreram em tempos remotos, como, por exemplo, a chegada no Bairro de São Miguel, no município de Seropédica. Para trabalhar todos esses aspectos academicamente, este trabalho se desenvolveu através de leituras de artigos, pesquisas bibliográficas, fichamento de textos e debates com a orientadora.

Para dar sequência a essa pesquisa de caráter qualitativo, realizamos coleta de dados através de entrevistas e questionários. Como principal instrumento dessa coleta, empregamos o próprio método de história de vida, que procura alcançar informações gerais contidas nas memórias das pessoas, sem ter como foco unicamente exclusivo a análise de suas particularidades. Essa modalidade é uma imersão na trajetória e nas experiências de um indivíduo, não consistindo em uma reconstituição biográfica integral, mas abrangendo um período amplo da vida do narrador. A história de vida mostra a visão do indivíduo, como ele percebe o mundo em sua volta e o passado.

Para tanto, utilizamos a técnica da entrevista oral por meio de um roteiro semi-estruturado com perguntas abertas e outras fechadas, realizado com os alunos da modalidade NEJA do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, que são moradores no bairro, sobretudo aqueles mais antigos, com perguntas sobre as origens do bairro e suas histórias de vida na própria localidade. Nesse método, o objetivo foi ouvir e interagir para que a narrativa

tivesse continuidade, explicando e solicitando detalhes e aprofundamentos, pois as perguntas precisavam estar visivelmente relacionadas aos objetivos do projeto. A pandemia de COVID-19, por si só, trouxe uma forma diferente de pensar e organizar a vida, o que tem sido um desafio que nos coloca de frente com situações inéditas. Mediante o isolamento social, com suspensão das aulas e encontros presenciais, as entrevistas foram realizadas e gravadas pelo aplicativo WhatsApp, através de uma chamada de vídeo, nos adaptando às novas estratégias de trabalho. As entrevistas foram gravadas e transcritas, utilizadas como projeto educativo por meio de uma metodologia diferenciada para as aulas de História.

As transcrições das entrevistas foram feitas pela pesquisadora, elaborando assim uma versão escrita, preservando o registro oral e ampliando a sua acessibilidade na escola. Quando utilizamos a história oral, nos deparamos com uma geração de fontes que podem ser utilizadas na escola por diferentes disciplinas, não somente História e Língua Portuguesa. As transcrições também são fontes e meios para pesquisa, produção de reportagens e para outras atividades de integração do aluno ao ambiente escolar, além de oferecerem mais segurança e confiabilidade à pesquisa.

O *locus* da pesquisa foi, então, o município de Seropédica, mais especificamente o bairro de São Miguel. Seropédica é um município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, localizado a 50 quilômetros da capital do estado. Ocupa uma área de 283,794 km², com uma população de 84.416 habitantes registrada no ano de 2017, conforme dados do IBGE, sendo, então, o 31º mais populoso município do estado e o segundo mais populoso de sua microrregião. Faz divisa com os municípios de Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Japeri, Queimados, Itaguaí e Paracambi.



Figura 1- Mapa do Município de Seropédica

Fonte: <https://pt.map-of-rio-de-janeiro.com/munic%C3%ADpios-mapas/serop%C3%A9dica-munic%C3%ADpio-mapa>

Seropédica é conhecida como uma cidade universitária, que possui características agrícolas, mas vem apresentando expressivas modificações socioeconômicas, culturais e

ambientais. Pela baixa oferta de emprego na localidade, muitos moradores trabalham em outros municípios e até mesmo no centro do Rio de Janeiro, retornando apenas para dormir, caracterizando Seropédica como cidade-dormitório. O município de Seropédica possui apenas um distrito, o distrito-sede de Seropédica. Porém, este é subdividido em vários bairros: Boa Esperança, Cabral, Centro, Campo Lindo, Canto do Rio, Carretão, Chaperó, Ecologia, Fazenda Caxias, INCRA, Jardim Maracanã, Jardins, Nazareth, Parque Jacimar, Piranema, Santa Alice, Santa Sofia, São Miguel (no qual delimitaremos essa pesquisa) e o campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.



Figura 2 - Mapa dos bairros do Município de Seropédica

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Seropedica_map_label.svg

Grande parte da economia do município também gira em torno da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e da comunidade universitária. As principais atividades econômicas da cidade de Seropédica são o comércio, locação de imóveis e extração mineral. Cabe destacar, porém, que infelizmente existe um distanciamento muito forte da Universidade com a cidade, não inserida no cotidiano da população. Observamos em muitos relatos dos alunos da NEJA durante as aulas, que eles se referem à UFRRJ como sendo um castelo, um

museu, uma casa antiga. Muitos não sabem que é uma universidade pública, gratuita e acessível pelo ENEM. Já houve perguntas sobre valores cobrados para ingressar nela, dentre outras dúvidas.

O bairro de São Miguel está inserido em um contexto rural. Se localiza próximo à rodovia Presidente Dutra e se trata de um local de difícil acesso, mas que possui três unidades escolares como: uma creche, uma escola da modalidade fundamental e um colégio estadual, na rua principal do bairro. Trata-se do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, localizado na rua principal do bairro de São Miguel, sendo possível perceber a influência urbana em sua construção, mantendo as características comuns a pequenos bairros, com muros baixos, pátio amplo e arborizado



Figura 3 – Colégio Estadual Alice de Souza Bruno



Figura 4 – Pátio do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno

O Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, no ano de 2020, possuía uma média de 160

alunos, sendo classificado pela Secretaria Estadual de Educação como de difícil acesso e difícil provimento, estando composto atualmente por alunos oriundos da classe média-baixa do próprio bairro em que se localiza. O Turno matutino concentra alunos com idade entre 14 e 18 anos, sendo que no turno da noite a maioria encontra-se em idades variadas, totalizando 103 alunos do Ensino Médio. A escola possui 57 alunos nos quatro ciclos da Nova Educação de Jovens e Adultos. A proposta metodológica da modalidade NEJA procura valorizar as vivências de cada aluno; a experiência de vida adquirida na educação extraescolar é o ponto de partida e referencial permanente. Para isso, é preparado material didático específico e os professores participam de ações de formação continuada com certificação.

As principais dificuldades observadas no processo de ensino aprendizagem desse público, em grande parte das vezes, vêm atreladas às dificuldades de leitura e escrita que perpassam todas as outras disciplinas. No ano de 2018, o colégio aderiu ao programa Residência Pedagógica da UFRRJ, por acreditar na inclusão acadêmica e tentar diminuir o distanciamento entre alunos do Ensino Médio e a universidade pública. Atualmente, o projeto possui oito residentes do curso de Ciências Sociais que desenvolvem atividades e promovem debates junto com os professores.

A unidade escolar possui um ambiente agradável, é aberta ao diálogo, com pouca indisciplina, cujos casos raros sempre são contornadas com advertências escritas. No tocante ao lazer e cultura, os alunos não possuem espaços apropriados na comunidade e, por ser um bairro muito afastado do centro de Seropédica e com problemas relacionados ao transporte, muitos acabam não saindo dele. Infelizmente, a maioria dos alunos se encontra sem ânimo e sem perspectivas de melhoria de vida através dos estudos. Mesmo com todo incentivo da escola e com a presença de uma universidade federal no próprio município, são poucos os que se inscrevem para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Muitos ainda resistem por não pensarem a educação como uma possibilidade de melhorar sua condição de vida.

Nesse sentido, ressaltamos a importância dessa pesquisa como uma das alternativas para reverter essa situação, podendo contribuir para uma valorização do bairro e o despertar de nossos alunos dentro e fora da escola. Acreditamos que, ao serem entrevistados, os alunos se enxergam como participantes da história e o contato com suas próprias narrativas serve como estratégia para a construção de suas identidades como habitantes do bairro de São Miguel. “A história de uma comunidade não se esgota nunca. Cria sempre um novo começo a partir do encontro dos relatos entre as gerações. Humanizar a experiência humana é lembrar e contar as múltiplas versões que a vida pode e deve ter.” (GUSMÃO, 2010, p. 297)

Por isso escolhemos Walter Benjamin como nosso principal referencial teórico, que além de ser um dos mais importantes filósofos do século XX, é referência nos estudos sobre a arte de narrar. Daí o fato dessa pesquisa se desenvolver amparada na análise de suas principais obras, que se apresentam como teoria e historiografia de sua proposta de narrativa histórica. O pensamento de Benjamin está conectado à construção de uma filosofia da história que aceita reconhecer a incerteza do tempo e das limitações do conhecimento. O método é o caminho que, segundo ele, deve revolver seus objetos, se tornando um exercício da representação da verdade.

Se a filosofia quiser permanecer fiel à lei de sua forma, como representação da verdade e não como guia para o conhecimento, deve-se atribuir importância ao exercício dessa forma, e não à sua antecipação como sistema (BENJAMIM, 1987, p.84)

A grande importância do problema a ser abordado é que abre um grande debate acerca da teoria da história, nos fazendo repensar sobre a escrita desta e as tensões da narrativa histórica e os desafios do homem nos modos de perceber e sentir a história, já não vista mais

como algo fixo. Os textos do próprio Walter Benjamin, textos de seus leitores e comentadores como Jeanne-Marie Gagnebin, Hans-Georg Gadamer, principais comentadores citados na bibliografia, possibilitaram uma maior reflexão sobre o tema aqui mencionado, bem como Marc Bloch, Peter Burke, Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Edward Thompson e Hannah Arendt.

Sendo assim, o primeiro capítulo dessa dissertação contempla a contribuição do pensamento de Walter Benjamin, que discute em suas obras a problemática da narrativa histórica e seus principais aspectos. Segundo este autor, a arte de narrar e a experiência do narrador são fundamentais para a construção da história. Trazer à vida, resgatar muitas vezes essa história que está desaparecendo, fazem parte também da função deste narrador. Este capítulo apresenta também como aportes teóricos os principais leitores e comentadores de Benjamin, e autores clássicos já citados aqui, que debatem o papel da memória e da História em nossa cultura.

O segundo capítulo analisa o município de Seropédica do ponto de vista de seus antecedentes históricos, bem como a caracterização do Bairro de São Miguel e as permanências no Bairro. Inserida nas terras da Fazenda de Santa Cruz, podemos considerar que o povoamento da região em estudo aconteceu em razão da corrida do ouro, no final do séc. XVII, que resultou no desbravamento das terras fluminenses, abrindo caminho até o porto. Os primórdios do desbravamento do atual território do município de Seropédica datam de meados do século XVII, quando os jesuítas lançaram as bases da futura povoação para catequizar os índios da região em terras compreendidas entre os rios Tinguáçu e Itaguaí.

Neste segundo capítulo também analisaremos o atendimento da EJA no Município de Seropédica, a caracterização do Bairro de São Miguel, do Colégio Alice de Souza Bruno e a relação destes com a Educação de Jovens e Adultos.

Toda essa estrutura teórica serve de base para a elaboração do terceiro capítulo, que considera as narrativas históricas como projeto educativo, com o objetivo de ampliar o conhecimento da história do bairro de São Miguel no município de Seropédica e resgatar a identidade social dos alunos. Nele, também analisamos trechos das narrativas, a partir das entrevistas realizadas com os alunos do NEJA do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno a fim de resgatar a memória local.

Por último, apresentamos as considerações finais do trabalho, tendo em vista o aspecto didático-pedagógico e formador da experiência dos alunos com as narrativas.

2 A NARRATIVA HISTÓRICA NO PENSAMENTO DE WALTER BENJAMIM

Walter Benjamin nasceu em Berlim, em 1892, em uma família abastada da burguesia judia. Desde cedo teve uma inclinação pela leitura, estudando filosofia, literatura e psicologia nas Universidades de Berlim e de Freiburg. Em 1917, transferiu-se para a Universidade de Berna (Suíça), onde doutorou-se em 1919 com o trabalho "O conceito de crítica de arte nos românticos alemães".

Segundo Leslie (2009), as produções de Walter Benjamin sobre a infância fazem referência ao aspecto das casas da classe burguesa na época em que todas seriam semelhantes, com certo modelo rígido a ser seguido, ao qual não existia acolhimento, e retratavam essa artificialidade do contexto burguês. Em seus primeiros trabalhos como escritor e crítico, Benjamin começou a pensar sobre sua posição social e a pobreza daqueles trabalhadores da época. Refletiu principalmente sobre o trabalho e a distribuição econômica da época, a visão de mundo que a sociedade partilhava de maneira a perpetuar estas visões de classes, de ordem patriarcal e outras.

Já na adolescência, pensou acerca do estilo da educação escolar e suas práticas de correção (punição), um estilo tradicional da época. Walter Benjamin lembrou e questionou sobre as formas de repressão do modelo educacional. Os questionamentos de Walter Benjamin impulsionaram a criar um modelo de discussões com os colegas no colégio, além de estimular seu protagonismo em movimentos estudantis e nos estudos de Filosofia.

Desde o início de suas obras mostrou um grande interesse pela teologia. Em sua primeira obra de mais relevância "As afinidades eletivas em Goethe", buscou confrontar o simbolismo amoral da teoria da cultura do início do século XX com uma ética pessoal bastante puritana. Em seguida, elaborou para exame de livre-docência, o texto "Origem do drama barroco alemão", buscando uma crítica exaustiva do "estoicismo" não político da vida intelectual, tendo como pano de fundo o drama luterano do século XVII. A partir dos anos 20, começou a escrever sobre os problemas levantados por uma concepção marxista da cultura.

A invasão da França pelas tropas alemãs em 1940, forçou Benjamin, entre outros intelectuais de esquerda e de origem judia, a deixar o país clandestinamente, por via terrestre, em direção à Espanha. A finalidade era o exílio nos Estados Unidos, pois já possuíam a autorização para entrar nesse país. Na Espanha, porém, o grupo foi detido por policiais e informado que seria recambiado para a França. No dia 27 de setembro de 1940, diante da possibilidade de ir para o campo de concentração, Benjamin suicidou-se.

É importante destacar que suas ideias não foram bem aceitas pelos estudiosos de sua época por serem caracterizadas como audaciosas e, principalmente, por gerarem uma insatisfação com a Academia, com suas críticas ao romantismo. Walter Benjamin expressava diversos pensamentos críticos sobre a militância burguesa da universidade e das relações da burguesia com os trabalhadores.

Benjamin acreditava que, para discutir de forma mais adequada sobre um tema, deveríamos dialogar com outros conhecimentos, como o artístico, o cultural, o histórico entre outros, que ofereceriam um contexto para reflexão e discussão. Uma ideia muito ousada, que incomodava de certa maneira a academia tradicional da época e dificultava seu ingresso nesse meio como um pensador reconhecido. É importante ressaltar que sua história de vida e trajetória acadêmica tem muita relação com suas obras e com a construção do seu pensamento.

Seu ensaio "O narrador" foi escrito em 1933, depois dos horrores da Primeira Guerra Mundial. Naquele momento, Benjamin observou que o "silêncio" seria a marca mais profunda de um novo processo de ruptura nos tempos modernos. Os soldados voltaram para suas casas

mudos e silenciados pelas catástrofes da guerra, parecendo não ter experiências para narrar e compartilhar. Benjamin, então, chama a atenção para o fato do silenciamento dos soldados pós-guerra, voltando pobres em experiências comunicáveis (oralidade). A função do narrador estava desaparecendo, uma vez que no mundo capitalista a informação passa a ser valorizada, trazendo consigo a perda da sensibilidade pelas experiências coletivas.

Esse fato me chamou a atenção pelo distanciamento existente entre a história oficial, muitas vezes reproduzidas nos livros didáticos, e a experiência real vivida pelos sujeitos. O autor afirma em sua obra que as melhores narrativas escritas são aquelas contadas pelos narradores comuns, anônimos e não oficiais, que valorizam o cotidiano, as particularidades dos indivíduos e as riquezas de detalhes.

Benjamin começa a escrita do referido texto anunciando a ausência do narrador, ele afirma que são raras as pessoas que conseguem narrar e que tal questão faz parte de um exercício radical de contar histórias. Segundo o filósofo, nós narramos a experiência e ela é comunicável e é a fonte que todos os narradores precisam recorrer. O narrador escolhido por ele foi Nikolai Leskov, escritor russo que abandona seu emprego e passa a trabalhar como ajudante de administrador de fazenda, viajando bastante pelo interior da Rússia, conhecendo vários lugares e adquirindo assim uma experiência que pode ser notada em todas as suas obras.

Benjamin observou na produção do escritor russo Nikolai Leskov, a importância e valorização da narrativa e os embates existentes entre o narrador e o romancista. Sua narrativa estava ligada ao cotidiano do povo russo e suas péssimas condições de vida; por meio da tradição oral, as histórias eram retiradas das experiências do próprio dia a dia. Sendo uns dos grandes narradores na visão de Benjamin, Leskov rompeu com tudo aquilo estabelecido pela literatura tradicional da época, utilizando-se de uma linguagem rotineira e popular. Essa liberdade de interpretar e narrar as histórias de forma simples é que fará “o episódio narrado atingir uma amplitude que falta à informação” (BENJAMIN, 2012, p. 219).

Segundo Benjamin, os narradores se dividem em dois tipos: o narrador com a idéia de quem vem de longe, exemplo do marinheiro comerciante e o narrador “fixo”, que conhece suas histórias e tradições, como exemplo, a figura do camponês sedentário. Esses dois estilos de vida produziram, de algum modo, os grupos de narradores fundamentais para a compreensão e interpretação dos aspectos pautados ao texto narrativo. O autor garante em sua obra que as melhores narrativas escritas são “as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. (BENJAMIN, 1987, p. 198).

Benjamin analisa o aspecto do senso prático, a capacidade de agir com praticidade, como sendo uma das características de muitos narradores natos. O componente fundamental transmitido pelo senso prático seria a experiência, fazendo com que observemos o cotidiano em que vivemos, que por inúmeras vezes nos passa despercebido aos olhos. O aspecto utilitário da narrativa baseia-se em uma sugestão prática, em uma orientação de vida ou em um ensinamento moral.

Todos nós nascemos com a capacidade de narrar, segundo Benjamin, e o senso prático está ligado à experiência, enquanto a natureza da verdadeira narrativa está ligada a uma dimensão utilitária, ela é aberta, é útil, seja em um ensinamento moral, num provérbio ou em uma norma de vida. O narrador seria aquele que sabe dar conselhos, conselhos sábios, mas o grande problema pontuado é que a sabedoria está em extinção e a arte de narrar está definhando. “Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada.” (BENJAMIN, 1987, p. 200).

“A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.” (BENJAMIN, 1987, p. 201). Com essa afirmação, o autor nos remete à importância da sabedoria, e principalmente, nos recorda o quanto esse conceito está desaparecendo, sendo o objetivo do narrador trazer vida a essa história apagada. Com o

desenvolvimento da sociedade, o surgimento da imprensa e as novas formas de reprodução, percebe-se um enfraquecimento das narrativas que começam a ser substituídas por outras formas de contar a história.

O autor prossegue o texto descrevendo o primeiro indício da morte da narrativa, que, segundo ele, seria o romance, que não procede da tradição oral. Ele destaca a diferença entre o narrador que incorpora suas experiências nas narrativas e o romancista que segrega e separa. O romance não deriva da tradição oral. Enquanto o narrador retira da experiência o que ele conta e reúne as coisas narradas à experiência aos seus ouvintes, o romancista separa. A origem do romance, sua natureza, é o indivíduo isolado, que não recebe conselhos, nem sabe oferecê-los. Os personagens do romance estão sempre certos, dando a entender a ausência da sabedoria. E, nesse ponto, cita o primeiro grande livro do gênero, que foi *Dom Quixote*.

O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes, o romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos, nem sabe dá-los. (BENJAMIN, 1987, p.202)

Para o filósofo, a informação que emerge na sociedade burguesa é mais ameaçadora e provoca uma influência no próprio romance. “Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa nova forma de comunicação é a informação” (BENJAMIN, 1987, p. 202). A informação demanda de uma verificação imediata, diferenciando-a da narrativa em que o saber vinha de longe. Os fatos já chegam para as pessoas com um acúmulo de informação. Contrário a isso, na narrativa, os fatos e acontecimentos são narrados com maior exatidão, sendo imutáveis e, mesmo com o passar do tempo, ela ainda é capaz de se desenvolver e ampliar. “Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1987, p. 204).

O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1994, p. 203)

Outra questão abordada por Benjamin para justificar o enfraquecimento da narrativa são as sutilezas psicológicas: quanto maior a naturalidade e leveza ao narrar, mais fácil a história ficará guardada na mente de quem ouve, impedindo o tédio. “O tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica” (BENJAMIN, 1987, 204). A narrativa, por sua vez, comparada ao contexto do artesanato, é descrita pelo autor como forma artesanal de comunicação, emergindo no cotidiano dos ouvintes, sendo contadas e recontadas, demonstrando a experiência, a tradição e os conselhos. “Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1987, p. 205).

O autor, então, chama atenção à importância de se conservar, manter vivo o que foi narrado, pois, segundo ele, a narrativa se funda na ideia de memória e, para o ouvinte, dentro de sua neutralidade, o importante é garantir a possibilidade da reprodução. Após uma breve explanação sobre Mnemosyne, a musa da narrativa épica, Benjamin faz uma diferenciação entre a memória do narrador e a do romancista. O segundo tem um caráter único, fatos difusos e transmite informações sem vínculo algum com a tradição; já o primeiro está relacionado a diferentes perspectivas e novas reinterpretações.

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais

frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 2002, p. 213)

A alteração sobre a percepção da morte na modernidade também foi tema de grandes reflexões. Segundo o autor, esta também vai intervir na extinção da narrativa, pois, antes, aquilo que era um acontecimento público, se torna algo corriqueiro, sem valor, ganhando assim um caráter privado. “Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e, sobretudo, sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível.” (BENJAMIN, 1987, p.207) O morto, assim como o narrador, assumia o papel de transmitir as histórias a partir de suas experiências.

O autor concluiu sua obra reafirmando a importância do narrador, que possui suas origens nas raízes do povo, especificamente nas camadas artesanais. Este, visto como sábio, tem a função de aconselhar não somente a partir de sua experiência, mas também a partir das experiências de outrem. O narrador, segundo Benjamin, precisa estar mergulhado em sua narrativa como se fosse parte da sua própria história de vida.

Podemos relacionar as questões sobre narrativa de Walter Benjamin com as ideias do historiador francês Michel de Certeau, em sua obra a “Invenção do cotidiano” (CERTEAU, 1982), em que narrar nada mais é que o modo como os sujeitos se demonstram dentro do seu cotidiano. Assim como Benjamin, o autor acredita que as narrativas seriam uma tentativa de escrever as ações do indivíduo e uma maneira para organizar a história, possibilitando um entendimento mais claro.

Certeau cita as teorias de Michel Foucault e Pierre Bourdieu, autores que tem um olhar diferenciado sobre a prática da história e suas implicações. Ambos escrevem as “histórias”, os relatos, não se preocupando, assim como Benjamin, com a historiografia tradicional. O indivíduo e suas práticas sociais são o foco da história e precisam ser percebidos e estudados. A questão da narratividade não está somente no contar oralmente, mas em transcrevê-la de alguma forma, pois, narrar histórias é uma ampla experiência humana, segundo Certeau. E para Benjamin, a narrativa é vista como uma maneira de transmissão de saberes do passado, a partir da experiência construída no cotidiano.

Esse caminho poderia inscrever-se como uma seqüência, mas também como a recíproca da análise que Michel Foucault fez das estruturas do poder [disciplinar]. [...] Eu gostaria de acompanhar alguns dos procedimentos – multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade. (CERTEAU, 1994, p. 175)

Duas questões são pontuadas pelo autor, a primeira seria que a narrativa não significa somente descrever uma história, método este muito utilizado na época clássica, em que a narrativa era um gênero em que se retratavam os feitos heróicos, a mitologia, as musas e deuses, principalmente na Grécia antiga. A segunda questão seria que a arte de narrar história precisa ser vista como algo participativo, pois, na medida em que a história é narrada, o ouvinte incorporará nela o seu jeito próprio de contar. Observamos aqui uma proximidade com as questões pontuadas por Benjamin, de que a narrativa se dá pelo envolvimento de um ouvinte e um falante, tendo um caráter extremamente social.

Diferentemente de Benjamin, que destaca o romance como um dos motivos pelo enfraquecimento da narrativa, Certeau reconhece o valor teórico deste. Segundo ele, desde que surgiu a ciência moderna, o romance acabou se tornando o local para onde foi a vida

cotidiana rejeitada pela historiografia.

A alteridade do real ressurgiu na ficção, retorna no irreal do fantástico. Ela reaparece sob a figura literária do *fictional*, depois de ter sido eliminada pelas práticas produtoras de “fatos objetivos”. Por causa do que ela viesse a conservar de onírico, a narrativa histórica continuaria a encenar “a inquietante familiaridade” do outro (CERTEAU, 2012b, p. 185-6).

O autor chama atenção para as pessoas comuns e seus cotidianos, a desigualdade entre aqueles ditos como grandes e pequenos, intitulados pela história tradicional positivista. Quando o indivíduo comum se torna narrador, escolhendo um lugar simples e anônimo, detectamos um início de aproximação com a cultura. Toda prática humana é considerada cultura, uma vez que essas atividades tenham significado para aqueles que as fazem. Assim como Walter Benjamin entende a narrativa atrelada à cultura popular, a narrativa se encontra nas práticas comuns, para Michel de Certeau.

Com o desenvolvimento da tecnologia na modernidade, a narração das experiências é desvalorizada pela rapidez das informações. A arte de narrar tem se tornado escassa em uma sociedade onde a memória ocupa um lugar secundário. Dessa maneira, através das narrativas dos alunos da NEJA em relação à memória, entendendo o passado pelo presente, bem como valorizando a história desses sujeitos, afirmamos o grande valor da tentativa de potencializar suas experiências.

Essa escuta nos proporciona momentos de reflexão e ressignificação de conceitos históricos. Quando olhamos para as narrativas, refletimos sobre uma nova forma de pensar a ciência, que vai além dos moldes acadêmicos tradicionais.

2.1 A escrita da história

Dentre os vários temas que foram abordados por Walter Benjamin, a escrita e a crítica sobre a história o impulsionaram para pensar a modernidade de forma diferenciada. Tais críticas aparecem claramente nas “Teses sobre os conceitos da história”, texto publicado em 1940, que se apresenta como crítica ao historicismo, ao empobrecimento das experiências e das narrativas. Esse texto é escrito no contexto do nazismo, em que as perseguições sofridas pelo autor e seu fracasso acadêmico formal foram pontos importantes para seu discurso ao dar explicações de distintas naturezas para compreender a história.

Walter Benjamin utiliza muitas metáforas em sua escrita e o objetivo central dessa obra é superar a visão positivista de História, de compreender a humanidade através da matéria. Nesse contexto, a primeira tese aponta para uma discussão de que o materialismo histórico seria um método que conduziria automaticamente ao socialismo, portanto, uma relação mecânica, criticada pelo autor, pois, segundo ele, a teologia e as questões metafísicas também deveriam ser discutidas. O Materialismo histórico só narra levando em consideração as questões econômicas, não aceitando o diálogo com as questões sociais.

A segunda tese apresenta a ideia de felicidade como algo que contém a nossa redenção. A ideia de passado, a qual a história se amoldou, viria para nos salvar; sem essa redenção não seria possível ser feliz. Existiria, segundo Benjamin, um acordo oculto entre as gerações, que orientaria de certa maneira as ações do presente. Já na terceira tese, o autor afirma que as coisas que aconteceram não podem ser dadas como perdidas para a história. Ambas as teses são um convite a refletir sobre a história de forma diferenciada, não circular, a partir da diversidade de sujeitos que ocupam lugares sociais variados, principalmente os considerados anônimos ou os vencidos.

A quinta tese aponta para uma compreensão do passado como uma imagem efêmera,

tendo sua relevância no presente. O passado apareceria com sua intenção no presente, do contrário, tal imagem poderia ser irre recuperável. Em Benjamin, o historiador precisa olhar para o passado a partir das inquietações e desafios, ao mesmo tempo em que escreve a história. É preciso, segundo ele, reconstruir uma época através de um olhar atento, empático, respeitando sentimentos e emoções. Escrever uma história tem uma relação direta da proximidade do historiador com o fato, como ele aponta em sua sexta tese.

A escrita da História, segundo o autor, não significa arquivá-la e sim recordá-la, a partir das narrativas e da memória como fonte histórica. Muitas experiências vividas não chegam a ser passadas para documentos escritos, fazendo parte do conhecimento que é transmitido oralmente, ou seja, uma construção aberta e inacabada. A produção de narrativas pode designar tanto fatos particulares quanto temas de caráter coletivo, objetivando novas explicações a partir dos questionamentos do presente.

Na Sétima tese, Benjamin afirma que os possuidores do poder seriam os herdeiros dos vencedores que produziriam o patrimônio cultural, logo não haveria documento de cultura que não fosse documento de barbárie. A oitava tese apresenta a ideia de que o verdadeiro estado de exceção seria prevalecer a tradição dos oprimidos. Existe sempre uma classe dominante no comando e as pessoas precisam ir contra o estado de opressão. Já na nona tese, o autor trabalha com a imagem de um quadro de Klee, “Angelus Novus”, que observa as catástrofes do passado e que gostaria de acordar os mortos para reconstruir tudo que foi destruído. Mas, um vendaval arrasta o anjo para o futuro. O vendaval é o progresso, segundo Benjamin.

Na décima tese, o autor utiliza para a maior compreensão o símbolo dos objetos de meditação recomendados aos frades e que tinham a função de afastá-los do mundo real. Assim, ele critica nossa maneira habitual de pensar, que evita qualquer tipo de cumplicidade. Da mesma forma, os políticos, crenes no progresso, confiantes em sua base de apoio e na inserção dela numa aparelhagem servil, isolam-se das responsabilidades sociais e estimulam uma visão individualista e solitária da vida.

Na tese seguinte, Benjamin pontua questões importantes de sua crítica ao conformismo como tática política e econômica de objetivação e exploração dos sujeitos pela classe dominante. Faz referência a Marx para reprovar o trabalho tecnicista e progressista das fábricas, onde o indivíduo, que possui apenas a força de seu trabalho, torna-se escravo de outros seres humanos, os donos das fábricas. Ele compara esses traços tecnocráticos com os que serão encontrados depois de um tempo no fascismo.

Na décima segunda tese, o autor parte da afirmativa de que o sujeito do conhecimento histórico deveria ser a própria classe operária, que luta e é oprimida. Seu argumento é pautado na crítica da ideia de que a história é baseada nos sujeitos trabalhadores e operários como antepassados oprimidos e não na ideia de homens e mulheres livres e que conseguiram reverter à lógica da opressão. A décima terceira tese apresenta novamente a questão do progresso vinculada à pretensão dogmática e distante da realidade. O progresso do gênero humano não se separa da noção de progressão ao longo de um tempo homogêneo e vazio.

Benjamin, na décima quarta tese, continua descrevendo sua crítica à concepção de progresso ao longo de um tempo vazio e uniforme e afirma que a história é uma construção pelo “Agora”. Todavia, o presente se remete no passado e é preenchido no futuro. No mundo moderno capitalista, o tempo é transformado no tempo da indústria, da fábrica, pois suas forças estão focalizadas na produção acelerada de mercadorias, não possibilitando assim qualquer tipo de reflexão e de experiência. Na tese seguinte, o autor aborda a questão de desconstrução do contínuo da história como própria das classes revolucionárias no momento de sua ação. O autor, na décima sexta tese, remete-se ao materialismo histórico para contrapor à ideia de desconstrução do percurso natural da história, visto que o presente não seria uma mera passagem, mas um conceito em que o tempo parou e se fixou; é o tempo em que se escreve a história.

Nas teses finais, Benjamin critica o historicismo, que idealiza o tempo como um aditivo de fatos, numa tentativa de preencher o tempo vazio e homogêneo. Por sua vez, o autor ressalta que a historiografia é baseada no princípio de construção do tempo e, nessa perspectiva, o materialista histórico reflete e recria, em meio a tensões. O objeto histórico se consolida na medida em que ele transforma os fatos históricos em mônadas, que seriam a essência a ser encontrada em todos os fatos, tempos e espaços. Essas partículas indivisíveis compõem substâncias compostas, da mesma forma como uma obra de arte encontra-se em um conjunto de manifestações artísticas.

O grande desafio dentro das pesquisas de narrativas é encontrar as mônadas e de alguma maneira nos aproximar da realidade colocada pelos sujeitos. Esses pequenos fragmentos (mônadas) podem ser entendidos como histórias que possuem a capacidade de contar sobre um todo. A análise das narrativas dos alunos da NEJA, no aspecto desses fragmentos da perspectiva de Benjamin, caracteriza a questão da identidade desse grupo. As ideias e visões de mundo dos sujeitos históricos dessa pesquisa são influenciados pela vivência social, familiar e profissional, carregadas de significados, sentimentos e sonhos.

A teoria da história de Benjamin se baseia em uma história natural para analisar os fatos históricos, não se limitando à ideologia do progresso, que visa categorias imediatistas e lineares. A história como progresso está ligada aos interesses da minoria dominante, sempre vista e pensada a partir dos “vencedores”, sempre lembrados nas narrativas históricas universais. O autor se opõe à ideia de uma história movida como desenvolvimento, como alega a historiografia burguesa ou pelo aumento das forças produtivas, que afirma a historiografia marxista. A história natural compreende o passado como algo inacabado e essa recuperação original da percepção do passado deve ser vista de maneira aberta e possível, sendo escrita no presente e para o presente.

Seria preciso que o conceito de progresso se opusesse à teoria crítica da história a partir do momento em que ele não servisse mais de critério aplicado a certas mudanças históricas, e que ele tivesse por função apreciar a tensão entre um início legendário e um fim legendário da história. Em outros termos, quando o progresso se torna a marca do curso da história na sua totalidade, o conceito de progresso é associado a uma hipóstase não-crítica, e não mais uma interrogação crítica. (BENJAMIN, 1996, p. 107)

Outra questão marcante no pensamento de Benjamin é a união entre a teoria e a prática e o vínculo do historiador com seu tempo presente, refletindo sempre a partir de suas descontinuidades, diferenciando-se do historicismo. “O historicismo culmina legitimamente na história universal. Em seu método, a historiografia marxista se distancia dela mais radicalmente que qualquer outra. A história universal não tem qualquer armação teórica.” (BENJAMIN, 1996, p.231). A história contada pelo historicismo é sempre unilateral, não dando espaço para muitas vozes silenciadas no passado.

Jeanne-Marie Gagnebin, no livro *História e narração em Walter Benjamin* (GAGNEBIN, 1994), organiza a teoria da narrativa na obra de Benjamin, demonstrando a maneira como o autor estabelece suas idéias sobre o conceito de narração. Gagnebin destaca que, para Benjamin, o momento da escrita de uma história aponta para a modificação do presente e não tem aplicação na construção de outro sistema explicativo antagônico e coeso à história oficial. Logo, a escrita da História e a reflexão do historiador devem provocar sempre um encontro, a fim de avançar a historiografia tradicional.

Sua visada teórica ultrapassa de longe esses acentos melancólicos. Ela se atém aos processos sociais, culturais e artísticos da fragmentação crescente e de secularização triunfante, não para tentar tirar dali uma tendência irreversível, mas, sim, possíveis instrumentos que uma política verdadeiramente ‘materialista’ deveria poder reconhecer e aproveitar em favor da maioria dos excluídos da cultura, em vez de

deixar a classe dominante se apoderar deles e deles fazer novos meios de dominação (GAGNEBIN, 2013, p. 56, grifo do autor)

Assim como Benjamin, Michel de Certeau, em sua obra “A Escrita da História” (CERTEAU, 2008), apresenta sua definição de história: segundo ele, trata-se de um conjunto de saberes diversos baseados em uma prática social e interpretativa. Esse texto levanta muitos questionamentos sobre o papel do historiador, a organização da historiografia e o fazer histórico. O elo entre os dois autores se dá no momento que ambos acreditam na multiplicidade da história que dialoga com vários saberes, sendo ao mesmo tempo uma disciplina, uma prática e uma escrita. Os historiadores podem transformar em cultura os dados que extraem de campos de pesquisas.

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. (CERTEAU, 1982, p.66)

Segundo Certeau, a escrita da história precisa será pensada a partir de um lugar social, mas, pelo contrário, vai ser construída através do discurso acadêmico, que chega muitas vezes ao historiador de forma velada. O ambiente acadêmico influencia a escolha das metodologias, proporcionando uma escrita histórica com inclinação à produção de verdades absolutas. A história oscila, muitas vezes, segundo a prática ou segundo um discurso fechado.

A cesura que foi colocada entre eles por uma decisão instauradora do trabalho científico (e fonte de "objetividade") começa a mover-se. Ela se inverte, se desloca, avança. Este movimento se deve, precisamente, ao fato de que ela foi proposta e de que não pode ser mantida. (CERTEAU, 1982, p.46)

Refletindo a história como prática, o autor atenta para a necessidade da técnica para a realização da produção historiográfica. As formas de se pensar e fazer história, assim como as técnicas utilizadas, precisam estar relacionadas com os diversos aspectos e contextos culturais e sociais de cada sociedade. A história precisa ter um caráter interdisciplinar, dialogando de inúmeras formas com as outras áreas do conhecimento. Assim como Benjamin, Certeau também estabelece um caráter pedagógico à história, um caráter de ensinamentos para a sociedade nessa ação de fazer e narrá-la.

Para Michel de Certeau, o historiador se encontra em uma posição privilegiada, pois pode remeter-se ao passado através da memória dos indivíduos. Os relatos e narrativas geram sempre muitos métodos a serem utilizados, rompendo assim com os moldes tradicionais da escrita da história e a relação entre o passado e o presente, pois, objeto e prática não se dão de maneira linear.

Benjamin e Certeau também inserem nos debates sobre a história a perspectiva religiosa. O primeiro, a partir de um caráter messiânico, uma interpretação religiosa e o segundo narra os trabalhos de Lutero como uma possibilidade de reflexões e diversidade de posições, ora referente à doutrina, ora referente à experiência humana na juventude. Todos os questionamentos do presente acabam por esbarrar em situações ligadas ao cristianismo.

O autor também compara a prática do historiador com a de um trabalhador que refina o mineral, transformando matéria prima em produto. Trabalhando a partir de um contexto social, o historiador precisa fazer o movimento da transformação do material coletado em história. A escrita da história está relacionada com sua prática, dentro dos limites e possibilidades da análise histórica. Precisa sempre levar em consideração as questões de

cronologia de cada discurso, com base em livros e artigos, utilizando diversas ferramentas e estabelecendo muitas relações de estudo. Essas relações seriam fundamentais para legitimar as pesquisas.

Dentro desta perspectiva, as ponderações de Peter Burke em sua obra “A escrita da história” (BURKE, 1992) também são importantes. Abordam o papel da escrita da história na sociedade, as possibilidades da nova história, as pressões da história econômica e seus impactos da modernidade. O historiador inglês reflete sobre a geração de historiadores que pesquisam a história sobre novos aspectos que antes eram deixados de lado. Essa nova história também é motivo de muitas controvérsias entre os pesquisadores, que sempre a definem pelo que ela não é e não o conceito de fato. Tanto a história social, quanto a econômica, sofreram o processo de fragmentação, dando origem a novas áreas de conhecimento.

A história social dividiu-se em demografia histórica, história do trabalho, história urbana, e etc. A história econômica, por sua vez, dividiu-se em antiga e nova (1950 e 1960) e essa nova é marcada pelas mudanças da sociedade no contexto da modernização, tendo uma mudança no foco dos historiadores, que, de uma preocupação com a produção, passam para uma preocupação com o consumo. Na atualidade, uma nova proposta de identidade de controle surge, que é a eco-história ou história do meio ambiente, comprometendo assim a história econômica.

Peter Burke também chama nossa atenção para as vertentes da história que eram discriminadas e excluídas pela historiografia tradicional, que, com a história nova, passam a ocupar espaços nas diversas áreas do conhecimento. Para essa nova história, toda ação humana é de interesse do historiador, pois tudo tem um passado que pode ser reconstruído. Os próprios tópicos de pesquisas se modificaram, muitos não eram pensados, como os gestos, a feminilidade, o corpo, a leitura, entre outros que passam a ser encarados como uma construção cultural sujeitas às transformações do tempo e do espaço.

A escrita da história também vai ser bastante questionada pelos novos pesquisadores. A história tradicional, que antes era pautada nos registros oficiais, baseada unicamente em documentos, vai ser combatida por outra história, que se atenta para os excluídos, as pessoas comuns, os trabalhadores, as mulheres, entre outros. Burke também dialoga com Benjamin na medida em que encoraja os historiadores a serem interdisciplinares, colaborando e dialogando com os outros pesquisadores, os antropólogos, os economistas, os críticos literários, sociólogos, psicólogos e etc. A história vista de baixo, segundo o autor, começa a ganhar uma maior dimensão, uma nova determinação de pesquisa, considerando a opinião das pessoas sobre seu próprio passado. A nova maneira de escrita da história também tem suas dificuldades e problemas, na visão de Burke, muitas vezes problemas com as fontes, com os métodos, problemas de definição e explicação.

2.2 A experiência, a linguagem e a memória

Walter Benjamin, sendo um crítico da sociedade moderna, inicia seus questionamentos a partir da experiência (do tempo, da história e da memória) e para ela. A filosofia benjaminiana está baseada na noção de tradição, que é o ponto de partida da experiência, unindo o presente ao passado. Essa experiência entrelaçada entre os aspectos místicos e políticos será fundamental, segundo o autor, para a elaboração do conceito de origem. Segundo ele, a origem seria uma apresentação da verdade, não como a gênese do momento histórico, mas sim como um embate da verdade apresentada pelas ideias com a história.

Em sua obra “Experiência e pobreza”, Benjamin começa o texto pontuando as

mudanças da sociedade: o mundo passava por um momento de grandes mudanças, renovações, fazendo com que a troca de experiências através das narrativas tomasse um lugar secundário, que, para o autor, gera uma pobreza de experiência. As narrativas são fontes de experiências, que, de alguma forma, o narrar as histórias ou fatos permite uma maior compreensão.

O autor não analisa o conceito de barbárie de uma única forma. No conceito positivo, a pobreza de experiência impede as pessoas a agirem de forma prática e os teóricos teriam que partir do início, recomeçando e transformando a cultura. “[...] a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda” (BENJAMIN, 1996, p. 116).

Ainda nesse contexto da experiência, Benjamin discorre sobre as lojas de vidro, ele começa a debater os novos modelos de consumo, a maneira de comprar. O vidro é um material frio, que não admite mistérios, inimigo do secreto. Podemos fazer uma analogia entre essas “casas de vidro” e os shoppings, grandes lojas, locais responsáveis pela perda da dimensão dos sentidos, não sabemos se é dia ou noite, se está sol ou chovendo, o tempo ganha outra proporção. O fato importante é que a conversa, a troca em si é restrita, de certa forma até condicionada. Benjamin, mostrando como a sociedade estava se organizando naquele momento, já nos atentava para algumas questões importantes que persistem no nosso meio.

A partir dos estudos sobre Kant, o autor formulou um conceito de experiência total, que traz à baila a ideia de verdade sendo entendida como algo indefinido e indeterminado. Sua crítica estava relacionada ao fato dos princípios de experiência e conhecimento em Kant terem sido retirados das ciências físico-matemáticas. Benjamin objetivava uma experiência pura e contínua.

Segundo Gagnebin (1998), a origem tem relação com a história de antes e depois, na sua totalidade, não se destacando dos dados factuais. Esta se torna objeto da filosofia, uma vez que, enquanto categoria do ser, não tem relação com a gênese, envolvendo uma experiência de mudança e o surgimento do novo, que é próprio do que continua inacabado.

Origem não designa o processo de devir de algo que nasceu, mas antes aquilo que emerge do processo de devir e desaparecer. A origem insere-se no fluxo do devir como um redemoinho que arrasta no seu movimento o material produzido no processo de gêneses. O que é próprio da origem nunca se dá a ver no plano do fátual, cru e manifesto. O seu ritmo só se revela a um ponto de vista duplo, que o reconhece, por um lado como restauração e reconstituição, e por outro como algo de incompleto e inacabado. (BENJAMIN, 1968, p.34)

Para Benjamin, em sua obra “A origem do drama barroco alemão”, a origem é o que possibilita a reflexão da totalidade, representando a verdade das coisas. Ela também é atemporal e o tempo histórico será analisado e compreendido não mais de forma cronológica e sim de acordo com sua intensidade e de pura significação. A origem (Ursprung), segundo o autor, é o que causa a reflexão histórica, não implicando simplesmente em uma restauração do passado e sim em uma transformação do presente. Deve-se compreender a história a partir de sua descontinuidade, segundo a dinâmica da origem, pois cada fenômeno histórico é único e não pode ser analisado da mesma forma.

A memória é também um aspecto de suma importância nas questões levantadas por Benjamin sobre a experiência, pois se conecta diretamente com a tradição e o problema de sua transmissão. Sobre a categoria conceitual da experiência destacada por Walter Benjamin, seu leitor, Halbwachs (2006), alega que a memória individual é fundada a partir da memória coletiva, pois as lembranças são reconstruídas a partir da vivência em sociedade. A memória seria, dessa forma, algo integrado e harmônico.

Segundo o filósofo, a memória é dividida em dois tipos: a voluntária, que recorda dos acontecimentos que já passaram e são acessadas pelo intelecto, estando relacionada à habilidade de conservação; e a involuntária, em que os acontecimentos são acessados de forma espontânea, seria a experiência que é estabelecida pela tradição não influenciada pelos discursos da memória oficial. Mantendo a linearidade entre passado e presente, a memória, para o autor, seria recordações constantes. Por isso, ele propõe uma ressignificação da própria história a partir das experiências contidas na memória involuntária.

A visão de mundo para Walter Benjamin está relacionada diretamente ao pensamento religioso, permitindo restabelecer a ligação da história e da política. Foi na imagem messiânica que o filósofo pretendia construir a legitimidade da história e a superação da ideologia do progresso. O método utilizado por ele para analisar a experiência histórica se deu pela busca da experiência judaica, em que a história na sua descontinuidade e a relação passado/presente vão ser unidos numa mesma redenção. O tempo, nessa percepção, aparece como algo completo e absoluto, uma vez como rememoração, resgatando o passado e outra como a promessa ao futuro; é importante também ressaltar que a idéia de tempo messiânico é oposta à idéia de tempo matemático. O conhecimento, para Benjamin, estava além de fórmulas e números, pois este teria sua única expressão na linguagem.

Sobre as ideias relacionadas à linguagem, Benjamin recorre ao Gênesis, ao mito bíblico da criação, em que a palavra não tinha a função de comunicação entre os seres humanos. Qualquer expressão de comunicação atribuída à linguagem e à língua será a mediação desse comunicar. Em seu ensaio “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, ele pretende comparar os tipos de linguagens estabelecidos pelo homem mudo até o momento da sonoridade da palavra humana, que Benjamin vai intitular como tradução da natureza. A linguagem, segundo o filósofo, é que comunica a essência lingüística das coisas.

A diferenciação entre essência lingüística e essência espiritual é fundamental para a compreensão do caráter teórico da linguagem. A essência espiritual comunica-se em uma língua manifestada pela expressão, em que tudo pode ser imaginado e concebido. Sendo assim, a essência lingüística está no fato do ser humano nomear as coisas. O nome garante que a língua seja pura e seja a essência espiritual do homem, culminando na verdadeira interpelação da linguagem.

Ao utilizar a bíblia, em especial os primeiros capítulos de *Gênesis*, Benjamin nos permite desenvolver os fatos lingüísticos fundamentais para essa reflexão da natureza da linguagem. O homem vai ser criado a partir da palavra e Deus vai colocar no homem o sopro que é o tempo, a vida, o espírito e a linguagem. Esse homem é chamado para dar nome às coisas e essa nomeação é devedora de um reconhecimento, sendo a expressão na linguagem um item da essência espiritual de cada coisa. Este primeiro homem (Adão) dará nome à natureza, posteriormente a sua esposa e seus filhos e será esse nome próprio o ponto em comum com a palavra criadora de Deus, uma vez que é a unidade desse movimento da linguagem.

O homem é aquele que conhece na mesma língua em que Deus cria. Deus criou o homem à sua imagem, criou aquele que conhece à imagem daquele que cria. É por isso que, quando se diz que a essência espiritual do homem é a linguagem, essa frase precisa de uma explicação. Sua essência espiritual é a linguagem em que ocorreu a Criação. A Criação ocorreu na palavra, e a essência lingüística de Deus é a palavra. (BENJAMIN,2011,p.62)

A obra “Problemas da sociologia da Linguagem”, escrita por Benjamin em 1935, que inicialmente foi publicada em uma revista, trata o aspecto sociológico da linguagem, sendo uma forma de relacionar língua e linguagem. O autor propõe uma dimensão da história da

linguagem “não remota às origens, uma vez que a linguagem é ela mesma a condição prévia da história.” Para Benjamin, a linguagem tem um papel muito importante, ela precede a história.

Sobre as línguas antigas, ele retoma a teoria onomatopéia da linguagem, trazendo vários filósofos para o debate. O autor nos atenta a não olhar o homem primitivo como um homem inferior diante do homem que evoluiu e reconhece a língua primitiva como rica e que nós não damos importância. Percebemos aqui o empenho dele em retomar o passado para tentar entender a linguagem na sua origem. Embora Benjamin concorde com a origem onomatopáica da linguagem na tentativa de imitação dos sons da natureza, nesse texto ele busca novas interpretações, se apoiando em outros linguistas e pensadores, unindo a sociologia e a lingüística para tentar entender o fenômeno da linguagem.

A partir da análise da ideia de Lévy-Bruhl, Benjamin traz os conceitos míticos e a relação mítica do homem com os conceitos lingüísticos. As imitações estão relacionadas a um sentido, a um significado geral de um grupo, mas também para um sentido particular, das experiências dos sujeitos que se relacionavam. Walter Benjamin também cita como exemplo os Lapões, povos antigos que tinham diferentes palavras para se referir a uma rena e vinte palavras para o gelo, de acordo com a forma e o estado que este se encontrava. O autor tenta nos mostrar que o homem primitivo também tinha um vocabulário rico. O homem, então, passa a criar um vocabulário para corresponder à exigência da sociedade em que ele vivia, trazendo para nós um olhar atento ao meio social e sua influência na linguagem.

O autor comenta os textos de Lévy-Bruhl, que trazem a linguagem gestual como a língua do homem que precede a sonora. A linguagem sonora, por sua vez, surge relacionada ao processo produtivo do trabalho: os homens precisavam se comunicar sonoramente, pois eles teriam que produzir através do trabalho. Essa linguagem é recorrente do povo e tem um caráter de classe, porque está relacionada a uma linguagem de um grupo social, traço esse sociológico da linguagem.

A linguagem das populações está nas narrativas que não são apenas sonoras, são gestuais também. Benjamin enfatiza os jargões, que são línguas próprias e, que quem não é daquele meio social, não entende. Segundo ele, a lingüística raramente se interessou pelos jargões. O autor vai falar do filósofo da linguagem positivista, Rudolf Carnap, que trabalhava com a lógica e defendia a língua como se ela pudesse ser calculada. Ele caminha para a sintaxe e diz que ela seria a matemática e física da língua; isso é questionado em algum certo ponto por Benjamin.

Walter Benjamin parte da ideia de que a língua influencia a formação de um povo e descreve a diferenciação entre povo e nação: o povo é um dado de pessoas e a nação é uma unidade cultural fundada na língua. Essa nação influenciaria de forma decisiva a atitude do povo. Isso é um ponto muito importante para o estudo da narrativa, pois, a língua demonstra a formação cultural de um povo. Finalizando essa questão, Benjamin nos propõe a ideia de que é a linguagem que nos distingue dos outros animais, dando o exemplo do Chimpanzé, que tem o aparelho fonador, mas não fala, não desenvolve a linguagem.

Por fim, Benjamin concluiu o texto “Problemas da sociologia da Linguagem” afirmando que ainda não exploramos toda a potencialidade sonora da língua. A linguagem nos liga com o outro, não sendo apenas uma linguagem instrumental, não apenas para se comunicar. Assim, o tratar da linguagem precisa ser diferenciado em todos os aspectos da sociologia, que é o que nos liga com os nossos semelhantes na nossa formação cultural.

O estudo das questões ligadas à linguagem em Benjamin, nos permitiu ter um olhar atento a forma como o sujeito vai se comunicar, pois, ela é responsável pela transmissão e ocultação das ideias dele sobre o mundo. Assim, a linguagem contida na narrativa precisa ser analisada com cuidado, sempre atenta à história, à cultura dos grupos sociais. Nas narrativas dos alunos da NEJA observamos sujeitos com diferentes experiências de vida, mas,

pertencentes a uma determinada classe (ou grupo), o que é percebido na linguagem comum que utilizam.

No que diz respeito à questão da memória, Hannah Arendt, em sua obra “Entre o passado e o futuro” (ARENDR,2016), diz que existe um conflito entre o passado e o futuro e a memória dos acontecimentos vividos, que estando no controle dos narradores, tem um grande desafio nesse mundo moderno, em que o fio com a tradição encontra-se rompido. Os indivíduos, segundo a autora, vivem o presente a partir do passado, com as experiências e suas projeções para o futuro. A recordação é uma forma de pensamento que possui na narrativa uma preservação do passado. Assim como Benjamin, Hannah Arendt também acredita que na atualidade os homens perderam essa capacidade de narrar as experiências e se encontram em um lugar de esquecimento e essa memória do passado está completamente comprometida.

Sem a tradição firmemente ancorada – e a perda dessa firmeza ocorreu muitos séculos atrás –, toda a dimensão do passado foi também posta em perigo. Estamos ameaçados de esquecimento, e tal olvido – pondo inteiramente de parte os conteúdos que se poderiam perder – significaria que, humanamente falando, nós teríamos privado de uma dimensão, a dimensão de profundidade na existência humana. Pois memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação. (ARENDR,2016, p.130)

O homem, de maneira isolada, convive de maneira superficial com os outros em um mundo que não valoriza a memória (passado). Segundo Arendt, a perda da valorização da tradição é algo preocupante, pois tem uma relação direta com a origem dos indivíduos. Narrar as experiências tem relação com a maneira com que lidamos com o nosso passado, uma questão de pertencimento a uma cultura, um povo e uma tradição. A memória precisa estar viva na mente das pessoas, pois estimula a imaginação, as diferentes formas de olhar a sociedade e questioná-la, segundo a autora.

O autor Jacques Le Goff, em sua obra “ História e memória” (LE GOFF, 1990), aponta outros aspectos relevantes ao conceito de memória. Segundo o historiador francês, não seria uma memória qualquer, não consistiria em uma memória que está escrevendo para o senso comum, sendo dessa maneira uma memória histórica. A memória dá significado ao acontecimento passado, através dela temos conhecimento do fato, mas principalmente do contexto histórico e social daquele que lembra. A memória coletiva, na visão do autor, serve para a libertação do homem, é um instrumento de poder, mas o silenciamento e esquecimentos da história são muitas vezes indicadores de mecanismos de manipulação dessa memória coletiva.

O conceito de memória é crucial. Embora o presente ensaio seja exclusivamente dedicado à memória tal como ela surge nas ciências humanas (fundamentalmente na história e na antropologia), e se ocupe mais da memória coletiva que das memórias individuais, é importante descrever sumariamente a nebulosa memória no campo científico global. A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p.419)

Para o autor, o estudo dessa memória precisa estar relacionado com as outras áreas do conhecimento, como a psicologia, a biologia, entre outras. É definida como um fenômeno individual e psicológico e também tem relação com o ambiente social e político ao longo do tempo. Como Walter Benjamin e Hannah Arendt, Le Goff destaca que o esquecimento na modernidade traz graves problemas à memória coletiva, tendo impacto na identidade social.

Le Goff, ao analisar o histórico da memória histórica, atenta para as diferenças das sociedades de memória exclusivamente oral e para as fundamentalmente escritas, assim como a passagem de uma para outra. O surgimento da escrita tem relação com as transformações da memória e vai comportar formas importantes desta. A primeira ligada às comemorações, um acontecimento memorável, às celebrações e a segunda ligada ao documento escrito, como um depósito de informações permitindo a comunicação ao longo do tempo.

A memória é dividida em três tipos: a memória específica, com a fixação do comportamento dos animais; a memória étnica, caracterizada pela reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e por fim, a memória artificial, com a reprodução de atos mecânicos. O autor atenta para o fato da memória artificial só poder ser programada por meio da ação do homem. Outro ponto importante é a relação entre história e memória, pois segundo o autor, elas se misturam e se confundem: a história foi desenvolvida nesse processo de rememoração. A nova história e seu esforço na transformação científica da história emergem no contexto do estudo dos lugares da memória coletiva.

A evolução das sociedades, na segunda metade do século XX, elucida a importância do papel, que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. (LEGOFF, 1990, p.469)

2.3 As lembranças da infância e as histórias de vida

O tema das narrativas e seu papel nos acontecimentos históricos é palco de muitas controvérsias entre historiadores, filósofos, sociólogos etc. Sua aceitação como ciência divide opiniões ao longo do tempo. A narrativa está relacionada com as experiências vividas pelos indivíduos dentro de um contexto histórico e social. Na modernidade, essa narrativa tem sido esquecida e deixada de lado em um mundo que valoriza as informações rápidas, que não favorecem a reflexão e tão pouco a relação entre as pessoas.

O historiador Peter Burke, em seu texto “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa” (BURKE, 2011), vai repreender o modelo narrativo utilizado pelos historiadores que, segundo ele, precisa ter um caráter mais amplo. Assim como Benjamin acredita na necessidade de recuperação das narrativas que foram se perdendo ao longo do tempo, segundo Burke, ela deveria ser reinventada. Segundo ele, a “micronarrativa” enquanto técnica, a narração de uma história sobre pessoas comuns que se encontram em lugares comuns, facilitaria esse olhar de uma história vista de baixo⁴, que para Benjamin seria a história dos vencidos.

O texto escrito a partir de 1925 de Walter Benjamin, intitulado como “Rua de mão única”, surgiu no contexto da República de Weimar⁵, que marcou a transição entre a primeira Guerra Mundial e o Nazismo na Alemanha. O autor inicia sua obra se remetendo à juventude, às oportunidades de construir experiências que são importantes para esse momento, à possibilidade de experimentação, de fazer algumas transgressões e, assim, solidificar valores.

⁴ O conceito de História vista de baixo pertence às reflexões de E. P. Thompson.

⁵ A República de Weimar, aconteceu na Alemanha entre o período de 1919 e 1933 (início do regime nazista) caracterizando uma nova forma de governo. O surgimento dessa República Parlamentarista está relacionada com a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial e a crise econômica, social e política que aconteceu na Alemanha.

Para Benjamin, giramos em torno do nosso próprio eixo, somos um processo de muitas coisas. O próprio título "Rua de mão única" nos remete à imagem de algo com apenas uma direção, que não podemos fazer modificações, alterações de percurso no meio do caminho.

Essa obra se constituiu como uma proposta estética e historiográfica diante do mundo capitalista, que surge com rapidez e com uma única direção. A modernidade, por sua vez, valoriza a individualidade e, dessa maneira a experiência coletiva vai perdendo força. O autor pretende refletir a partir do contexto da cidade, ambiente de consumo e em um período marcado pelo desenvolvimento da publicidade e por mudanças no comportamento dos indivíduos, que antes concentravam seu foco na leitura individual dos seus livros e agora convivem na agitação das cidades, onde as informações chegam através dos jornais e letreiros.

A escrita voltada para esse tipo de ambiente seria um elemento de alienação, segundo o autor, pois a maneira que a relação entre espaço urbano e indivíduo se dá, compromete o diálogo, a reflexão e as relações interpessoais. Conforme a humanidade toma padrões mais individuais, a experiência coletiva fica menor. A idéia do tempo é pensada sobre duas perspectivas, associada à mercadoria, ao consumo exagerado e ao modo de produção em que o trabalhador, por sempre fazer as mesmas coisas, perde a consciência das suas próprias atividades na rotina das fábricas.

Na obra "Rua de mão única" podemos observar vários aforismos, tanto de impressões infantis até a influência nazista. Na narrativa dos alunos da NEJA no espaço escolar, percebemos que eles narram também uma infância, constituem uma identidade, por isso a escolha dessa obra tem grande valia para essa pesquisa. Benjamin faz o movimento de trazer uma infância que está presente nas narrativas com certo desencanto do mundo. A narrativa dessa infância, o processo de rememoração permite dar novos significados à experiência, o olhar adulto sobre o passado gera muitas reflexões e possibilidades no presente. Sendo assim, seria de suma importância o olhar atento para infância na tentativa de compreender as histórias de vida.

No fragmento intitulado como "Ampliações", Benjamin agrupa suas lembranças e impressões sobre a relação com os adultos, com os livros, com os brinquedos e diversos espaços. Seria de fato uma ampliação, uma visão atenta para as questões infantis e seus diálogos com o mundo e com a origem de suas experiências. Esse conceito de infância, para o autor, está diretamente relacionado com suas reflexões sobre o conceito de história e com uma recuperação da expressão humana. Para ele, a criança é um indivíduo social dentro de uma história, produto de uma cultura e pertencente a uma classe social.

CRIANÇA DESORDEIRA. Toda pedra que ela encontra, toda flor e toda borboleta capturada já é para ela o começo de uma coleção e tudo aquilo que possui constitui para ela uma única coleção. Na criança essa paixão revela o seu verdadeiro rosto, o severo olhar de índio que continua a arder nos antiquários, pesquisadores e bibliômanos(...) A criança já ajuda a muito tempo, no armário de roupas da mãe, na biblioteca do pai, enquanto que no próprio território continua sendo hóspede mais instável e belicoso. (BENJAMIN, 1987, p.39)

Nesse fragmento, Benjamin descreve a relação das crianças e suas curiosidades, segundo ele, é admirável identificar, respeitar a individualidade da criança, seu tempo e seu nível de experiência. Esta criança quase sempre faz parte das ações do cotidiano da casa e do seu grupo familiar e deve se adaptar às situações e regras. O movimento de fazer a criança ser ela mesma, em suas características e peculiaridades no meio, precisa ser valorizado.

Já a passagem do texto que Benjamin deu o nome de "Filatelia", tem como objetivo refletir sobre a arte de colecionar selos. Segundo ele, as coleções seriam uma forma de comunicação, a coleção de selos possibilitaria conhecer outros lugares e outras culturas.

Existe um incentivo à imaginação, ou seja, aquele elemento que te transporta por caminhos que você não imaginava ou que não necessariamente vai poder estar em algum momento. A criança que coleciona é levada a conhecer outros espaços e interagir de maneira diferente, o colecionar seria uma forma de relacionar-se com o mundo. O ato de colecionar aproxima as pessoas.

Portanto, temos que levar em consideração, segundo Benjamin, que os indivíduos que narram suas histórias de vida estão inseridos em um contexto cultural, político e social e que, dessa forma, a maneira como enxergam a sociedade será determinante no ato de trazer suas lembranças sobre o passado, externando ou silenciando algum elemento de sua vida. A história de vida é um elemento importante para a narrativa, uma reconstrução da própria história, seus sentimentos, sua infância, compondo uma construção social do indivíduo que se narra, seu olhar para si.

Citamos o sociólogo francês Pierre Bourdieu, que em seu artigo “A ilusão biográfica”, publicado em 1986, debate e problematiza questões importantes sobre as histórias de vidas e biografias no campo das pesquisas históricas. Sua principal crítica gira em torno da idéia de que as histórias de vida não podem se limitar na história de uma vida somente, com uma trajetória específica. O pesquisador, segundo o autor, tem sempre a preocupação em extrair os fatos a partir de uma lógica, um sentido e coerência diretamente relacionados à sua pesquisa, dando um caráter artificial dos fatos. As histórias de vida são um campo com muitas fragilidades e peculiaridades, pois, muitas vezes elas são utilizadas apenas para responder às inquietações pessoais dos agentes no campo.

Primeiramente o fato de que a vida constituiu um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” objetiva e subjetiva de um projeto: a noção sartreana de “projeto original” coloca explicitamente o que está implicado nos “já”, “por conseguinte”, “desde a mais tenra idade”, etc., de biografias ordinárias ou nos “sempre” (“sempre amei a música”) das “histórias de vida” (BOURDIEU, 2006, p. 184)

Segundo Bourdieu, não podemos cair no engano de tentar compreender a história de vida dos indivíduos de maneira unilateral, sem estabelecer relações com o ambiente, com o tempo e com as transformações inerentes aos seres humanos. Ele relaciona essa questão ao exemplo de tentar explicar o trajeto de um metrô não levando em consideração a composição da rede, das relações entre as diversas estações.

Para o autor, o relato de vida precisa ser utilizado com muito cuidado, pois, em alguns casos, acaba se aproximando da historiografia tradicional, do modelo da apresentação oficial de si, ligados à carteira de identidade, estado civil, profissão etc. O coerente seria não se afastar da ideia de que, ao narrar, o sujeito narra também sua visão de mundo, garantindo a transmissão de experiências coletivas. Nesse aspecto fica claro o paralelismo com as idéias de Walter Benjamin, que entende que a narrativa parte do singular, embora, em muitos momentos esta tenha encontros com o outro, as narrativas das histórias de vida se constroem nas narrativas de outras narrativas.

Sendo assim, partindo dos diversos aspectos aprendidos nos estudos sobre a importância das histórias de vida e das narrativas desse conjunto de brilhantes autores aqui mencionados, faremos uma breve narrativa sobre a história do *locus* de nossa pesquisa, para, em seguida, apresentarmos o resultado dela, refletindo sobre os diversos aspectos que a experiência pedagógica com as narrativas de nossos alunos nos proporcionou.

3 BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SEROPÉDICA, DO BAIRRO SÃO MIGUEL E DO COLÉGIO ALICE DE SOUSA BRUNO

Em uma pesquisa que pretende trabalhar com narrativas históricas envolvendo sujeitos que pertencem a uma determinada localidade, não pode faltar um breve relato histórico sobre o surgimento dessa localidade, para possibilitar um melhor entendimento do contexto ao qual pertencem, possibilitando, assim também, um melhor entendimento sobre esses sujeitos que constituem suas identidades influenciados por diversos elementos, dentre eles, esse local de pertencimento.

3.1 Antecedentes históricos do município de Seropédica

Inicialmente, a história do município de Seropédica confunde-se com a história de Itaguaí, município que lhe deu origem. As terras conhecidas como Seropédica tem sua origem vinculada à produção da seda, a partir do bicho da seda. O próprio nome da cidade procede de um neologismo formado por *sérico*, termo relacionado à seda, e *paidós* que se refere ao cuidado ou fabrico, produção, e que tem sua origem em 1875, a partir do nome da fazenda ali instalada, Fazenda Seropédica do Bananal de Itaguaí. Seu proprietário era o Sr. Luiz Resende que, por volta do ano de 1875, chegou a produzir cerca de 50 mil casulos de bicho da seda por dia.

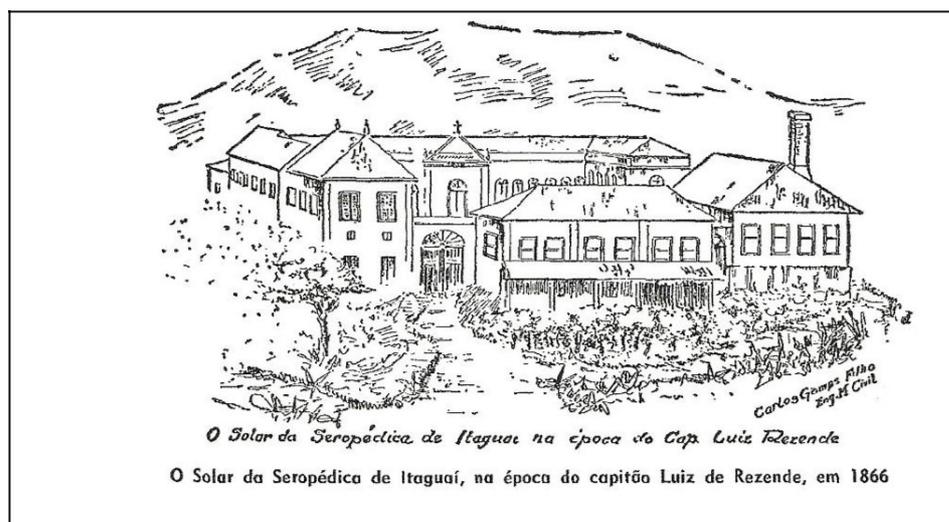


Figura 5 - Solar de Luiz Resende / 1866

Fonte: COUTINHO, 2014, p. 41

Os primeiros registros escritos apontam para a ação jesuítica na região com a finalidade de catequizar os indígenas, habitantes originais da terra. A aldeia que ali surgiu foi alçada à categoria de Vila em 1818, sob o título de Vila de São Francisco Xavier de Itaguaí, resultante do desmembramento dos territórios de Angra dos Reis e do Rio de Janeiro. O povoamento que se instalou na região dedicava-se às atividades rurais e comerciais, destinadas à exportação. Após a década de 1880, com a abolição da escravatura, ocorreu uma forte crise econômica, resultando no abandono das terras e paralisando por décadas o desenvolvimento econômico da região. Constata-se que as políticas de povoamento do Império não tiveram efeitos satisfatórios, a julgar que muitas das áreas concedidas tornaram-se devolutas.

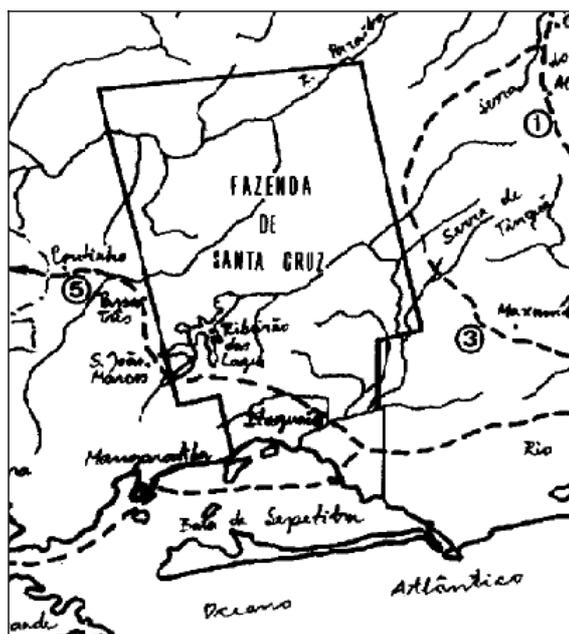


Figura 6 - Real Fazenda de Santa Cruz

Fonte: COUTINHO, 2014, p. 41

Após a inauguração da antiga estrada Rio-São Paulo, desenvolveu-se grandes centros, entre eles, alguns núcleos coloniais como Santa Cruz, Piranema e Santa Alice, trazendo de volta ao município um pouco de sua importância que havia sido perdida após a construção da estrada de ferro central do Brasil, quando a produção de café do vale do Paraíba fora desviada para São Paulo.

Em 1945, anos antes da instalação do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a população constituía-se exclusivamente dos funcionários do Horto Florestal de Seropédica e de suas famílias. Nas proximidades desta região não havia escolas. A partir de 1997, Seropédica tornou-se mais um município do estado do Rio de Janeiro, após a emancipação do município de Itaguaí. Passou, então, a ser conhecida como a cidade dos estudantes, em função da presença marcante e decisiva da UFRRJ. O primeiro edifício do campus surgiu da recuperação de um dos antigos prédios utilizados na fabricação de seda da fazenda.

Segundo Coutinho (2014), em 1995 Seropédica tornou-se um município separado de Itaguaí. Em praça pública no centro da cidade, a emancipação foi sancionada pelo governador Marcello Alencar, que, através da assinatura da Lei Estadual n.º 2.446 de 12 de outubro, aprovou o desmembramento do Município de Itaguaí. O Projeto de Lei 464 foi votado e aprovado pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

O estudo aponta que seguidores do prefeito de Itaguaí afirmavam a dificuldade de garantir a sobrevivência econômico-financeira do município quando este se tornasse autônomo, enquanto os adeptos da nova municipalidade alegavam a certeza pelo desenvolvimento e prosperidade. A leitura dos depoimentos evidencia que a presença de uma universidade federal na região foi utilizada tanto para abonar a posição favorável, quanto a tendência contrária à emancipação. Os setores de oposição à emancipação justificavam a importância de tal polo educacional para o município de Itaguaí. (COUTINHO, 2014, p.53)

Não podemos afirmar que esse processo de emancipação se deu de forma unânime e pacífica, pois a cidade estava dividida em setores que apoiaram o desmembramento, enquanto

outros grupos colocavam-se contra ao novo município. Foram, então, necessários dois plebiscitos para que a população aprovasse a emancipação. A associação de moradores também participou dessa luta e a campanha se organizou em comissões criadas para mobilizar e encaminhar o processo de emancipação.



Figura 7 - Plebiscito.

Fonte: <https://www.seropedicaonline.com/wp-content/uploads/2015/03/foto05.png>

3.2 A instalação do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em Seropédica.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro teve sua origem a partir da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (ESAMV), criada pelo Decreto 8.319, de 1910. A ESAMV foi vinculada ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio e se constituiu na primeira representante federal do ensino superior agrônomico brasileiro.

A instituição, segundo Otranto (2009), passou por duas mudanças de endereço. Primeiramente foi transferida para o atual município de Pinheiral, em 1916, e dois anos mais tarde, para a cidade de Niterói, no Horto Botânica até os anos de 1927, quando retornou para a cidade do Rio de Janeiro, a capital federal, na Praia Vermelha. Na década de 1920, a ESAMV sofreu uma ampliação, recebendo o novo curso de Química Industrial Agrícola, em 1925. O nome da instituição se manteve, fazendo referência apenas aos cursos de Agronomia e de Veterinária, mesmo com a inclusão do curso de Química.

Em 1948, a instituição de ensino superior chamada à época Universidade Rural, localizada no bairro da Urca na cidade do Rio de Janeiro, um dos órgãos que compunha o Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas (CNEPA), transferiu definitivamente seu campus para as margens da estrada Rio - São Paulo impulsionando o desenvolvimento urbano de Seropédica, um distrito do município de Itaguaí (OTRANTO, 2009, p.84)

A expansão populacional da cidade de Seropédica está diretamente relacionada à instalação do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro na região. Segundo Coutinho (2014), com a presença da Universidade, a região retomou um pequeno processo de ocupação, surgiram às primeiras escolas garantindo de certa forma alguma instrução à população que se instalava em seu entorno. A presença da instituição universitária motivou o desenvolvimento comercial e a prestação de serviços para atender às necessidades de professores, técnico-administrativos e estudantes que para lá se deslocavam.



Figura 8 - Construção do Novo Campus

Fonte: <https://institucional.ufrj.br/ccs/historia-da-ufrj/>

Apesar da instalação privilegiada, ela não contemplava o Campo de Experimentação e Prática Agrícola que ficava em Deodoro, distante cerca de 40 Km da sede, com a agravante da precariedade das estradas e dificuldade de transportes. Mas a Escola tentava superar tanto estas quanto as outras dificuldades mencionadas anteriormente, baseando sua trajetória em três pontos principais: a) o professor recrutado por concurso; b) a eficiência dos seus laboratórios; c) o próprio Campo de Experimentação que, apesar da distância, era pré-ponderante na formação dos estudantes (OTRANTO, 2009, p. 64-65).

Na década de 1960, a Instituição ainda era denominada Universidade Rural e subordinada ao Ministério da Agricultura. Em primeiro de agosto de 1960, o Decreto nº 48.644 atribuiu-lhe a designação de Universidade Rural do Rio de Janeiro e a Lei Delegada nº 9, de 11 de outubro de 1962, denominou-a Universidade Rural do Brasil, mantendo-a, juntamente com a Universidade Rural de Pernambuco, subordinada ao Ministério da Agricultura, segundo Otranto (2009).

Durante o período da Ditadura civil- militar no Brasil, a UFRRJ sofreu forte repressão política, o Reitor da época Ydérzio Luiz Vianna foi retirado do cargo, assim como vários outros professores. Para o seu lugar foi nomeado um interventor, Frederico Pimentel Gomes, estatístico de Piracicaba, que ficou por aproximadamente um ano na direção da Universidade. Os Diretórios Acadêmicos dos alunos de agronomia e veterinária foram fechados e tudo que era falado ou escrito era monitorado na Instituição. A Universidade, nesta mesma época, passou a ser subordinada ao Ministério da Educação e começou a adaptar-se às novas regras, o que incluiu a redução de verbas.

Historicamente, grande parte dos cursos de formação de professores tiveram origem na proximidade com centros urbanos, onde a incidência de escolas gera esse processo. Segundo Coutinho (2014), na década de 1990 existiam poucos cursos de licenciatura, pois, a criação de tais cursos estava relacionada ao espaço urbano e ao processo de urbanização de um determinado território. A Universidade Rural, desde que se instalou no Campus de Seropédica, não possuía em seu entorno grande número de escolas que justificassem a criação de licenciaturas para atuação em colégios de educação básica de ensino.

Nessa época, a universidade estava vinculada ao Ministério da Agricultura, e seu interesse era prestar assistência ao desenvolvimento das atividades agropecuárias, fomentando a pesquisa nesse campo do conhecimento, apoiando as atividades do campo, atendendo, sobretudo, aos interesses dos grandes proprietários rurais. Tal fato se comprova quando se identificam os cursos oferecidos e suas motivações. Os

primeiros cursos de licenciatura da UFRRJ remontam a um período quando a instituição já havia se consagrado no ambiente acadêmico brasileiro, como uma referência no e para o setor agrário do país, aspecto que se mantém até os dias atuais. (COUTINHO, 2014, p.90)

Esta realidade mudou significativamente, em conformidade às alterações sofridas nas regiões de seu entorno, em especial, nas últimas décadas, acompanhadas de mudanças nas políticas públicas educacionais, tais como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), criado no governo de Luís Inácio Lula da Silva, em 2007, como parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Atualmente, a UFRRJ oferece 14 cursos de licenciaturas presenciais apenas em seu *campus* de Seropédica, sendo eles de Belas Artes, Ciências Agrícolas, Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Educação do Campo, Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Química. Cabe destacar também que a UFRRJ possui dois outros *campi*, no município de Nova Iguaçu e de Três Rios e integra o Consórcio⁶ CEDERJ, oferecendo também cursos de licenciatura a distância.

3.3 O atendimento da EJA no Município de Seropédica

O Plano Municipal de Educação de Seropédica (PME) contém as diretrizes e metas estabelecidas a curto e médio prazo, entre 2015 a 2025, referentes à EJA, em consonância com as metas do Plano Nacional de Educação, para melhorias da educação no município.

Meta 03 -Universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio 85%.

Meta 08 - Elevar a escolaridade média da população de 18 a 29 anos, de modo a alcançar, no mínimo, 12 anos de estudo no último ano de vigência deste Plano, para as populações do campo, da região de menor escolaridade no País e dos 25% mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE.

Meta 09 - Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional.

Meta 10 - Oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de Educação de Jovens e Adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional (SEROPÉDICA, 2015).

O analfabetismo é uma triste realidade do município; além das pessoas que nunca frequentaram a escola, existem aquelas que já frequentaram, mas precisaram interromper os seus estudos, por alguma circunstância. Em 1998, na cidade de Seropédica, a EJA foi implementada com 4 unidades escolares funcionando em regime regular noturno, com a oferta de EJA nas modalidades dos Anos Iniciais e Anos Finais, com 424 estudantes matriculados, com idade igual ou superior a quinze anos (SEROPÉDICA, 2015).

Muitas famílias da cidade enfrentam dificuldades financeiras, de alimentação e de moradia. Segundo o último recenseamento realizado em 2010 pelo IBGE, os domicílios de

⁶ CEDERJ é um Consórcio formado pelas universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro – Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – com o apoio da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia (SECT).Ao final da faculdade, o aluno recebe o diploma de uma dessas instituições, da mesma forma que um aluno que cursa presencialmente.

37,4% da população viviam com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa (IBGE,2010). Ainda em 2010, segundo último censo do IBGE, Seropédica tinha 78.186 habitantes, sendo 59.711 pessoas com 15 anos ou mais. Dentre essas, 5,9% se autodeclaravam analfabetas. No mesmo ano, o número de matrículas da EJA foi de 3.637, entre presencial e semipresencial (IBGE, 2010)

Atualmente, segundo o Censo Escolar/INEP de 2020, Seropédica possui 53 escolas públicas, municipais e estaduais, da educação básica e 1.695 matrículas na modalidade da EJA\NEJA. Observa-se um crescimento no número de matrículas de 9.7% em relação ao ano anterior que foi de 1.545. (CENSO ESCOLAR, 2020).

Tabela 1: Número de matrículas da EJA\NEJA nas escolas públicas, municipais e estaduais, em Seropédica;

ANO	SEROPÉDICA
2017	1600 matrículas
2018	1717 matrículas
2019	1545 matrículas
2020	1695 matrículas

Fonte: Censo escolar (2020)

Tabela 2: Matrículas da NEJA estadual em relação ao total de matrículas EJA nas escolas públicas em Seropédica

ANO	NEJA ESTADUAL SEROPÉDICA
2017	34,87%
2018	32,26%
2019	38,12%
2020	39,23%

Fonte: Secretaria da Escola

Sobre a EJA, cabe destacar ainda que se trata de uma modalidade educativa que, desde a sua origem, luta pelo direito de existir, uma vez que vai contra os interesses da sociedade elitista e busca através da alfabetização formar cidadãos mais críticos e participativos, que lutam por seus direitos. Esse entendimento da Educação de Jovens e Adultos pertence a um contexto bastante recente na história do nosso país, sendo referenciado apenas no século XX. Inicialmente, esse tipo de modalidade educativa foi implementada no Brasil a partir do processo de industrialização acelerada e da conseqüente necessidade de mão de obra qualificada na década de 1930, a fim de favorecer a economia. Na época, foram criados cursos profissionalizantes para jovens, sendo que grande parte deles atendia à população menos favorecida.

Até então, os sujeitos da classe trabalhadora eram vistos apenas como operadores de máquinas, não havendo necessidade de desenvolverem qualquer tipo de senso crítico. Foi o educador Paulo Freire que, a partir da década de 1950, desenvolveu uma proposta de pedagogia libertadora para essa classe, pensando na formação plena do ser humano e numa sociedade mais justa. Sendo assim, Paulo Freire é considerado o precursor da educação popular e libertadora, pois seus métodos não eram elitistas e se adequavam à realidade dos jovens e adultos camponeses e trabalhadores.

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo – se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra. (ARANHA, 1996, p.209)

Porém, infelizmente, no período da ditadura civil militar no Brasil, instaurada em

1964, toda essa ideia foi destruída e outros programas de EJA foram implementados. Assim, a trajetória da Educação de Jovens e Adultos passou a se desenvolver em nosso país com o projeto do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que surge no período da ditadura, em 1967 assinado pelo então presidente Costa e Silva, com o principal objetivo de acabar com o analfabetismo da população brasileira, em uma lógica tecnicista e produtivista, para atender aos interesses do mercado.

Segundo Germano (1994), as reformas educacionais deste período estavam voltadas para uma política fundamentada em uma relação estreita entre educação e capitalismo, na desvalorização da educação pública e gratuita e no controle ideológico, militar e político. Esse caráter repressivo pode ser notado no Decreto- Lei Nº 477, de 26 de fevereiro 1969, que diz:

Art. 1º Comete infração disciplinar o professor, aluno, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino público ou particular que:

I - Alicie ou incite à deflagração de movimento que tenha por finalidade a paralisação de atividade escolar ou participe nesse movimento;

II - Atente contra pessoas ou bens tanto em prédio ou instalações, de qualquer natureza, dentro de estabelecimentos de ensino, como fora dêle;

III - Pratique atos destinados à organização de movimentos subversivos, passeatas, desfiles ou comícios não autorizados, ou dêle participe;

IV - Conduza ou realize, confeccione, imprima, tenha em depósito, distribua material subversivo de qualquer natureza;

V - Seqüestre ou mantenha em cárcere privado diretor, membro de corpo docente, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino, agente de autoridade ou aluno;

VI - Use dependência ou recinto escolar para fins de subversão ou para praticar ato contrário à moral ou à ordem pública. (BRASIL, 1969)

Segundo o autor, o MOBRAL se limitava a técnicas de leitura, escrita e cálculo, relacionados apenas aos deveres dos alunos como cidadãos ideais daquele projeto político-pedagógico. O currículo escolar e o material utilizado eram elaborados por técnicos de formação acadêmica e militares, focado em uma educação direcionada ao mercado, excluindo qualquer preocupação com a formação humana crítica dos sujeitos. Tal projeto diverge radicalmente da proposta desenvolvida pelo educador Paulo Freire (1978), que acreditava em uma educação conscientizadora e transformadora, com base no diálogo e na reflexão. Freire criticava o que intitulou como “Educação Bancária”, onde o conhecimento era depositado nos educandos pelos educadores, colocando-os, assim, como agentes passivos neste processo.

Para manter a contradição, a concepção “bancária” nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora – situação gnosiológica- afirma a dialogicidade e se faz dialógica. (FREIRE, 1978, p. 78).

Ora, sabemos que a educação é uma ferramenta que fortalece o indivíduo como participante da sociedade. Para Gadotti (2013), o Brasil nunca se preocupou, de fato, com o direito do aluno à educação, em especial, àqueles das classes desfavorecidas. Direito esse que não se limita apenas ao acesso ao espaço da sala de aula, mas a construção e desenvolvimento social, ideológico e político deste participante. Nesse sentido, seria necessária uma educação com qualidade social para garantir uma “aprendizagem transformadora” (GADOTTI, 2013, p.7) que, independentemente da idade dos sujeitos, fosse um direito social e humano, com equidade e igualdade para todos, garantido pelo Estado. Infelizmente, o que vemos atualmente é o contrário disso: um desinteresse do Estado em oportunizar o ensino a jovens e adultos, fechando e reduzindo o oferecimento de vagas nesta modalidade.

3.4 O Bairro de São Miguel, o Colégio Alice de Souza Bruno e a NEJA.

O Bairro de São Miguel fazia parte de uma fazenda que, com a morte de seu proprietário, foi dividida em três: fazenda Águas lindas, Jardim Belvedere e São Miguel. Por volta de 1930, o bairro começou a ser criado no entorno da estrada Presidente Dutra. Todo o trajeto dos moradores era feito á pé e as ruas eram “trilhas” cheias de mato. Para a alimentação, os moradores precisavam se deslocar para o centro de Seropédica, onde existiam pequenas mercearias. A população se alimentava do que plantava e para cuidar da saúde recorriam ao ambulatório dentro da Universidade.



Figura 9 – Via de acesso ao bairro de São Miguel
Fonte: Marins (2020)



Figura 10 – Vista do bairro de São Miguel
Fonte: Marins (2020)

A primeira escola do Bairro foi a Creche Alice de Souza Bruno, que mais tarde teve seu desdobramento no que hoje é o Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, em homenagem à moradora de Itaguaí, Alice de Souza, mulher negra, de família humilde, aprendeu a ler com 5 anos e alfabetizou seus próprios pais, desabrochando, assim, a sua vontade em lecionar. Após se casar, ela se mudou para o Estado de Minas Gerais, onde começou a exercer a função de

professora rural municipal da Escola Major Antônio Barbosa.

Em 1963, após sofrer alguns problemas de saúde, retornou ao Rio de Janeiro e começou a dar aulas no Grupo Escolar Clodomiro Vasconcelos, em Itaguaí. Aos quarenta e quatro anos fez o primeiro concurso de ingresso para professora efetiva do estado, mas, por conta de sua idade avançada, foi impedida de tomar posse. Através de um mandato de segurança, conseguiu posteriormente o direito de ser professora estadual, porém, com a condição de refazer o concurso de ingresso e, novamente, atingiu a primeira classificação, podendo, assim, escolher a escola em que quisesse lecionar. Por já ter dado aulas no Colégio Grupo Escolar Clodomiro Vasconcelos, o mesmo foi escolhido por ela. Alice foi professora dedicada e deu a vida à arte de ensinar, servindo como exemplo de perseverança e profissionalismo para muitos dos nossos alunos e alunas do colégio que hoje leva o seu nome.

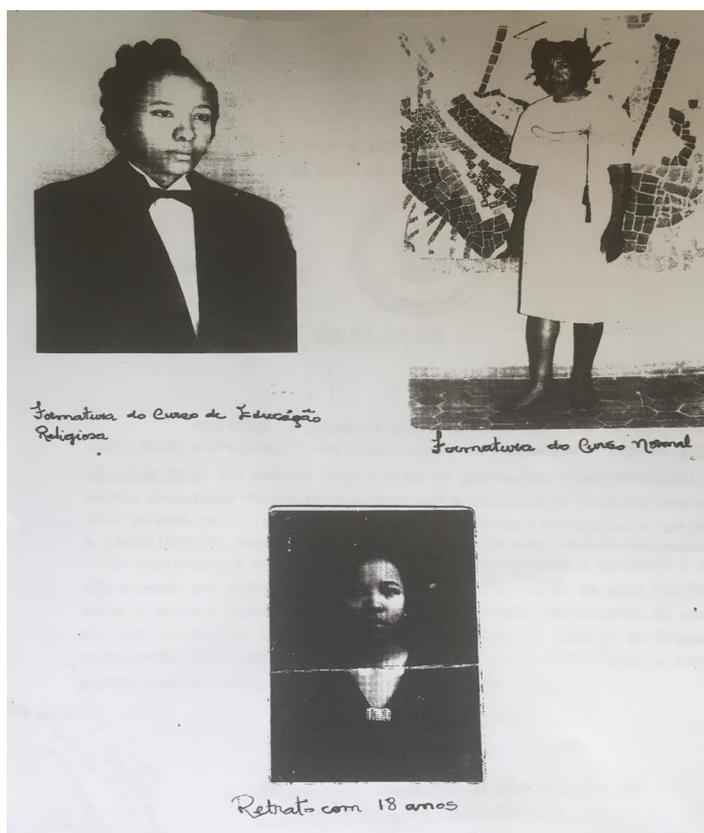


Figura 11– Alice de Souza Bruno

Fonte: Arquivo do Colégio Alice de Souza Bruno (2020)

No Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, a modalidade NEJA foi implementada em 2017, com 29 alunos matriculados. O perfil do aluno da NEJA do colégio é na sua maior parte composto por trabalhadores, donas de casa, jovens e idosos. Em 2020, a predominância é de alunos do sexo feminino, totalizando 57,89% dos estudantes.

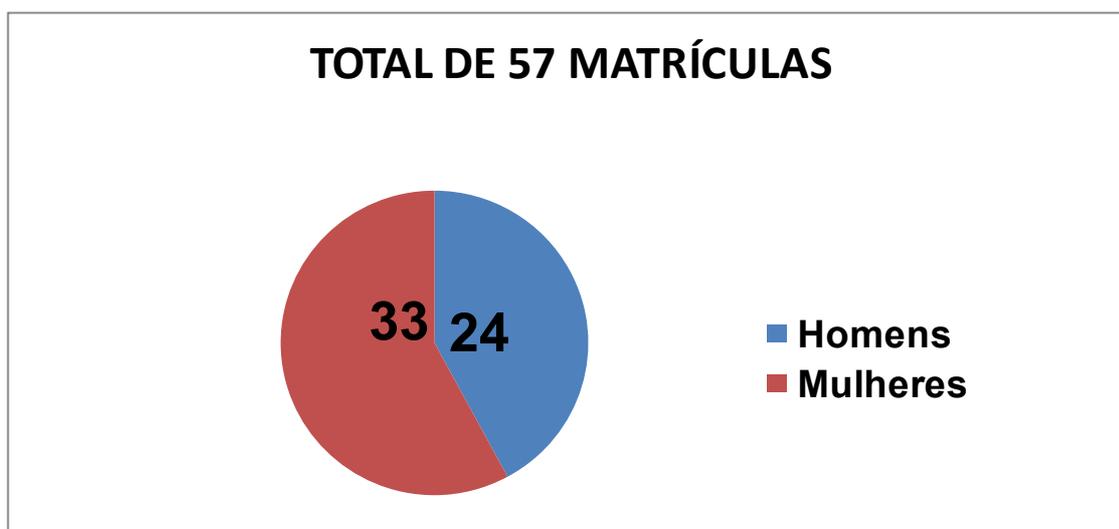


Gráfico 1 – Número de matrículas na NEJA no Colégio Estadual Alice de Souza Bruno por sexo.

Fonte: Secretaria da Escola

Tabela 3: Matrículas da NEJA no Colégio Estadual Alice de Souza Bruno em relação ao total de matrículas da NEJA estadual em Seropédica

ANO	CEASB X SEROPÉDICA
2017	5,19%
2018	14,62%
2019	19,18%
2020	*8,57%

Fonte: Censo Escolar(2020) e Secretaria da Escola

No Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, houve redução de aproximadamente 50% dos números de matrículas nesta modalidade de 2019 para 2020, como verificamos no Censo Escolar de 2020⁷ e nos dados fornecidos na própria secretaria da escola. A retração de

⁷ BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo Escolar da Educação Básica**. Brasília: INEP, MEC, 2020. (Resumo Técnico). Disponível em: Lista de Publicações - INEP . Acesso em: 24 nov. 2020.

matrículas da NEJA na etapa do Ensino Médio oferecida nesta escola tem relação direta com o fato das escolas da rede municipal estarem encerrando a oferta da NEJA na etapa do Ensino Fundamental. Os alunos, por morarem em um bairro rural e de difícil acesso, acabam não tendo opções de estudar em outras escolas da rede municipal de ensino que ofertem a modalidade da NEJA e, conseqüentemente, não dão continuidade ao Ensino Médio ofertada pelo Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, única escola estadual do bairro de São Miguel

Esse fenômeno de encerramento de matrículas da NEJA na etapa do ensino fundamental no Município de Seropédica ocorre também em outros municípios da baixada fluminense, como mostra Barão (2019), que, em sua pesquisa, destaca a tendência de extinção dessas matrículas em municípios como Duque de Caxias, Belford Roxo e Nova Iguaçu, relacionadas à condução das políticas públicas para a NEJA e para essa classe trabalhadora.

As principais dificuldades observáveis no processo de ensino-aprendizagem desse público, em grande parte das vezes vêm atreladas às dificuldades de leitura e escrita que perpassam todas as disciplinas. Infelizmente, a maioria dos alunos se encontra sem ânimo e sem perspectivas de melhoria de vida através dos estudos, mesmo com todo o incentivo proporcionado por parte desta escola. A Secretaria Estadual de Educação parece não se preocupar em criar alternativas para reverter essa situação.

A situação ficou mais difícil ainda no caso da NEJA no contexto da pandemia de COVID 19; com o fechamento das escolas públicas e sem a oferta de suporte aos alunos, muitos acabaram desistindo e trancando suas matrículas. O bairro de São Miguel, onde o Colégio Estadual Alice de Souza Bruno está inserido, possui uma qualidade baixa de provedores de internet e os alunos, carentes de condições financeiras para ter acesso à internet em seus lares, foram muito prejudicados.

Além da necessidade de vagas que atendam de forma efetiva a demanda da cidade na modalidade da NEJA, a garantia de permanência dos estudantes nela também merece muita atenção por parte do poder público. Uma vez que o currículo presente nas escolas precisa ser adaptado para a realidade dos alunos, cabe aos educadores desenvolverem práticas educativas que facilitem a aprendizagem do público de jovens e adultos. Mas, para tanto, os educadores também precisam receber apoio e formação que os possibilitem a desenvolver tais práticas. Caso contrário, se sentirão oprimidos por exigências que não conseguirão cumprir.

Segundo Freire (2005), o currículo precisa ser diferenciado, integrado tendo o educando como parte no processo de sua construção, sendo visto e pensado pela ótica destes. A construção destes conteúdos deve estar baseada no diálogo e na cultura que, segundo o autor, possibilitará a libertação dos oprimidos. Esse currículo deve romper com a ideia de conteúdos pré-estabelecidos, tradicionalmente repetidos anos após anos no ambiente escolar, pensado de maneira vertical. Na concepção freireana de educação, ambos, educadores e educandos, têm a capacidade de educar e de ensinar, pois “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1978, p. 96)

4 AS NARRATIVAS HISTÓRICAS COMO PROJETO EDUCATIVO

Walter Benjamin e Paulo Freire, cada um a seu modo, pensam a educação a partir da crítica dos paradigmas da modernidade e como meio para a possibilidade de transformação do mundo através da história dos próprios indivíduos, inseridos dentro de um tempo e de um determinado contexto histórico. Ambos mantêm o olhar atento aos vencidos da história e para o estado de opressão em que se encontram, paralisados frente ao mecanismo social da civilização urbana e industrial. Os educadores, segundo Freire (1978), devem estimular os alunos a assumirem o papel de possuidores do conhecimento, para viverem a experiência de sujeitos transformadores.

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1978, p. 91).

Trazendo a crítica de Benjamin sobre conceito de experiência na modernidade para o campo da educação, entendemos que o ambiente escolar se apropria da experiência no ato educativo “quando considera, como observamos, a gama de saberes que constituem um ser humano em geral” (DE ANDRADE PEREIRA, 2006, p. 74). Toda essa vivência, quando atrelada à “ideia”, torna-se a experiência (conhecimento), segundo Benjamin. Segundo este autor, um dos grandes problemas a ser enfrentado é que os indivíduos desse mundo moderno se encontram muitas vezes dispersos, distraídos em meio ao excesso de tecnologias disponíveis, gerando um tipo de conhecimento passivo, repetitivo e superficial, desprovido de memória. Sendo assim, a proposta, de Benjamin, seria criar novos e infindáveis sentidos e utilizar a experiência da ideia como recurso didático por meio da reflexão, através de sua formulação na narração, incidindo na produção de um conhecimento ilimitado.

Para o filósofo, é fundamental pensar a história de maneira multidisciplinar, possibilitando várias formas de produção do conhecimento histórico. A sociedade, segundo ele, só terá interesse pela narrativa histórica quando esta for pensada a partir da realidade social. Deve-se caminhar unido com a prática, possibilitando a construção de práticas pedagógicas diferenciadas, com as quais nos relacionamos cotidianamente nas escolas. Dessa maneira, as narrativas podem se tornar atividades que incentivam a exposição do ponto de vista do aluno, sob orientação do professor, para que este possa aprender os caminhos de sua construção textual, trazendo a reflexão sobre o tema proposto.

4.1 Os narradores da própria “história”

Benjamin transita pelo caminho de uma educação pensada e praticada de forma crítica, associada diretamente às suas críticas à sociedade moderna, marcada notadamente pelo desenvolvimento do capitalismo e pela afirmação da sociedade burguesa. Segundo ele, um dos principais problemas da modernidade é a anulação da experiência coletiva e de toda tradição comum entre os homens. Essa situação estabeleceu um tipo de sociedade marcada pelo fim da experiência individual e coletiva e pela imposição da busca incessante do novo

O autor propõe a idéia da retomada do passado para poder compreender o futuro, reconhecendo a intenção do passado no presente. A história, segundo Benjamin, representa os acontecimentos, os personagens, a realidade que se apresentam pressupostos no texto narrativo e a narrativa é a forma como essa realidade é expressa. A realidade histórica é

exposta a partir da experiência que decorre de pessoa para pessoa, por isso o caráter contínuo de fazer história, ou melhor, histórias.

Marc Bloch, em sua obra *Apologia da História* (BLOCH, 1949), já propunha um retorno ao passado, não apenas para compreendê-lo, mas sim, para agi-lo no presente. Segundo ele, embora a história tenha um caráter arcaico e embrionário da narrativa, ela também deve ser vista e pensada como algo novo, refletida nas análises atuais, adentrando além dos fatos superficiais. A partir de uma investigação para além da própria ciência, Bloch permite pensar o ofício do historiador diferente dos outros estudiosos, tendo seus próprios métodos, práticas de trabalho e delimitação do objeto de estudo.

Tanto Marc Bloch como Benjamin afirmam que a fonte da história é a memória, forma individual e coletiva dos homens. Eles criticam também o positivismo e aqueles que pensam a história como um acúmulo de acontecimentos. Ambos acreditam que não existe uma maneira exata para a explicação dos fatos históricos e que devemos estar atentos aos processos da investigação histórica e a possibilidade de dar vozes aos agentes históricos.

Nesse sentido, a crítica sobre o materialismo histórico é algo visível nos textos de Benjamin, que pensa a história sempre a partir dos vencidos, buscando superar as limitações da história vista de cima dos grandes fatos históricos, grandes heróis e vencedores. Para Benjamin, o materialismo histórico não daria conta de entender a humanidade através da produção (matéria), contando os fatos a partir da visão econômica. Sua crítica procurou de certa forma se desassociar da ortodoxia marxista da época, olhando para as lutas de classes com uma visão crítica da filosofia e repreendendo a sociedade moderna e a mecanização da vida.

Para Karl Marx, o materialismo histórico seria fundamental na quebra da homogeneização da história pelas classes dominantes. A luta de classes seria o único meio para o fim da exploração, gerando o fim das contradições históricas. Porém, esse era o maior receio de Benjamin, pois essa visão culminaria na perda do sentido da compreensão histórica. O historiador materialista, segundo ele, deveria conservar a memória, mantendo o olhar para o lado da história que é ignorado pela historiografia dominante. Seria uma proposta de um materialismo histórico sensível a partir de uma visão atenta para as culturas do passado.

O materialista histórico não aspira a uma apresentação homogênea nem tampouco contínua da história. Do fato de a superestrutura reagir sobre a infra-estrutura resulta que não existe uma história homogênea, por exemplo, a história da economia, nem tampouco existe história da literatura ou do direito. Por outro lado, uma vez que as diferentes épocas do passado são tocadas pelo presente do historiador em graus diversos (sendo muitas vezes o passado mais recente nem sequer tocado pelo presente; “este não lhe faz justiça”), uma continuidade histórica é inviável. (BENJAMIM, 2006, p. 512.)

Benjamin tem uma posição singular do pensamento marxista, pois, ao mesmo tempo em que elogia os conceitos que criticam à sociedade burguesa, ajudando a inserção do sujeito na luta de classes, ele também afirma que o marxismo não seria a solução para todas as questões e inquietações, seria um estímulo para as descobertas das novas possibilidades que os indivíduos aspiram modificar. O capitalismo, segundo o autor, desenvolveu muitas formas para manipular o comportamento e a ideologia dos indivíduos. Benjamin atentava para as tensões além do capitalismo presente, o que não tinha acontecido ainda, diferente da doutrina marxista em seu modelo social democrático, que transmitia à consciência dos trabalhadores a ilusão de estarem no ápice do movimento, condicionando a ideia do marxismo como ciência.

Assim como Benjamin, o historiador inglês Edward Thompson (THOMPSON, 1987) vai pensar em uma história vista de baixo, uma história que emerge das classes populares, diferente de toda historiografia tradicional dominante. Thompson renovou a narrativa sobre a

história dos operários ingleses em sua obra mais famosa “A formação da classe operária inglesa”, em que repensou a historiografia vigente e deu origem a História Social Inglesa, percebendo os trabalhadores como agentes da própria história. A reconstrução da experiência de pessoas comuns também é um ponto crucial para Benjamin, que enxerga a importância do ato de narrar para resgatar as experiências passadas de geração em geração. Ambos os autores percebem o distanciamento da doutrina marxista pela experiência, não permitindo as ações humanas como partes da história. A classe social, segundo Thompson, não é determinada apenas pelas questões econômicas, ela também carrega as experiências cotidianas, cultura e tradições dos indivíduos.

“A experiência de classe é determinada em grande medida, pelas relações de produção em que nasceram (...). A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais” (THOMPSON, 1987 p.10)

Entendemos que as narrativas apresentam a realidade cotidiana do aluno que muitas vezes de maneira clara e objetiva expõe as demandas deste indivíduo. Nesse sentido, o professor, como formador de cidadãos conscientes, pode propor diferentes métodos que qualifiquem a aprendizagem do aluno, diante da realidade social que o cerca. Para Libâneo (2006, p. 78), “O professor precisa, portanto, de uma teoria que explicita a direção pretendida para a tarefa educativa de humanização do homem, extraída de uma concepção de educação enquanto prática social transformadora.” Dessa forma, o educador tem a liberdade de utilizar diferentes estratégias pedagógicas com o aluno, uma vez que o ensino se trata de uma prática social, que se fortalece pela troca de saberes.

O contexto escolar apresenta formas e maneiras em sua construção, que se revelam no cotidiano de sua prática social, que também envolve a cultura e a história, elementos que influenciam o aprendizado do aluno, tendo como mediador o professor, que deve incentivar a capacidade crítica e intelectual deste, através de estratégias motivadoras. Educar é intervir na capacidade de ser e de agir das pessoas. Assim como Benjamin, Libâneo acredita que as mediações culturais, isto é, as ferramentas simbólicas e materiais, destacam-se mediante um processo de comunicação. É disto que trata a Pedagogia: a mediação de saberes e modos de agir. (LIBÂNEO, 2006, p. 215).

4.2 A história pela memória /Análise das entrevistas

Tendo como fundamento as reflexões supracitadas, percebemos que as entrevistas realizadas nesta pesquisa trouxeram grande contribuição para refletir sobre a utilização das narrativas como instrumento esclarecedor do contexto histórico de diferentes grupos sociais, como construtoras de uma identidade cultural e social. Para tanto, nossa coleta de dados se deu através de entrevistas autorizadas por 13 alunos do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, da modalidade NEJA do Ensino Médio, realizadas entre os meses de dezembro de 2020 e maio de 2021.

O perfil dos sujeitos da pesquisa é composto por trabalhadores, aposentados, donas de casa, jovens e idosos que se encontram na faixa etária de 21 a 65 anos. A amostra possui 9 mulheres: 2 moram no bairro desde que nasceram, 5 moram no bairro a mais de 19 anos e 2 a menos de 6 anos. Possui também 4 homens: 1 mora no bairro desde que nasceu, 1 mora a mais de 40 anos e 2 a mais de 6 anos.

É importante destacar que a parte prática desta pesquisa foi realizada durante a pandemia da COVID-19, assim sendo, o número de entrevistados foi reduzido, pois a maioria dos alunos pertencem ao grupo de risco. Cabe ressaltar também que essa situação trouxe uma

nova realidade para o contexto da sala de aula, que, ao invés de aulas presenciais, passou a funcionar em sistema remoto, por meio do uso de aplicativos, mídias e plataformas oferecidas pela escola, em conformidade à lei abaixo citada. Esse distanciamento tem sido bastante prejudicial à dinâmica das aulas, devido à dificuldade de acesso à internet por parte dos alunos. Mas, diante do incentivo e esforço dos professores, acabamos tendo uma efetivação do processo educativo, apesar das dificuldades.

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre as medidas que poderão ser adotadas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019.

§ 1º As medidas estabelecidas nesta Lei objetivam a proteção da coletividade.

§ 2º Ato do Ministro de Estado da Saúde disporá sobre a duração da situação de emergência de saúde pública de que trata esta Lei. (Vide Decreto nº 10.538, de 2020)

§ 3º O prazo de que trata o § 2º deste artigo não poderá ser superior ao declarado pela Organização Mundial de Saúde.

Art. 2º Para fins do disposto nesta Lei, considera-se:

I - isolamento: separação de pessoas doentes ou contaminadas, ou de bagagens, meios de transporte, mercadorias ou encomendas postais afetadas, de outros, de maneira a evitar a contaminação ou a propagação do coronavírus; e

II - quarentena: restrição de atividades ou separação de pessoas suspeitas de contaminação das pessoas que não estejam doentes, ou de bagagens, contêineres, animais, meios de transporte ou mercadorias suspeitos de contaminação, de maneira a evitar a possível contaminação ou a propagação do coronavírus.

Parágrafo único. As definições estabelecidas pelo Artigo 1 do Regulamento Sanitário Internacional, constante do Anexo ao Decreto nº 10.212, de 30 de janeiro de 2020, aplicam-se ao disposto nesta Lei, no que couber. (BRASIL, 2020, P.1)

No decorrer dos relatos dos educandos podemos constatar uma das realidades que caracterizam esse público da modalidade de ensino da NEJA⁸, norteadas pela primeira pergunta da entrevista, que questionou o tempo desses alunos como moradores do bairro de São Miguel e o motivo da permanência nele.

“Bom, eu quando vim pra cá, vim com 14 anos mais ou menos e eu me identifiquei aqui porque aqui é muito tranquilo, aqui fiz muita amizade e quando eu vim pequena, é adolescente lá de Seropédica, Seropédica pra mim eu não tive muito, não me identifiquei muito não. Identifiquei mais com São Miguel.”(M. Mulher-45 anos)

“Moro no bairro tem 30 anos... é um bairro tranquilo aonde você pode criar filhos, sem se preocupar com violência, com nada. É um lugar muito tranquilo, bem diferente... Eu morava no centro de Campo Grande, meus pais moravam aqui, aí quando eu vim visitá-los eu vi a diferença que era aqui de Campo grande, aí me apaixonei pelo bairro e resolvi vim pra cá e não me arrependo.” (R Mulher- 56 anos)

“Eu calculo que moro aqui uns oito anos. É que eu me mudo muito. Desde 2012.É muito arborizado, tem muito contato com a natureza e também moradores que um conhece o outro e é um lugar bom de se viver, tranquilo, pacífico.... Eu me assustei porque eu vivia no Rio e lá é muito violento, um banguê banguê, aí vim morar aqui que não tem essas coisas, né .”(A. Homem- 63 anos)

Nesse sentido, percebemos e reiteramos os ensinamentos de Benjamin sobre a

⁸ Os erros gramaticais foram mantidos nos relatos dos alunos durante a entrevista, a fim de apresentar uma melhor veracidade no discurso dos entrevistados.

importância da fala dos narradores e a veracidade de suas histórias, uma vez que, ao exporem suas trajetórias em seu espaço de origem, conseguem expressar suas ideias e interpretar o universo a sua volta. Tais aspectos se fizeram presentes nas falas de moradores do bairro de São Miguel e participantes da NEJA, ao apresentarem diferentes olhares em relação ao lugar que habitam, com suas características e mudanças. As impressões em relação ao bairro de São Miguel podem ser percebidas através da fala dos entrevistados em relação ao acolhimento e tranquilidade do lugar e como o contato com a natureza favorece a qualidade de vida dos mesmos.

“Então eu moro em São Miguel, a vinte e nove anos, desde quando nasci... minha família toda praticamente, a maioria, a maioria é daqui de São Miguel. Vó, bizavó, dai vai indo, tio, primo entendeu? Uma media de 50 pessoas.” (M. Mulher-29 anos)

Segundo Benjamin, quem narra, narra uma infância, conta sua vida sempre com o intuito de narra-la de forma total, nos detalhes. Para o autor, essas seriam as “mônadas”, pequenos fragmentos para contar sobre um todo. Ou seja, as narrativas pessoais trazem uma afirmação e exatidão sobre a realidade local, uma vez que se trata de diferentes opiniões que apresentam sua forma de enxergar o seu lugar de fala, pois as narrativas reverberam através dos tempos, sendo ecos de um contexto social, cultural e educativo, pois, o compartilhar de cada indivíduo permite apreender mais sobre a trajetória histórica do bairro de São Miguel e a importância do pertencimento local.

As perguntas posteriores voltaram ao tema das memórias do bairro e as falas a esse respeito traziam certo pesar, pois, embora fosse um local tranquilo e calmo comparado aos outros bairros de Seropédica, os entrevistados não observaram grandes mudanças e melhorias com o passar do tempo, fazendo com que muitos se mudassem para outras localidades. Tais realidades foram influenciadas pelo desemprego, falta de alimentação básica, dificuldade para pagar as contas, dentre outras, características do desamparo do poder público, em especial, agravadas durante o período da pandemia.

“Então, praticamente assim até os pessoal antigo comenta que na realidade isso aqui era uma fazenda enorme e tal, e foi dividida em pedaços e foi vendendo e aí que os pessoal que foi comprando que foi crescendo esse bairro, construindo casa e outro comprando e assim foi indo entendeu? Mais antigamente não tinha asfalto não tinha nada, era difícil para você andar nas rua quando chovia, enchia d’água, as casas era aquele lameiro todo, quando o sol não entrava, se chovesse você tinha que ficar aqui não tinha como ir para o centro de Seropédica devido a situação das rua.” (M. Mulher- 29anos)

“Apesar da questão de não ter um lazer essas coisas, porque na maioria, na verdade é que na maioria dos bairros mais podres, não tem muita opção né? Você realmente você tem que sair do bairro que tu mora para poder procurar nos lugares mais movimentados né? Porque na maioria das vezes acontece isso. E na maioria dos bairros é baixada fluminense está muito violento né? E aqui a gente tem essa vantagem, graças a Deus aqui é um bairro tranquilo né? De vez enquanto você escuta uma coisa ou outra, por exemplo uma coisa que eu fico muito dentro de casa eu fico mais sabendo pelas pessoas, um comentário ou outro, mas graças a Deus aqui é bem tranquilo. Eu falaria assim se fosse o caso indicaria sim para vim morar aqui.” (A. Mulher- 49 anos)

Tais relatos apresentados demonstram a visão crítica sobre a realidade e sobre as demandas enfrentadas pelos moradores do bairro de São Miguel, que apresentam suas insatisfações pelo descaso em relação ao acesso a serviços públicos prestados aos mesmos. Um ponto importante das narrativas é a fluidez do contexto e a variação de opiniões pertinentes sobre a realidade local, que permite um maior interesse do pesquisador,

combinando com o que o autor Walter Benjamin afirma que as narrativas não permitem o tédio de quem as ouve, pois sempre é interessante conhecer diferentes histórias, ou seja, as narrativas são construídas continuamente para o deleite da comunicação.

Nas narrativas, podemos perceber o distanciamento existente entre a cidade de Seropédica e o bairro de São Miguel no imaginário desses sujeitos, pois, embora esses espaços sejam interligados, muitos moradores não se identificam como habitantes da cidade e se referem a ela como algo distante e fora de suas realidades.

Bom é, eu como aqui no meu bairro é um bairro que eu gosto muito sim conheço todo mundo assim entre aspas, as pessoas assim mais antigas falo com todo mundo, as pessoas são bem simpática, tem os pontos bons e negativos, mas eu gosto mais dos pontos bom e Seropédica eu não gosto de Seropédica, nunca gostei de Seropédica, a cidade. (M. Mulher -45 anos)

Como as entrevistas foram apresentadas com as falas originais, é possível perceber melhor as diferenças entre as realidades do bairro de São Miguel e o centro da cidade de Seropédica, que tem mais recursos e investimentos, apresentando uma dicotomia social, cultural e econômica. O que enfatiza a importância das falas dos entrevistados, pois, como afirma Walter Benjamin, a narrativa acontece através da relação ouvinte e falante, numa troca de ideias e percepções sociais.

Assim, é possível compreender que as trocas de experiências entre os mais antigos e os mais novos se fazem relevantes nas entrevistas, pois demonstra que a história se dá através do diálogo entre diferentes gerações e realidades. Dessa maneira, o ato de narrar histórias apresenta opiniões que muito favorecem o conhecimento de um lugar, numa visão coerente com a de Benjamin, que nos apresenta a relevância de compartilhar ideias e realidades sociais que fundamentam a história de pessoas anônimas.

As narrativas servem de base para apresentar os pontos de vista dos sujeitos em relação ao contexto em que se encontram. Assim, as questões sobre a saída do bairro, segundo os entrevistados, apontam diretamente para os problemas relacionados ao transporte. A única empresa de ônibus da cidade de Seropédica só disponibiliza dois horários para essa rota, que no contexto pandêmico foi reduzido a apenas um horário. Por conta da localização geográfica do próprio bairro, os moradores acabam optando pelos transportes alternativos, veículos como Kombi e UBER. Outro motivo que também observamos relacionado à evasão dos moradores está relacionado com possibilidades de emprego e facilidades de locomoção.

Eu acho que é por causa da condução. A condução, por exemplo, aqui não tem posto de saúde 24h, aqui não tem postinho de polícia ali na praça ou ronda da polícia aqui entendeu? É condução para você sair daqui para Seropédica você já paga quatro reais que eu acho um absurdo. Então muitas pessoas estão saindo daqui pra ir para lá, você quer pagar uma conta você tem que ir para Seropédica porque aqui não tem, não tem muito acesso, entendeu? (M. Mulher -29anos)

...mas um dos motivos que as pessoas saem daqui é as condições de condução, é oportunidade de emprego, porque aqui é tipo um bairro destacado então fica meio extinto essas coisas. Bem menos do que o centro de Seropédica. (E. Homem-29anos)

Ah eles foram morar lá porque, é, porque moram mais perto do emprego deles lá né? Porque quem mora em Seropédica, quem trabalha em Itaguaí fica mais próximo do trabalho deles lá. (M. Mulher-58 anos)

As narrativas apresentam as inquietações sociais e as causas que levam ao aumento da

evasão escolar na modalidade da NEJA da escola Estadual Alice de Souza Bruno, uma vez que as dificuldades de acesso ao bairro e a falta de infraestrutura são responsáveis pela desistência dos alunos em continuarem os estudos. A partir da fala de cada entrevistado é possível entender sobre os motivos do abandono escolar e como a falta de condução e acesso ao bairro impedem que participantes da NEJA se mantenham na escola.

Para tanto, Benjamin nos alerta sobre a importância da análise da linguagem presente nas narrativas que devem estar de acordo com o contexto histórico, social e cultural de diferentes grupos sociais. Assim, foi possível compreender a relação histórica do bairro de São Miguel, que se trata de um lugar rural que tem passado por mudanças significativas em sua infraestrutura ao longo dos anos, apresentando algumas características urbanas, com uma rua principal e uma rodovia que interliga municípios, mas que ainda apresenta ruas sem calçamento e a limitação no transporte público. Segundo Benjamin, a linguagem utilizada nas narrativas está relacionada com a formação cultural de um povo, sendo responsável pela transmissão e ocultação das ideias do sujeito sobre o mundo. Observamos, assim, a linguagem comum que nossos alunos utilizam.

Sobre as perguntas ligadas à origem do bairro, embora tenha havido divergências nas respostas, a maioria dos estudantes entrevistados apontavam o fato da história ter relação com uma grande fazenda que tinha uma capela com o Padroeiro São Miguel de Arcaño. A fazenda, com o passar do tempo, foi desmembrada, loteada e vendida. A partir da exposição de relatos de pessoas simples, notamos diferentes olhares diante da memória do bairro, que foi formado num contexto rural, dentro de uma fazenda e a representatividade religiosa. Algo bastante relevante no que diz respeito às memórias de bairro que vem se desenvolvendo, mas que perdem sua identidade devido a desapropriação de espaços marcantes para uma comunidade. Quando analisamos as respostas dos alunos em relação à realidade do bairro podemos compreender que atualmente algumas demandas continuam em relação à distância dos centros urbanos, onde a grande maioria dos moradores trabalham. Nesse sentido, as narrativas expõem diferentes olhares e percepções das realidades dos alunos, principalmente sobre as mudanças sociais, econômica e estruturais que uma comunidade sofre.

Aqui era uma grande fazenda de café, aí quando a fundadora Dona Malvina faleceu, os filhos resolveram lotear e manter o nome da fazenda.“ (R. Mulher- 56 anos)

Esse nome é por causa do padroeiro São Miguel e aqui tem uma igreja católica que tem esse nome, que é o nome do padroeiro, padroeiro São Miguel. Sempre teve esse nome, quando, vou dar uma puxadinha pra trás, quando meu pai casou com a minha mãe, veio morar aqui, já era São Miguel, eram 50 anos pra trás e já era esse nome.(M. Mulher-45 anos)

A partir das entrevistas é possível remeter ao passado e perceber características culturais de um grupo social, pois as narrativas apresentadas acima permitem a compreensão de acontecimentos de outras épocas, valorizando também o tempo presente, estimulando a reflexão e restaurando o passado, ou seja, dando continuidade a história a partir de outras interpretações. Segundo Benjamim, existem dois tipos de narradores, os que vem de longe como por exemplo os marinheiros, os viajantes e os fixos. No caso das narrativas analisadas, observamos os narradores fixos, que conhecem suas tradições e histórias.

Dessa maneira, referenciamos Arendt, que nos diz que a memória do passado muito influencia o futuro, uma vez que, através da retomada das lembranças, muito se pode compreender a realidade no presente, buscando manter a história local e dando continuidade ao legado para outras gerações, fortalecendo a identidade de um grupo social, um pertencimento cultural.

Sobre o Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, os participantes relataram que grande parte de seus familiares estudaram nesta unidade escolar e descrevem em suas falas a pessoa de Alice de Souza Bruno como uma mulher negra, que sofreu muitos preconceitos e que, apesar de todas as situações, conseguiu superar todos os obstáculos, servindo de inspiração para grande parte deles. A própria questão do racismo é pontuada pelos entrevistados.

Tem até essa história mesmo escrita e tudo, eu acredito que foi em homenagem a essa grande lutadora a professora Alice de Souza Bruno, ela foi uma professora, negra, que tem toda essa história, ela lutou muito, né? Na época, ela não tinha recursos, né? Financeiro, era bem humilde, eu acredito que foi por conta disso..... Era bem humilde, e onde o racismo deveria ser muito mais severo, né. Eu acredito que era muito mais, né? Então teve que lutar muito pra se formar, passar em algum concurso, né? E conseguir assim a vaga de professora.(A. Mulher-49anos)

Para tanto, a história trata de uma desconstrução de fatos, por incentivar que os relatos fortaleçam os acontecimentos de um grupo social no tempo presente. As narrativas apresentam a importância do espaço educativo para o desenvolvimento do bairro de São Miguel, fortalecendo a representatividade cultural da patrona da escola, que remete a uma trajetória de lutas e conquistas em meio as dificuldades enfrentadas, com as quais os alunos e alunas se identificam.

A escola analisada recebe o nome da mulher que representa uma história de superação. Para os entrevistados, a história de Alice de Souza Bruno tem grande influência sobre suas vidas, uma vez que a patrona da escola foi uma pessoa de origem humilde, negra e que conseguiu finalizar seus estudos diante das dificuldades encontradas. Trata-se aqui de um ponto importante para a cultura do ensino de Jovens e Adultos da escola analisada, pois a partir da ligação de Alice de Souza Bruno com o desenvolvimento do bairro e da escola, temos a representação da identidade cultural do bairro de São Miguel.

Compreender a importância da história de vida de Alice de Souza Bruno nos traz uma reflexão sobre as narrativas de cada aluno entrevistado, desde de suas dificuldades em manter os estudos e as demandas sociais encontradas em seu cotidiano. Para Benjamin, a verdadeira narrativa está ligada à dimensão utilitária, ela é aberta, é útil, tem um ensinamento moral, num provérbio ou em uma norma de vida. O narrador é aquele que sabe dar conselhos.

Para tanto, as narrativas muito acrescentam na compreensão da trajetória de lutas e conquistas de uma mulher negra, que representa figura importante para o desenvolvimento do bairro São Miguel, pois, através das narrativas dos entrevistados foi possível retomar a história de Alice de Souza Bruno como personalidade influente de uma comunidade rural do município de Seropédica. Cabe destacar que a escola analisada se insere num contexto rural, que, devido às transformações econômicas, políticas e sociais pelas quais o município de Seropédica tem passado, acaba sendo também influenciado por elas, em especial, pela instalação de indústrias. Mas, ainda mantêm características peculiares, ressaltadas nas memórias históricas dos moradores e alunos.

Sendo assim, cabe ressaltar que as narrativas históricas permitem a aproximação do contexto social, histórico, político e econômico nos quais os alunos da NEJA estão inseridos, se revelando uma ferramenta pedagógica relevante para entender a identidade cultural de um grupo, a partir de suas falas.

Um outro ponto apresentado nas entrevistas foi em relação à saída e chegada de novos moradores no bairro, que se dá devido à dificuldade de transporte para se chegar ao trabalho e a calma do local, que ainda guarda costumes como conversas na praça e o comércio local.

Ah assim eu acho assim, na questão dos bairros, assim eu acho que mais a tranquilidade, porque eu já fui para outros bairros aqui em Seropédica e eu vi que era mais agitado do que aqui. Aqui eu acho por ter aquela entrada de sitio, ai é mais tranquilo. (M. Mulher- 29 anos)

Para mim professora, o diferencial de São Miguel comparado com outros bairros é tranquilidade, é o comodismo de viver dentro do bairro, é como posso te explicar melhor? É um bairro tranquilo, por ele ser um pouco afastado dos outros bairros de Seropédica. Ele se tornou um bairro bem mais tranquilo de viver. (E. Homem-28 anos)

A partir dos relatos dos alunos foi possível compreender o quanto o bairro de São Miguel apresenta características interioranas, como um ambiente tranquilo e acolhedor, mas que, diante da dificuldade de transporte, acaba influenciando a saída de alguns moradores que trabalham no centro do Rio e na cidade de Itaguaí.

Segundo Walter Benjamin, os narradores anônimos, os comuns são os que contam as melhores histórias pois valorizam o cotidiano, as particularidades. Observam o cotidiano, o que passa despercebido aos olhos. Sendo assim, sobre o conhecimento da fundação do bairro, os moradores apresentam narrativas sobre o contexto histórico relacionadas às conversas que os mais velhos contam para a família. Desta forma, as narrativas fazem parte da realidade local e são fortalecidas por gerações.

Pelo que sei sim, sempre teve esse nome e o que eu sei o pouco que eu sei é que eu também não me aprofundi muito... O que eu sei é que aqui era uma fazenda, foi uma fazenda durante muito tempo e essa pessoa seria Miguel, pelo que me falaram, era um senhor dono disso aqui durante muito tempo e depois, segundo eu soube, ele tinha nove filhas mulheres ou oito e vou falar uma coisa, sei que algumas mulheres moram aqui ainda, das filhas desse senhor. Aí elas herdaram e... Então ficou Miguel pelo nome dele, que era o dono de todo esse lugar aqui. Aí as filhas herdaram e dividiram. Hoje tem muita gente que é parente, a maioria é parente, são filhas, são neto desse Miguel, pelo que eu soube assim um pouco. (C. Homem- 65 anos)

Os relatos dos moradores mais antigos do bairro de São Miguel favorecem a compreensão de sua constituição social, através das famílias que ainda vivem no local e que afirmam acontecimento por meio das histórias da infância, que fortalecem sua identidade. Representando, assim, um resgate da memória por meio das narrativas repletas de significados e afirmações dos moradores antigos e das novas gerações, permitindo a validação histórica. Tais narrativas fortalecem os laços familiares e de amizade, pois permitem a troca de saberes, contextos e experiências que validam a representatividade de um grupo de pessoas em diferentes épocas, além fundamentar a pesquisa. Pois as narrativas apresentam diferentes olhares, experiências, fatos como um instrumento de coleta relevante para a qualidade da pesquisa.

Em relação ao número de familiares que estudam ou estudaram na escola Estadual Alice de Souza Bruno, a maioria dos entrevistados relataram que um número significativo de familiares acessa a unidade escolar, por estar instalada no bairro. Assim como expostos nas narrativas dos alunos da NEJA, que nos afirmaram a participação de irmãos, tios, primos, sobrinhos, filhos e cônjuges.

Então contando com parentes distantes, eu já tive sobrinhos que estudaram lá, cunhada, cunhados quando eram pequenos estudaram lá, porque eles estudavam até onde o Alice nem era ali, era lá na creche, lá em cima era o Alice de Souza Bruno, lá em cima a escola era lá, então estudaram muitos lá, por muitos anos e até hoje tem familiares, porque eu estudo, meu marido estudou, minha filha estuda, meu filho vai começar a estudar, então são muitos. Umas 10 a 12 parentes. (A. Mulher. 33 anos)

Já te falei sô, são assim, as três irmãs minhas que estudaram. Três irmãs minhas que eu, modéstia parte, graças a Deus, eu pude é...eu pude matricular elas, quando eu vim pra cá, como te falei no começo. Aí eu vim aqui e eu tinha, tenho três irmãs e elas estavam com uns dez aninhos, duas com dez, duas gêmeas, e outra com sete. Então, eu pude matricular elas, eu que tive a oportunidade de matricular elas, eu que matriculei elas. Quer dizer, eu ajudei, eu pedi pra minha irmã matricular, uma mais velha. Matriculou ela naquele colégio que hoje é a creche. Então, elas conseguiram estudar ali durante um bom período. (C. Homem. 65 anos)

Eu sei que meus primos estudaram, filhos com certeza, sobrinhos que hoje ainda estudam, meu filho mesmo tá estudando agora, esse ano é o segundo ano dele, né? Meu filho mais novo ele tem 16 anos, então foram muitos, né? Assim é... que eu lembre assim, foi mais meus primos, sobrinhos, hoje ainda estudam, tenho uma sobrinha também, Maria Eduarda, que estuda também. (A. Mulher. 49 anos)

Através das narrativas foi possível refletir sobre a necessidade da manutenção da unidade de ensino Alice de Souza Bruno para a comunidade do bairro de São Miguel, uma vez que se trata de um local que apresenta dificuldades no acesso aos moradores, seja por transporte ou serviços. Para tanto, se faz necessário que as autoridades da educação repensem sobre a importância da instituição para os moradores que têm a oportunidade de participar da educação básica, tanto no ensino regular, quanto na Educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, as narrativas da população esclarecem sobre a relevância da escola para um bairro ou cidade, uma vez que transforma realidades e dá novos horizontes para a qualificação dos moradores, que se tornam cidadão mais críticos e participativos das demandas locais.

No que diz respeito a vida de cada entrevistado como morador do bairro, foi possível entender melhor sobre o contexto social dos mesmos, uma vez que as falas mais detalhadas foram de mulheres e donas de casa que apresentaram suas opiniões em relação a infraestrutura do bairro, aos problemas da falta de acesso e segurança.

Não assim, no caso a única coisa que me incomoda muito hoje não só no bairro de São Miguel, mas em Seropédica eu acho que é a segurança né? Hoje em dia a gente não tem segurança nenhuma, antigamente o pessoal respeitava mais as casas entendeu, respeitava o portão, respeitava a porta fechada, hoje em dia as pessoas não estão respeitando mais nada, acho que é isso mesmo. (M. Mulher. 29 anos)

Ah não, não tenho mais nada assim que eu queira acrescentar não. É isso para mim é muito bom viver aqui, eu gosto de viver aqui, não pretendo sair daqui, até mesmo de tudo que uma pessoa que veio pra cá com 14 anos, então eu me construí aqui né, hoje eu tenho 33 e assim, a minha vida toda praticamente foi aqui, então eu espero que venha mais coisas melhores para acrescentar daqui um tempo, mas por enquanto não. Só isso mesmo. (A. Mulher. 33 anos)

Não, não. Eu só fico chateada porque aqui falta muita luz (risos), menina, falta muita luz aqui. Eu nunca vi: piscou, deu um ventinho, balançou o galho da árvore, a luz piscou. (A. Mulher. 49 anos)

Nesse sentido, ao ler e reler a fala das entrevistadas, foi possível perceber os detalhes de suas demandas em poucas palavras, por ser espontâneo e claro, impedindo o tédio, assim como nos explica Benjamin. A narrativa oferece a oportunidade de compreender diferentes realidades e grupos sociais, em que é possível tomar conhecimento a partir do contexto em que estão inseridos, assim como o que foi apresentado pelas donas de casa, que reconstroem suas rotinas em poucas palavras, apresentando uma percepção mais detalhada da realidade sobre o bairro de São Miguel. Para Benjamin, as sutilezas em narrar se apresentam dessa

forma, quanto maior a leveza mais fácil a história ficará guardada na mente de quem ouve, sendo a forma artesanal da comunicação.

Ao utilizar as narrativas pessoais dos alunos na construção da presente pesquisa, pude conhecer diferentes pontos de vistas em relação ao bairro e a escola Alice de Souza Bruno, que se revelou como um ponto de referência para os moradores do bairro de São Miguel, em Seropédica. Através dos relatos dos entrevistados foi possível também refletir sobre a importância da contação da história local pelos mais velhos e como os jovens se inserem nas narrativas, com diferentes contextos e realidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi desenvolvido com o objetivo de investigar a potencialidade da narrativa histórica como projeto educativo, a partir de uma experiência com os alunos da NEJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno, no município de Seropédica. Através da análise da realidade dos alunos da NEJA da escola Estadual Alice de Souza Bruno foi possível compreender as causas do crescimento da evasão escolar, que tem acontecido devido à dificuldade do acesso local em relação ao transporte, ao contexto pandêmico, a problemas financeiros dos alunos, a falta de interesse por parte dos responsáveis da educação em manter esta modalidade educativa na unidade de ensino. Dessa maneira, a partir da análise das narrativas históricas dos alunos, buscamos compreender a importância da escola para o bairro de São Miguel e identidade cultural e social do mesmo, que se difere da realidade do município de Seropédica.

O projeto pedagógico foi uma proposta de interação entre a unidade escolar, professores, direção, secretaria e moradores, a fim de conhecer a realidade do público de alunos que estudam na modalidade da NEJA, que se tratou de uma conquista para a escola e para a comunidade do bairro de São Miguel, e que nos últimos anos tem enfrentado dificuldades para continuar na escola, uma vez que o estado reduziu a oferta de vagas.

Walter Benjamin foi o principal teórico que fundamentou as reflexões oriundas desta pesquisa, em especial, suas contribuições sobre a arte de narrar nos trouxeram um novo olhar sobre a sociedade e a sua dificuldade em contar aquilo que vivencia. O ato de rememorar o passado, permite ao indivíduo construir e reconstruir sua identidade. O pensamento de Benjamin e o estudo de outros teóricos, como Hannah Arendt, Marc Bloch, Peter Burke, Michell Dcertau, Jacques Le Goff e Edward Thompson, permitiram analisar questões sobre a escrita da história, a origem, a linguagem, a experiência e a memória. Além da visão de Hallwachs em relação à relevância da memória individual e da memória coletiva, que afirma como a troca de saberes por meio do diálogo muito fortalece a identidade e a história de um grupo de pessoas.

Para tanto, o presente trabalho contribuiu para a minha formação profissional, uma vez que, ao participar desse projeto escolar, foi possível compreender a relevância das narrativas para o ensino de História, além de incentivar a capacidade retomar fatos do passado e do presente, que refletem no futuro. Além disso, através da construção deste trabalho foi possível inteirar-me da realidade do grupo de alunos da NEJA, percebendo os motivos para a evasão escolar por meio da análise das entrevistas. Nesse sentido, esse estudo também contribui para analisar a realidade da modalidade de NEJA em escolas de bairros com características rurais, que tem sido bastante influenciado pelas mudanças sociais, estruturais e políticas dos últimos tempos.

Destacamos também a importância de entender que cada indivíduo é um ser histórico, que apresenta diferentes olhares sobre a realidade a sua volta. E que os relatos são uma forma de se perceber participante do processo histórico, através da valorização das narrativas pessoais. Dessa maneira, essa pesquisa apresentou a importância das narrativas para a formação da identidade dos sujeitos diante das histórias e vivências transmitidas de geração a geração.

Esperamos, assim, ter contribuído para dar um pouco de voz e espaço aos sujeitos dessa pesquisa, historicamente negligenciados pelas políticas públicas, bem como pelas constantes dificuldades que lhes são impostas pela sempre injusta desigualdade socioeconômica a que estão submetidos. Ao participarem dessa pesquisa como um projeto pedagógico, puderam exercitar também suas participações como sujeitos aprendizes de si mesmos e da realidade em seu entorno, tendo oportunidade de refletir sobre suas próprias falas e percepções, ampliando, assim, suas compreensões do mundo, o que acreditamos ser

uma das maiores e mais importantes finalidades do ensino da disciplina História.

6 REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna. 1996.
- ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. [Trad: Mauro W. Barbosa]. 5a. Ed. São Paulo: Perspectiva. 2016
- ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Revisão e apresentação de Adriano Correia. 11. ed. revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARRIADA, Eduardo. **Uma história dos sem nomes: a visão de história em Walter Benjamin**. In: História da Educação. ASPHE/Fae/UFPel. Pelotas, n. 14, p.195-209, set 2003.
- BARÃO, Gilcilene de Oliveira Damasceno. **O direito à Educação de Jovens e Adultos trabalhadores em municípios da Baixada Fluminense**. In: RUMMERT, Sonia Maria (Org.) Educação de jovens e adultos trabalhadores: história, lutas e direito em risco. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019. P. 123-142.
- BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Brasília: IBGE, PNAD Contínua, 2019. Disponível em: PNAD_Educacao_2019.indd (ibge.gov.br) . Acesso em: 26 nov. 2020.
- BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo Escolar da Educação Básica**. Brasília: INEP, MEC, 2019. (Resumo Técnico). Disponível em: Lista de Publicações - INEP . Acesso em: 24 nov. 2020.
- BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo Escolar da Educação Básica**. Brasília: INEP, MEC, 2020. (Resumo Técnico). Disponível em: Lista de Publicações - INEP . Acesso em: 24 nov. 2020.
- BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo Escolar da Educação Básica**. Brasília: INEP, MEC, 2018. (Resumo Técnico). Disponível em: Lista de Publicações - INEP . Acesso em: 24 nov. 2020.
- BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo Escolar da Educação Básica**. Brasília: INEP, MEC, 2017. (Resumo Técnico). Disponível em: Lista de Publicações - INEP . Acesso em: 24 nov. 2020.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Parâmetros nacionais de qualidade para o Ensino médio**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2006 v.1; il.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF, 2000.

BRASIL. Decreto-Lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969 revogado pela Lei nº 6.680 de 1979. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/>. Acesso em: 22 jan. 2022.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao1988.html>. Acesso em: 20 nov. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 nov. 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB 11/2000.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

BRASIL. **Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/lei/113979.htm. Acesso em 30 de mar. de 2021.

BEZERRA, Aída; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **A questão política da educação popular.** 7ª. ed, SP: Brasiliense,1987

BENJAMIN, W. **Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana.** In: Sobre arte, técnica, linguagem e política. Trad. Maria Luiz Moita. Lisboa: Ed. RelógioD'água,1992.

_____. **Experiência e Pobreza.** In: Obras escolhidas. Vol. 1. Magia etécnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza. In.: _____ . Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. p. 114-119

_____.Walter.**Teses sobre o conceito de história.**In:BENJAMIN,Walter. *Magia e técnica, arte e política.* Trad. de Jeanne Marie Gagnebin e SérgioPaulo,1987.

_____.Walter.**Passagens.**Trad. de Irene Aron.Belo Horizonte: Editorada UFMG, 2006.Rouanet, 10. ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996, 254p. [ObrasEscolhidas, v. I]

_____. **O narrador.** In: Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 213-240.

_____.**Escritos Autobiográficos.** Madrid: Alianza Editorial, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Volume – I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Walter Benjamin tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense. 2012. pp. 219

_____. **Rua de mão única.** OBRAS ESCOLHIDAS. Volume 2. Tradução. Rubens Rodrigues Torres Filho e. José Carlos Martins Barbosa. . São Paulo: Brasiliense.1987

BENJAMIN, W. **O narrador.** Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN: BENJAMIN,W. **Magia e técnica, arte e política.** Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 3.ed., 1987.

BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão.** Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1968.

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921).** São Paulo, Duas Cidades / Editora 34, 2011, 176 pp.

BENJAMIN, Walter, **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação/** Walter Benjamin; tradução e apresentação de notas de notas Marcus Vinicius Mazzari; posfácio de Flávio Di Giorgi, São Paulo: Duas cidades; Ed.34. 2002. p.176. (Coleção Espírito Crítico)

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Ed. Cortez, 2005

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna.** 2º ed. São Paulo: Ed. USP, 2000.

_____. **Um painel com milhares de lâmpadas? Metrôpoles & Megacidades.** In: BENJAMIN, Walter. Passagens, edição alemã de Rolf Tiedemann, organização e edição brasileira de Willi Bolle; colaboração na edição brasileira de Olgária C. F. Matos; tradução do alemão de Irene Aron; tradução do francês de Cleonice P. B. Mourão, Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2006CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e sociais.** 7ª edição. São Paulo. Cortez, 2005. **Biblioteca da educação.** Série 1. Escola; v. 16.P.41.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica.** In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas.2006

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001.

BURKE, Peter. (Org). *A escrita da História. Novas Perspectivas.* São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas .** São Paulo: Unesp, 2011.

BURKE, Peter. **A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa.** In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da História: novas perspectivas.* São Paulo: Unesp,2011.

CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012b.

_____. *A Invenção do Cotidiano – 1. Artes de Fazer.* Petrópolis: Vozes, 1994

_____. CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

COLI, Anna Luiza. A Origem (Ursprung) como alvo e o método interpretativo de Walter Benjamin. **Cadernos Benjaminianos**, [S.l.], n. 1, p. 44-54, dez. 2019. ISSN 2179-8478. Disponível:<7>. Acesso em: 24 fev. 2020. doi:<<http://dx.doi.org/10.17851/2179-8478.0.1.44-54>>.

COUTINHO, M. A. G. C. . O sistema municipal de Seropédica/RJ: origem e história. RETTA - Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas , v. VII, p. 69-88, 2014.

COUTINHO, Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho. **Da universidade surge a cidade, da cidade as escolas: a UFRRJ e a educação pública municipal de Seropédica**. 2014. 265f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

DE ANDRADE PEREIRA, Marcelo **Saber do tempo: tradição, experiência e narração** em Walter Benjamin. Educação & Realidade [en línea]. 2006, 31(2), 61-78 Disponível: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227044005>> Acesso em: 24 fev. 2020.ISSN: 0100-3143.

_____. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GAGNEBIN, J. M. **História e Narrativa em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva: 1998.

GERMANO, José Willington. **Estado Militar e educação no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

Gusmão, D. S. & Jobim e Souza, S. **História, memória e narrativa: a revelação do “quem” nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários**. Psicologia & Sociedad. 2010, 22(2), 288-298

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LEE, Peter. Colocando princípios em prática: entendendo a história. Dentro: Donovan, M. Susanne; Bransford, John (Eds.), Como os alunos aprendem: história,

Matemática e Ciências na Sala de Aula. Imprensa das Academias Nacionais. Washington,

DC: The National Academies Press, 2005, p. 31-77.

LESLIE, Esther. **Walter Benjamin**.; Tradução de Rui Mesquita. Londres – (originalmente Reino Unido. Reaktion Books 2007); Fio da Palavra Editores, Lda, Portugal, 2009.

LEGOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990

LIBÂNIO, José Carlos – **Democratização da escola pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos**, 2006, 21ª edição

OTRANTO, Celia Regina. **A autonomia universitária no Brasil: dádiva legal ou construção coletiva? O caso da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**. Seropédica: EDUR, 2009.

SANTIAGO; Ricardo; MAGALHÃES, Valéria de Barbosa de. **História oral na sala de**

aula. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015.

SERRANO, Jorge Sáiz; FACA, Ramón López. **Competencias y narrativas históricas: el pensamiento histórico de estudiantes y futuros profesores españoles de educación secundaria.** Revista de Estudios Sociales No. 52 • rev.estud.soc. • Pp. 256. ISSN 0123-885X • Bogotá, abril - junio de 2015 • Pp. 87-101.

SEROPÉDICA. **Secretaria Municipal de Educação. Plano Municipal de Educação de Seropédica.** 2015. Disponível em: [Seropedica Lei 566 15 Plano Municipal de Educacao.pdf \(mprj.mp.br\)](http://www.seropedica.rj.gov.br/leis/Lei_566_15_Plano_Municipal_de_Educacao.pdf). Acessado em 10 jan. 2021.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** SP: Paz e Terra, 1992. TORRES, Carlos Alberto;

link: <http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html> (acesso em 06/01/2020)

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos.** In: *Educação como exercício de diversidade.* [S.l.: s.n.], 2007. Disponível em: http://forumeja.org.br/files/Vol%2007_ed%202_Ed%20Diversidade.pdf.

MAFRA, Andressa. **A educação em direitos humanos: um olhar para a modalidade educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil.** In: Spigolon, Nima Imaculada; Leite, Sandra Fernandes; Donadon, Daniela Gobbo; Santos, Edson Fabiano dos. (Orgs.) *Cadernos do grupo de estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos – GEPEJA III.* Veranópolis, RS. Diálogo Freiriano. 2020. P. 381-405.

THOMPSON, E. P. 1. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** 1987. (3 vols.) Trad. Denise Bottmann (vols. I e III); Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida (vol. II). São Paulo, Paz e Terra

7 APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Adultos)

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

Título do Projeto: NARRATIVAS HISTÓRICAS COMO PROJETO EDUCATIVO PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM UMA ESCOLA RURAL DE SEROPÉDICA (Bairro São Miguel)

Pesquisador(a): Carolina Nunes Collantes Marins

Pesquisador(a) responsável (professor(a) orientador(a)): Prof^a. Dr^a Liliane Sanchez

Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar. Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo. Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo). O pesquisador declara que garantirá o cumprimento das condições contidas neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Natureza e objetivos do estudo:

O(s) objetivo(s) específico(s) deste estudo é(são):

- Analisar a questão da narrativa histórica no pensamento de Walter Benjamin e de outros autores relevantes que abordam o tema.
- Caracterizar uma breve trajetória histórica do município de Seropédica.
- A partir das narrativas coletar informações da história local resgatando a identidade social dos alunos do NEJA do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno como habitantes do Bairro São Miguel, no município de Seropédica.

Justificativa:

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de buscarmos ferramentas diferenciadas de ensino na tentativa de romper com os métodos tradicionais em que o aluno, sendo um receptor de informações, apenas memoriza os fatos históricos. As narrativas históricas como proposta educativa diversificarão os meios disponíveis em direção ao conhecimento, pois permitirá um aprendizado participativo e colaborativo, a partir do contato e da interação com o outro.

Procedimentos do estudo:

A obtenção do material da pesquisa se consolidará por meio de coleta de dados, que se dará pelo método da entrevista oral por um roteiro semi-estruturado com perguntas abertas e outras fechadas, realizado com os alunos da modalidade EJA do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, moradores no bairro, sobretudo aqueles mais antigos, com perguntas sobre as origens do bairro e suas histórias de vida na própria localidade. Mediante a pandemia de COVID-19, as entrevistas deverão ser realizadas e gravadas pelo aplicativo WhatsApp, através de uma chamada de vídeo, nos adaptando às novas estratégias de trabalho.

Forma de acompanhamento e assistência:

Você será acompanhado pelo pesquisador durante todo o período da pesquisa, e será assistido pelo mesmo, antes, durante e depois da pesquisa.

Riscos e benefícios:

Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, constrangimento em responder alguma pergunta, invasão de privacidade, desconforto em responder a questões sensíveis como atos ilegais ou violência ou outros riscos não previsíveis. Caso você se sinta constrangido em responder alguma pergunta, você não precisará responder. O participante terá direito à indenização, através das vias judiciais, diante de eventuais danos comprovadamente decorrentes da pesquisa. Sua participação poderá ajudar na construção histórica do bairro de São Miguel na cidade de Seropédica.

Providências e Cautelas

Serão tomadas providências e cautelas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar algum dano, como garantir local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras, estar atento a sinais de desconforto do participante, garantir que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo:

Sua participação é voluntária. Portanto, você não é obrigado a participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

Confidencialidade:

Os dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e o material e as suas informações (fitas, entrevistas etc.) ficarão guardados sob a responsabilidade dos mesmos. Os resultados deste trabalho poderão ser utilizados apenas academicamente em encontros, aulas, livros ou revistas científicas.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Seropédica, ____ de _____ de _____.

Participante

Orientador(a)

Pesquisador(a)

Apêndice B - Roteiro de Entrevista (Alunos do NEJA- Colégio Estadual Alice de Souza Bruno)



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

Este questionário integra a etapa de pesquisa intitulada **NARRATIVAS HISTÓRICAS COMO PROJETO EDUCATIVO PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM UMA ESCOLA RURAL DE SEROPÉDICA (BAIRRO SÃO MIGUEL)** da discente Carolina Nunes Collantes Marins, regularmente matriculada no Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em nível de mestrado.

Você autoriza o uso destes dados para esta finalidade? () SIM () NÃO

Identificação:

Nome(opcional):

Idade:

Ocupação:

Endereço:

Data:

- 1-Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel? Desde que ano?
- 2-Você gosta de viver nesse bairro? Por quê?
- 3-Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?
- 4-O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?
- 5- Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.
- 6- Descreva como era o bairro quando você chegou? Como eram as casas? As ruas?
- 7- Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos? Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?
- 8-Por que o nome do Bairro é São Miguel? Esse bairro sempre teve esse nome?
- 9- Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?
- 10- Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?
- 11-Você sabe quem foi Alice de Souza Bruno?
- 12- Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?
- 13- Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?
- 14- E se você pudesse, se mudaria do bairro? Por quê?
- 15- Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Apêndice C - Transcrição das entrevistas

Identificação:

Nome(opcional):R.

Idade: 56 anos

Data: 15/12/2020

Então, essa é a entrevista com a R. , aluna da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Boa tarde R.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel? Desde que ano?

Entrevistada: 30 anos.

Pesquisadora: Você gosta de viver nesse bairro? Por quê?

Entrevistada: Gosto, é muito tranquilo, não tem assalto, não tem violência, é um lugar maravilhoso pra se morar.

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistada: doze contando comigo.

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistada: Como eu acabei de te falar agora, é um bairro tranquilo aonde você pode criar filhos, sem se preocupar com violência, com nada. É um lugar muito tranquilo, bem diferente.

Pesquisadora:Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.

Entrevistada:Eu morava no centro de Campo Grande, meus pais moravam aqui, aí quando eu vim visitá-los eu vi a diferença que era aqui de Campo grande, aí me apaixonei pelo bairro e resolvi vim pra cá e não me arrependo.

Pesquisadora: Descreva como era o bairro quando você chegou? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistada: As ruas “era” todas de chão, não tinha asfalto, as casas eram todas barracos, barraquinhos mesmo, hoje em dia tem casas maravilhosas e eram cheias de buracos.

Pesquisadora:Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos? Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?

Entrevistada: Mais de cem pessoas. Porque eles acham que lá é mais cômodo para tudo mas quando leva três, quatro meses eles voltam.

Pesquisadora: entendi.

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel? Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistada: Aqui era uma grande fazenda de café, aí quando a fundadora Dona Malvina faleceu os filhos resolveram lotear e manter o nome da fazenda.

Pesquisadora: Ah entendi. Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistada: Sempre teve esse nome por causa da fazenda.

Pesquisadora:Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistada: Assim, eu sei mais ou menos por alto porque eu estudei aquele no colégio, ela era uma negra, passou em primeiro lugar no vestibular, como se fala, foi tipo um cala boca pra ela, um bairro bem distante porque ela morava em Itaguaí.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?

Entrevistada: Que estudam ainda tenho sobrinhos que estudam e assim familiares em tudo, meu filho, eu, uns seis.

Pesquisadora: Você sabe quem foi Alice de Souza Bruno?

Entrevistada: Sim, uma professora.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos

anos?

Entrevistada: Tudo permanece a mesma coisa ao longo dos anos, não temos espaços de lazer.

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistada: Com certeza.

Pesquisadora: E se você pudesse, se mudaria do bairro?

Entrevistada: Não

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistada: Porque aqui como eu já falei no começo, é tranquilo, tem paz, você sai e volta a hora que quer. Eu chego em casa as vezes uma, duas horas da manhã, sem me preocupar.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistada: Não. A única coisa que acho aqui de São Miguel é que deveríamos ter lazer porque tem adolescente, criança, assim, um posto de saúde melhor, fora isso o bairro é ótimo.

Pesquisadora: Obrigada.

Entrevistada: Nada.

Identificação:

Nome(opcional): A.

Idade: 63 anos

Data: 15/12/2020

Então, essa é a entrevista com o A., aluno da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Boa tarde.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel? Desde que ano?

Entrevistado: Eu calculo que moro aqui uns oito anos. É que eu me mudo muito. Desde 2012.

Pesquisadora: Você gosta de viver nesse bairro?

Entrevistado: Gosto.

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistado: Porque dentro de casa se sente seguro.

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistado: Comigo quatro.

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistado: É muito arborizado, tem muito contato com a natureza e também moradores que um conhece o outro e é um lugar bom de se viver, tranquilo, pacífico.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.

Entrevistado: Eu me assustei porque eu vivia no Rio e lá é muito violento, um banguê banguê, aí vim morar aqui que não tem essas coisas né

Pesquisadora: Descreva como era o bairro quando você chegou? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistado: Era tudo esburacado o asfalto, era tudo abandonado. Agora nesse ano de 2020 que foi eleição da prefeitura, o prefeito antigo asfaltou tudinho e ficou melhor.

Pesquisadora: Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos?

Entrevistado: Uns oito mais ou menos.

Pesquisadora: Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?

Entrevistado: Lá é melhor por conta do comércio e está no centro do bairro de Seropédica.

Pesquisadora: Da cidade de Seropédica.

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel?

Entrevistado: Porque escolheram esse nome os fundadores.

Pesquisadora: Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistado: Sim.

Pesquisadora: Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistado: Mais ou menos um pouco. Sei que a fundadora era uma senhora Alice de Souza Bruno, ela que fundou a escola, sei muito pouco, a escola quase não contava a história dela.

Pesquisadora: Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?

Entrevistado: Só eu, um.

Pesquisadora: Você sabe quem foi Alice de Souza Bruno?

Entrevistado: Sei.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?

Entrevistado: No meu pensamento, na minha ideologia, eu pressinto a melhora de Seropédica, do país todo.

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistado: Indicaria.

Pesquisadora: E se você pudesse, se mudaria do bairro? Por quê?

Entrevistado: Não. Eu compraria uma casa boa.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistado: Não porque o que está acontecendo é que estamos na pandemia do Corona Vírus e isso que está atrapalhando a vida de todo mundo.

Pesquisadora: Obrigada.

Identificação:

Nome(opcional): L.

Idade: 31

Data: 15/12/2020

Então, essa é a entrevista com a L., aluna da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Boa tarde L.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel? Desde que ano?

Entrevistada: Eu moro aqui tem cinco anos. Desde 2015.

Pesquisadora: Você gosta de viver nesse bairro? Por quê?

Entrevistada: Gosto. É um bairro tranquilo.

Pesquisadora :Por quê?

Entrevistada: É tranquilo, as pessoas são bem familiar, assim sabe, não tem muita violência, é um lugar tranquilo.

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistada: Três, meu pai e minhas duas meninas.

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistada: Não se te dizer, eu não conheço todos os bairros né, eu só sei que eu acho aqui, as pessoas falam muito que é um bairro muito tranquilo.

Pesquisadora: Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.

Entrevistada: O que eu senti? Nossa. Eu achei a cidadizinha bacana e achei que assim, é um lugar bom pra quem quer fazer uma faculdade, tem a Rural né. Eu achei interessante.

Pesquisadora: Descreva como era o bairro quando você chegou? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistada: Normal como é hoje, só algumas ruas que não eram as faltas da que hoje são e tem mais comércio, tinha menos comércio e agora tem mais, quando eu vim pra cá não tinha muita coisa não.

Pesquisadora: Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos?

Entrevistada: Aí eu não sei te responder.

Pesquisadora :Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?

Entrevistada: Também não sei te responder isso, talvez pra melhorar de vida, ficar mais perto das coisas, talvez por isso.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel? Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistada: Também não sei te responder não.

Pesquisadora: Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistada: Também não sei porque mora a pouco tempo. (risos)

Pesquisadora: Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistada: não, nunca ouvi falar não. Pelo tempo que estou aqui não.

Pesquisadora: Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?

Entrevistada: Só eu mesmo.

Pesquisadora: Você sabe quem foi Alice de Souza Bruno?

Entrevistada: Foi uma pessoa, uma mulher né, mas não sei te explicar a história dela não.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?

Entrevistada: Bom, aqui em São Miguel pelo tempo que estou aqui não mudou nada, poderia mudar para melhor, é claro, mas não mudou nada.

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistada: Sim, por ser um bairro tranqüilo, calmo, familiar.

Pesquisadora: E se você pudesse se mudaria do bairro? Por quê?

Entrevistada: Daqui não, eu gosto de morar aqui, aqui é tranqüilo.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistada: Tem. Eu só achava que igual, a questão da área de lazer deveria ser melhorada para as crianças ter um cantinho melhor para brincar, uma praça mais ampliada com mais acesso as coisas para as crianças, entendeu?

Pesquisadora: Entendi. Muito obrigada L.

Entrevistada: Nada.

Identificação:

Nome(opcional): A.

Idade: 46 anos

Data 31/1/2021

Então, essa é a entrevista com A., aluno da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Boa tarde A.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel?

Entrevistada: A exato seis anos.

Pesquisadora: Você gosta de viver nesse bairro?

Entrevistada: Gosto sim.

Pesquisadora :Por quê?

Entrevistada: Porque é um bairro tranquilo. Um lugar calmo. Perto de bairros aqui do Rio de Janeiro é bom de se viver.

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistada: Hum, deixa eu ver! Eu, minha esposa, minha filha, meu sogro e minha sogra.

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistada: Então, eu não posso falar muito sobre os outros bairros de Seropédica porque é mais de passagem, mas eu acho que aqui é a tranquilidade.

Pesquisadora: Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.

Entrevistada: Eu senti um pouco, estranhei um pouco né? Porque eu vim da capital, bem agitado né? Eu senti um pouco assim da calmaria. Um lugar bem pacato né?

Pesquisadora: Descreva como era o bairro quando você chegou? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistada: Bom, não mudou muito não né? Porque eu tenho pouco tempo aqui, acho que não teve muita mudança não! Algumas pessoas fizeram reformas assim né? construíram alguma coisinha aqui e ali, mas não teve assim, ainda um avanço grande não né?

Pesquisadora: Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos? Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?

Entrevistada: Olha aqui onde eu moro, na rua que eu moro, não tem muita mudança não. E algumas pessoas que se mudaram para o centro de Seropédica, já voltaram de novo, Entendeu? Eu acho que aqui não tem muita gente saindo do bairro não.

Pesquisadora : Mas as que saem, você acha que o que levam eles pra ir para outro lugar no centro de Seropédica?

Entrevistada: A pessoa que sai daqui para o centro, acredito que é uma chance de facilidade assim mas próximo do comercio, perto das coisas mais próximas né?

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel? Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistada: Ih professora, agora você me pegou. Porque acho que sempre teve sim.

Pesquisadora: Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistada: Professora! Eu vou ser sincero, eu não sei não. Eu sei que estudei lá, terminei o ensino médio ali, mas é, falar sobre a escola, falar sobre, não tenho muita informação não.

Pesquisadora: Você sabe quem foi Alice de Souza Bruno? Ou também não?

Entrevistada: Alice de Souza Bruno. Professora eu até sabia, mas tanta coisa na cabeça que até esqueci, porque quando estudei lá, até a senhora falou pra nos né? Referente lá na história, mas no momento eu não lembro não.

Pesquisadora: Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?

Entrevistada: Olha bastante gente. Minha esposa estudou lá, meus enteados estudaram lá, umas 3, 5 pessoas da família estudaram lá.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?

Entrevistada: Olha, eu acho que não mudou nada não. Só a praça ali que eles botaram é. Não realmente mudou sim. É, me perdoa porque na praça eles botaram uns aparelhos de ginastica para idoso, mudou um pouco sim, a praça eles fizeram uma reforma, o campinho de futebol deu uma melhorada sim.

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistada: Olha eu costumo dizer que eu não, sabe desse lugar aqui mais, só quando morrer, porque eu gosto muito de morar aqui. Eu indicaria sim.

Pesquisadora: E se você pudesse se mudaria do bairro? Por quê?

Entrevistada: Não, não porque, foi o que eu falei no início é bem tranquilo, as pessoas são,

pessoas simples, pessoas que são gente boa, então não tem o porque mudar, eu vivo muito bem aqui no bairro de São Miguel.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistada: Não. Acho que não, não tem nada assim mais. Eu gosto de morar aqui, sou evangélico, eu congrego nesse bairro aqui, sou feliz aqui onde moro.

Pesquisadora: Entendi. Muito obrigada A.

Entrevistada: Nada.

Identificação:

Nome(opcional): Nome: M.

Idade: 45 anos

Data: 26/01/2021

Então, essa é a entrevista com M., aluna da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Boa tarde M.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel?

Entrevistada: 31 anos

Pesquisadora: Você gosta de viver nesse bairro?

Entrevistada: Gosto sim.

Pesquisadora :Por quê?

Entrevistada: É um bairro tranquilo. Bom de se viver.

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistada: Minha família, são 4 só.

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistada: Bom, eu quando vim pra cá, vim com 14 anos mais ou menos e eu me identifiquei aqui porque aqui é muito tranquilo, aqui fiz muita amizade e quando eu vim pequena, é adolescente lá de Seropédica, Seropédica pra mim eu não tive muito, não me identifiquei muito não. Identifiquei mais com São Miguel.

Pesquisadora: Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.

Entrevistada: Bom eu nasci em Seropédica né. Eu nasci em Seropédica e eu morava na antiga rua um, lá em nasci lá e com dois anos eu comecei a minha trajetória é se mudando de um lado pro outro. É foi isso.

Pesquisadora: Descreva como era o bairro quando você chegou? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistada: Quando eu vim pra cá, aqui é, não tinha muitas casas, as ruas era de barro, não tinha saneamento, não tinha agua, a nossa agua era de poço né? E poucas igrejas, era assim muitas poucas casas.

Pesquisadora: Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos? Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?

Entrevistada: Bom, aqui na minha rua, ninguém, só uma pessoa se mudou daqui mas não foi para Seropédica não. Ela foi para outro municio, ela foi lá para a região dos lagos viver por lá, mas aqui no meu bairro, na minha rua, nos meus vizinhos só uma pessoa que se mudou porque tem muitas pessoas que gostam daqui.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel?

Entrevistada: Esse nome é por causa do padroeiro São Miguel e aqui tem uma igreja católica que tem esse nome que é o nome do padroeiro, padroeiro São Miguel.

Pesquisadora: Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistada: Sempre teve esse nome, quando, vou dar uma puxadinha pra trás, quando meu pai casou com a minha mãe veio morar aqui já era São Miguel, eram 50 anos pra trás e já era esse nome.

Pesquisadora: Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistada: Olha, eu sei muito pouco, vou dar uma resumida assim. Eu tinha uma avó parte de pai que ela trabalhou lá na primeira escola da Alice, porque é tem a primeira escola que fica onde fica a creche agora, a antiga Alice Bruno que foi é lá em cima no morro né? Veio pra cá não me lembro agora o ano, minha avó trabalhou lá como faxineira, se formou e ainda deu aula no Alice de Souza Bruno.

Pesquisadora: Você sabe quem foi Alice de Souza Bruno?

Entrevistada: Bom eu sei mais ou menos assim que ela foi uma professora, uma primeira professora negra é da escola assim, teve muitos preconceitos por ela pela origem dela, assim mais que eu sei.

Pesquisadora: Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?

Entrevistada: Bom, estudaram foram 5. Eu, minha mãe, meus sobrinhos e por ultimo agora minha filha que estuda lá.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?

Entrevistada: Bom, é, tempos atrás, nos tínhamos uma praça muito boa, familiar que no final de tarde reuníamos as crianças e a gente ia para praça para conversar com os amigos que tinha lá e as crianças brincar no parquinho. Muito bem bonitinha, organizada. Hoje em dia você não pode nem ficar lá, é uma escuridão, é um abandono total e quer dizer então não é mais familiar né?

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistada: Sim, eu sempre falei bem do meu bairro, eu amo meu bairro (risos).

Pesquisadora: E se você pudesse se mudaria do bairro? Por quê?

Entrevistada: Bom, se fosse para me mudar eu me mudaria, mas para outro estado, eu agora assim para eu sair daqui para outro lugar aqui por perto não, só se fosse para outro estado.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistada: Bom é, eu como aqui no meu bairro é um bairro que eu gosto muito sim conheço todo mundo assim entre aspas, as pessoas assim mais antigas falo com todo mundo, as pessoas são bem simpática, tem os pontos bons e negativos, mas eu gosto mais dos pontos bom e Seropédica eu não gosto de Seropédica, nunca gostei de Seropédica a cidade.

Pesquisadora: No centro? O centro de Seropédica?

Entrevistada: É, É, qualquer lugar ali, eu não gosto de Seropédica, eu gosto de onde eu moro, eu acho que me identifiquei mais aqui. Em São Miguel

Pesquisadora: Entendi. Muito obrigada M.

Entrevistada: Já acabou?

Identificação:

Nome(opcional): M.

Idade: 29 anos

Data: 26/01/2021

Então, essa é a entrevista com M., aluna da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Boa noite M.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel?

Entrevistada: Então eu moro em São Miguel, a vinte e nove anos, desde quando nasci. Teve uns intervalozinho de ida e saída, passar um tempo em Itaguaí mas foi coisa assim de 1 ano, 2 anos, então praticamente nasci aqui né?

Pesquisadora: Você gosta de viver nesse bairro? Por quê?

Entrevistada: Ah eu gosto de viver nele porque acho que é um bairro tranquilo. Você não tem tanto barulho como tem na cidade né?

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistada: Ih rapaz, isso aí acho que vem de geração em geração, minha família toda praticamente, a maioria, a maioria é daqui de São Miguel. Vó, bizavó, dai vai indo, tio, primo entendeu? Uma media de 50 pessoas.

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistada: Ah assim eu acho assim, na questão dos bairro, assim eu acho que mais a tranquilidade, porque eu já fui para outros bairros aqui em Seropédica e eu vi que era mais agitado do que aqui. Aqui eu acho por ter aquela entrada de sitio aí é mais tranquilo.

Pesquisadora: Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.

Entrevistada: Ah eu no começo vou te ser sincera, no começo eu odiava esse lugar, não gostava, porque até então as ruas não era asfaltada, não tinha água, a luz acabava direto, tinha mais dificuldade né? No caso nesse lugar, as “condução” não entrava e quando entrava era aquela rua cheia de buraco como você já presenciou como é que é, aí eu não gostava não.

Pesquisadora: Descreva como era o bairro quando você chegou? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistada: Então, praticamente assim até os pessoal antigo comenta que na realidade isso aqui era uma fazenda enorme e tal, e foi dividida em pedaços e foi vendendo e aí que os pessoal que foi comprando que foi crescendo esse bairro, construindo casa e outro comprando e assim foi indo entendeu? Mais antigamente não tinha asfalto não tinha nada, era difícil para você andar nas rua quando chovia, enchia d'agua as casas era aquele lameiro todo, quando o sol não entrava, se chovesse você tinha que ficar aqui não tinha como ir para o centro de Seropédica devido a situação das rua.

Pesquisadora: Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos?

Entrevistada: Ih rapaz! Aqui cresceu muito, muito mesmo, entendeu? Eu lembro que quando desde criancinha já tinha uma quantidade boa já de casa né, de vizinhos. Mas de um tempo pra cá por ser um bairro tranquilo e como dizem pacato né? Aí o pessoal foi vindo tudo pra cá, agora tem bastante gente, onde você passa é casa, vizinho.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?

Entrevistada: Eu acho que é por causa da condução. A condução, por exemplo, aqui não tem posto de saúde 24h, aqui não tem postinho de polícia ali na praça ou ronda da polícia aqui entendeu? É condução para você sair daqui para Seropédica você já paga quatro reais que eu acho um absurdo. Então muitas pessoas estão saindo daqui pra ir para lá, você quer pagar uma conta você tem que ir para Seropédica porque aqui não tem, não tem muito acesso entendeu?

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel?

Entrevistada: Olha esse não sei te responder? Eu creio de devia ser um santo né? Dessa época da fazenda não sei, posso estar errada, creio que devia ser um santo que eles tinha a crença deles e por fim colocaram esse nome não sei.

Pesquisadora: Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistada: Eu acho que não hein? Eu acho que não acho que não. Porque na realidade isso aqui era uma fazenda Aguas Linda, como lá pra dentro do cantão tem uma placa dizendo Aguas Linda.

Pesquisadora: Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistada: Hum eu não sei não! Isso eu não sei te dizer.

Pesquisadora: Você sabe quem foi Alice de Souza Bruno?

Entrevistada: Não, eu não tive a oportunidade de conhecer a história dela, eu até estudei no colégio Alice de Souza Bruno gostei muito até, mas eu não tive assim a oportunidade de conhecer a história, saber o porque do nome.

Pesquisadora: Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?

Entrevistada: Olha eu acho que praticamente assim, não vou dizer que foi a minha família toda porque a minha família é grande com certeza naquela época que não tinha como estudar, tinha que trabalhar mas assim, meus primos estudaram, vamos supor se for colocar por número, vou chutar aqui uns 35 pessoas já estudaram ali já.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?

Entrevistada: Olha a única coisa que mudou de um tempo pra cá, a única coisa que também que eu vi, foi aquela não sei nem explicar, colocaram uma academia, um negocio assim para idoso ali na praça para fazer exercício físico, mas também só foi isso que eu vi.

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistada: Oh eu indicaria se a pessoa falasse para mim que queria morar em um lugar calmo e tranquilo, aí eu indicaria. Agora se a pessoa viesse pra cá com a intenção de ficar é indo em banco e fazendo as coisas eu não indicaria não.

Pesquisadora: E se você pudesse se mudaria do bairro? Por quê?

Entrevistada: Oh, se fosse eu outras época eu ate me mudaria mas como eu já acostumei com esse lugar eu acho que eu não me mudaria não sabe. Eu fico aqui sossegada entendeu? Então eu não me mudaria não.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistada: Não assim, no caso a única coisa que me incomoda muito hoje não só no bairro de São Miguel, mas em Seropédica eu acho que é a segurança né? Hoje em dia a gente não tem segurança nenhuma, antigamente o pessoal respeitava mais as casas entendeu, respeitava o portão, respeitava a porta fechada, hoje em dia as pessoas não estão respeitando mais nada, acho que é isso mesmo

Pesquisadora: Entendi. Então está bom. M. Te agradeço tá?

Entrevistada: De nada, até mais

Identificação:

Nome(opcional): M.

Idade:58 anos

Data: 29/1/2021

Então, essa é a entrevista com Dona M., aluna da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Boa tarde Dona M.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel?

Entrevistada: Eu moro a vinte e cinco anos

Pesquisadora: Você gosta de viver nesse bairro? Por quê?

Entrevistada: Eu gosto aqui é um lugar tranquilo né, não tem não é violência , não tem violência entendeu?

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistada: é seis pessoas. Tem quatro filhos eu e meu marido e só né, e dois netos.

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistada: ah ele é legal né? Ele como eu falei ele é um lugar meio tranquilo né e as pessoas conhecem todo mundo entendeu então fica aquela amizade né tudo mundo aqui e é diferente mesmo.

Pesquisadora: Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.

Entrevistada: Ah eu senti assim, ah eu achei legal aqui, achei colégio para meus filhos estudar né, São Miguel, então fiquei muito feliz em vim morar aqui.

Pesquisadora: Descreva como era o bairro quando você chegou? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistada: ah as ruas eram sem asfalto, não tinha asfalto e uma casa longe da outra sabe, quase não tinha muita casa não.

Pesquisadora: Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos?

Entrevistada: Aqui tem, vizinho aqui tem, tipo umas dez pessoas na rua aqui. Um monte de casinha da panco também. Umas seis casinhas da panco e aí fica mais obra. Sai uns vizinhos aqui uns quatro.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?

Entrevistada: Ah eles foram morar lá porque, é, porque moram mais perto do emprego deles lá né? Porque quem mora em Seropédica, quem trabalha em Itaguaí fica mais próximo do trabalho deles lá.

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel?

Entrevistada: Então esse bairro aqui de São Miguel ele é por causa de foi dado como um padroeiro de São Miguel de arcanjo, entendeu?

Pesquisadora: Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistada: Quando eu mudei pra cá eu conheci com esse nome.

Pesquisadora: Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistada: é, muito não né, eu sei assim que essa escola colocaram o nome de uma mulher né. Mas assim não sei explicar não. Essa assim foi surpresa mesmo.

Pesquisadora: Você sabe quem foi Alice de Souza Bruno?

Entrevistada: Não, conhecia ela não.

Pesquisadora: Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?

Entrevistada: Da minha família foi meus quatro filhos né e eu e meu marido.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?

Entrevistada: ah mudou bastante coisa, tem lugar aqui que tem academia, tem é sitio para as pessoas tomar banho para se refrescar né. É muita coisa mudou

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistada: Eu indicaria sim, porque é um lugar tranquilo de se morar sabe

Pesquisadora: E se você pudesse se mudaria do bairro? Por quê?

Entrevistada: Não eu não pensaria em mudar não porque eu gosto daqui.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistada: Ah então eu tenho muitas coisas boas para falar de São Miguel, porque quando eu me mudei pra cá eu morei no sitio da panco e ali não tinha colégio, tinha um colégio ali mas era um orfanato, tinha que passar pelo atravessar pelo mato, para trazer as crianças e na época era três crianças, além de atravessar a dutra até la fora para eles estudar, até que acompanhei umas mae aqui e procurei uma escola para eles estudarem aqui e isso é legal né

porque é aqui que tem tudo pra gente né.

Pesquisadora: Entendi. Então está bom Dona M. Te agradeço tá?

Entrevistada: tá. Fica com Deus

Identificação:

Nome(opcional): A.

Idade: 49 anos

Data:30/01/2021.

Então, essa é a entrevista com A., aluno da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Boa tarde A.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel?

Entrevistada: Tem uns cinco anos que eu moro aqui.

Pesquisadora: Você gosta de viver nesse bairro? Por quê?

Entrevistada: Olha, eu fico meio assim, eu gosto pela tranquilidade né? Mas, mas assim, tem hora que eu tenho um pouco de vontade de me mudar por causa da distância entendeu? Por ser um bairro um pouco afastado do centro sabe, então em tenho essas coisas de comercio assim, mas eu gosto, eu gosto sim.

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistada: É, aqui em casa é eu, meu marido e meu filho e eu tenho uma cunhada, o marido dela e o filhinho dela.

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistada: Olha Carol, eu acredito que seja é a parte que tem mais arvores, é mais refrescado, porque eu não conheço, pra dizer a verdade eu não conheço muito os outros bairros daqui né? Único bairro que eu morei antes de vim pra cá pra São Miguel que eu nem conhecia Seropédica, eu conhecia através de um amigo do meu marido do trabalho dele, e eu conheci Fazenda Caxias, mas Fazenda Caxias é quase nem tem arvore né? É bem mais quente, apesar de aqui ser quente, aqui ainda é um lugar que você consegue ter um pouco de natureza né? Tem bastante pássaros, até por pouco tempo eu vi até um tucano, até tirei foto dele.

Pesquisadora: Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.

Entrevistada: Eu fiquei aliviado por sai de Conceição (risos) sabe, fiquei aliviada, sai de lá por lá ser, apesar daqui ser bem distante do centro, porque o centro de Seropédica mesmo não tem muita opção né? Mas tem Nova Iguaçu né, tem Campo Grande e lá onde eu morava será bem mais distante então é, eu gostei nesse sentido, eu fiquei aliviada por estar morando mais próximo né dos grandes centros.

Pesquisadora: Entendi. E você morava onde mesmo? Em qual cidade antes?

Entrevistada: Eu morava em Mangaratiba, Conceição de Jacareí. Eu vim por conta do trabalho do meu marido.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Descreva como era o bairro quando você chegou? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistada: Olha não mudou muita coisa não, mesma coisa, sabe. A única coisa que aconteceu de diferente é, foi o asfalto né? Que foi feito agora correndo ano passado pelo prefeito (risos) pra poder ver se conseguia voto. Posso falar o que eu penso né?

Pesquisadora: Claro, pode falar, fique à vontade.

Entrevistada: Então, é acho que foi só isso de diferente porque desde que eu moro aqui né? Sempre já tinha bastante casas né? Porque eu moro aqui a 5 anos só, pra eu acredito, eu falo

só 5 anos mais é muita coisa, mais tem gente aqui que mora mais de 30, 20 anos, eu acredito que deva ter mudado muita coisa, mas não, do tempo que eu moro pra cá não mudou muita coisa não.

Pesquisadora: Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos? Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?

Entrevistada: olha aqui, é do meu lado por exemplo é, mora muita gente assim do meu lado esquerdo mora a Rosangela e do lado direito mora o pessoal que mora mais de aluguel né? Eu acredito que eles devam ir embora mais pela questão da distancia mesmo, porque assim, é. Igual a mim, quando eu vim morar aqui, quando eu vim morar em Seropédica, eu cheguei a vim aqui no bairro pra conhecer né? Só que eu achei assim distante do centro de Seropédica, ai falei assim ah Welington pra gente né, ter que toda hora ir pra lá e vamos morar de aluguel ali então a gente mora aqui no centro que eu acho que fica melhor, então eu acho que seja por esse motivo sabe? Porque entre você ter que gastar com Kombi, com condução, então eu acredito que seja isso. Porque aqui mesmo do meu lado, desde quando eu moro aqui já mudou bastante gente, veio morar e foram embora, mas eu acredito que seja por essa questão mesmo, porque eu tiro por mim mesmo, bom para morar de aluguel eu prefiro morar no centro né? Porque é mais próximo pra resolver tudo né? E a gente já iria pagar um aluguel né? Ai teria que ficar gastando com Kombi, porque naquela época nem carro a gente tinha, agora que a gente conseguiu comprar um carrinho, porque aqui tem essa questão também que eu acho um pouco de dificuldade aqui, essa questão de não ter condução né? Não ter ônibus direto, só ter kombi, eu acho que isso, na minha opinião é a maior dificuldade.

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel? Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistada: Essa eu já não sei te responder. Eu desde que moro aqui tem esse nome São Miguel.

Pesquisadora: Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistada: Bom, eu lembro que quando eu fiz, estava estudando na época estudada com você, com a Aurélia né? E ela, eu lembro que teve uma palestra que ela falou que tem um nome de uma eu não sei se uma moça que fez, parece que era até negra se não me engano que ela conseguiu cursar a faculdade dela então eu não sei se ela foi professora ou se foi diretora da escola, eu não lembro, mas parece que colocaram o nome dela né? Que eu me lembre foi uma coisa assim. Por isso tem esse nome.

Pesquisadora: A próximo pergunta é um complemento da última. Você sabe quem foi Alice de Souza Bruno?

Entrevistada: Então sei que foi essa moça essa senhora que na época a professora Aurélia fez uma palestra sobre ela, ela era muito pobre, mas ela conseguiu fazer a faculdade com muita dificuldade, ai eu não sei se ela foi diretora da escola ou se ela foi professora por muitos anos não sei, ai acabou que, eu imagino que foi uma homenagem assim né? O nome ficou esse nome.

Pesquisadora: Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?

Entrevistada: Eu tenho uma sobrinha que mora aqui agora que estuda lá. E eu que estudei (risos)

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?

Entrevistada: Olha, só tem aquela pracinha, desde que eu vim pra cá tinha aquela pracinha ali e continua né? Eu acho que na minha opinião, eles devem muito nessa questão de lazer para as crianças né? Não tem muita opção, ai a gente tem que sair pra fora né?

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistada: Sim. Apesar da questão de não ter um lazer essas coisas, porque na maioria, na

verdade é que na maioria dos bairros mais podres, não tem muita opção né? Você realmente você tem que sair do bairro que tu mora para poder procurar nos lugares mais movimentados né? Porque na maioria das vezes acontece isso. E na maioria dos bairros é baixada fluminense está muito violento né? E aqui a gente tem essa vantagem, graças a Deus aqui é um bairro tranquilo né? De vez enquanto você escuta uma coisa ou outra, por exemplo uma coisa que eu fico muito dentro de casa eu fico mais sabendo pelas pessoas, um comentário ou outro, mas graças a Deus aqui é bem tranquilo. Eu falaria assim se fosse o caso indicaria sim para vim morar aqui.

Pesquisadora: E se você pudesse se mudaria do bairro? Por quê?

Entrevistada: Eu assim, eu fico meio as vezes tenho muita vontade de me mudar e as vezes eu fico com medo de me arrepender né? Eu tenho medo mais pela questão da violência, porque isso aconteceu comigo quando eu morava em conceição porque lá era bem tranquilo na época a gente dormia até de janela aberta e tudo mais e eu morria de medo porque eu morava lá por 11 anos e eu tinha muito medo de ir para um lugar que a gente não conhecesse, principalmente por causa do nosso filho né? Mas depois eu acabei vindo por indicação porque a gente não conhecia e mas eu tenho vontade por causa dessa questão da distancia entendeu? Porque se o centro de Seropédica fosse tipo Nova Iguaçu, eu não me mudaria daqui né? Porque você tem acesso mais fácil porque o centro de Seropédica não tem tanto opção, não tem um shopping.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistada: Não não. Eu só fico chateada porque aqui falta muita luz (risos) menina falta muita luz aqui. Eu nunca vi piscou, deu um ventinho, balançou o galho da arvore a luz piscou.

Pesquisadora: Entendi. Então está bom A. Te agradeço tá?

Entrevistada: tá. Fica com Deus

Identificação:

Nome(opcional): E.

Idade: 28 Anos

Data: 10/05/2021

Então, essa é a entrevista com o E., aluno da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Boa noite, E.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel? Desde que ano?

Entrevistado: Eu moro desde 1993 professora, desde quando eu nasci eu moro em São Miguel.

Pesquisadora: Você gosta de viver nesse bairro? Por quê?

Entrevistado: Sim, gosto sim professora, é um bairro que como eu disse, fui criado, é um bairro tranquilo, comparado aos outros bairros de Seropédica. Ali tem toda a minha história de infância, adolescência, para mim foi um excelente lugar.

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistado: Atualmente hoje, tem 7 pessoas que moram no bairro de São Miguel. Irmãos, mãe, sobrinho.

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistado: Para mim professora, o diferencial de São Miguel comparado com outros bairros é tranquilidade, é o comodismo de viver dentro do bairro, é como posso te explicar melhor? É um bairro tranquilo, por ele ser um pouco afastado dos outros bairros de Seropédica. Ele se tornou um bairro bem mais tranquilo de viver.

Pesquisadora: Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.

Na verdade, você falou que nasceu aqui correto?

Entrevistado: Sim

Pesquisadora: Qual o sentimento que você tem de morar na cidade de Seropédica?

Entrevistado: É um sentimento bacana. Como eu nunca morei em outro lugar em outra cidade, para mim é um sentimento bom, é um lugar que eu me identifiquei, eu nunca tive vontade de sair de Seropédica, para mim é um lugar que me marcou e marca até hoje a minha vida entendeu?

Pesquisadora: Descreva como era o bairro na sua infância? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistado: Ah professora eu lembro de muitas coisas. Antigamente o bairro todo era de lixão, barro, areia, as casas eram bem mais humildes, muro eram poucos, era mais cerca. Bastante recordação. Não tinha quase nada do que tem hoje, os brinquedos que tem lá. Era bem mais humilde do que é hoje, hoje tem asfalto, as coisas deram uma modernizada legal.

Pesquisadora: Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos? Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?

Entrevistado: Números exatos assim eu não vou saber dizer, mas um dos motivos que as pessoas saem daqui é as condições de condução, é oportunidade de emprego, porque aqui é tipo um bairro destacado então fica meio extinto essas coisas. Bem menos do que o centro de Seropédica.

Pesquisadora: entendi.

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel? Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistado: Ih professora, agora eu não me recordo porque o nome do bairro é São Miguel. Não vou saber dizer porque aqui se chama São Miguel.

Pesquisadora: Está bom, sem problema algum.

Pesquisadora: Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistado: Professora, se eu não me engano, eu lembro um pouco que foi uma professora se não me engano Alice que fundou essa escola não me lembro o ano, mas eu me lembro que foi uma professora.

Pesquisadora: Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?

Entrevistado: Professora, aqui no Alice de Souza Bruno praticamente foram meus irmãos todos que ao total somos 9, todos eles estudaram no Alice de Souza Bruno, meus pais não, meus tios também não, foram só meus irmãos mesmo.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?

Entrevistado: Então professora, lazer na verdade aqui em São Miguel sempre foi um ponto fraco nosso. Nos temos aqui no máximo um campo que hoje está em péssimas condições, uma quadra e uma pracinha, que sempre foi o nosso lazer mesmo. A gente nunca teve nada além disso dentro do bairro.

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistado: Então professora, é relativo. Tem o lado bom, comparado em outros bairros de Seropédica de se morar, porque é mais tranquilo. Mas aí entra a parte de transporte que é escasso, a oportunidade de trabalho, mas comodismo São Miguel está entre um dos melhores de Seropédica

Pesquisadora: E se você pudesse, se mudaria do bairro? Por quê?

Entrevistado: Ah professora, sim pelo o que acabei de dizer, pelas condições que ele oferece. No caso hoje eu já adulto é outra visão então acredito que sim, sairia sim.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistado: Então professora, eu como morador de Seropédica nascido e criado ali eu acredito que eles poderiam olhar para São Miguel em relação a outros bairros de Seropédica.

Claro que tem muitos bairros precários dentro de Seropédica, mas São Miguel também está muito esquecido, está bem esquecido em grandes aspectos, não tem uma ação social para jovens, não tem um incentivo, não tem nada ali, não tem um esporte, lazer, uma pessoa responsável, acho que eles poderiam criar projetos, alguma coisa pra aproveitar a juventude ali também, acho que está bem esquecido nesse aspecto.

Pesquisadora: Então é isso E., Obrigada.

Entrevistado: De nada professora.

Identificação:

Nome(opcional): T.

Idade: 21 anos

Data: 12/05/2021

Então, essa é a entrevista a T., aluno da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Boa tarde.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel? Desde que ano?

Entrevistada: Carol, eu nasci e vim direto morar aqui, eu tenho 21 anos,

Pesquisadora: Você gosta de morar nesse bairro? Por quê?

Entrevistada: Gosto porque ele é tranquilo, já conheço todo mundo, tem algumas pessoas estranhas mais a maioria eu conheço.

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistada: Só quem mora aqui no meu quintal.

Pesquisadora: E são quantas pessoas, mais ou menos?

Entrevistada: Ah. 12 pessoas, mais ou menos.

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistada: Eu acho que, ao meu ver ele é um dos mais tranquilo.

Pesquisadora: Aí você acha que esse é o diferencial dele?

Entrevistada: É porque as pessoas já se conhecem e assim, as vezes acontecem umas confusão mas eu acho bem tranquilo. Em comparação as casinhas do 54, eu acho mais tranquilo.

Pesquisadora: Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica. Você disse que veio criança, mas você se lembra?

Entrevistada: Não, mas eu gostava, quando a minha mãe falava em se mudar, eu já ficava triste. Ela se mudou uma vez eu acho, uma ou duas, mas a gente sempre voltou, tipo a gente não ficou um ano longe, aí ficava chateada.

Pesquisadora: E você consegue lembrar como era o bairro? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistada: Então, tinha muito terreno baldio sem casa, tinha muita arvore mato, hoje em dia se você andar lá pra dentro é muita casa que foi construída, eles construíram muitas casas, na praça também tinha no meio assim da praça essa aqui central, tinha um chafariz muito bonito, mas aí tiraram né? O governo do Martinazzo tirou, destruiu a praça ai não voltou como era antes. Essas coisas que eu me recordo mais.

Pesquisadora: Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos? Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica, na sua opinião?

Entrevistada: Aqui foram poucos, porque a maioria aqui da rua é tudo casa própria. As alugadas eles se mudaram e os de casas própria não. Eu acho porque aqui em São Miguel não tem muita coisa, ele, se a gente quiser pagar alguma conta tem que ir para o quarenta e nove, se quiser ir no mercado tem que ir para o quarenta e nove, um lazer tem que ir para o quarenta e nove, então isso ajuda as pessoas querer sair.

Entrevistado: Entendi, entendi.

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel? Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistada: Sempre, não sei por que, mas ele tem esse nome, mas sempre teve esse nome, desde quando eu nasci tem esse nome.

Pesquisadora: Você sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistada: Ih Carol eu não sei. Nada

Pesquisadora: Nem quem foi Alice de Souza Bruno?

Entrevistado: Não, eu só escutei falar do Atílio, a origem do Atílio e do Vera Lúcia, agora do Alice não.

Pesquisadora: Quantos familiares estudam ou estudaram nessa escola?

Entrevistada: Três, três não, cinco pessoas. O meu tio, hoje em dia é até advogado, meu tio, minha tia e meus primos, quase da mesma idade que eu.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?

Entrevistada: De lazer aqui só tem a praça e mudou aquela questão que te falei que tinha chafariz que era toda bonitinha e destruíram, única coisa que tem.

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistado: Indicaria. Tem um menino do serviço que mora no quarenta e nove e ele queria sair de lá, aí eu e as meninas que mora aqui né, a gente indicou aqui pra ele porque aqui é tranquilo, o custo de vida é mais barato do que no centro, no quarenta e nove.

Pesquisadora: E se você pudesse, se mudaria do bairro? Por quê?

Entrevistada: Ah se eu pudesse me mudaria, lá para o centro mesmo, fica mais perto de tudo, porque aqui quando da umas nove horas não tem mais kombi, tem que pedir UBER. E pelo aplicativo quase nenhum aceita, fica muito ruim sair daqui depois das dez horas da noite, mais por isso. Você quer pagar uma conta, ir no mercado, rapidinho, aí no quarenta e nove tem mais opção, só.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistada: Como assim?

Pesquisadora: Alguma coisa que não foi perguntado, alguma coisa a mais que você gostaria de pontuar da sua vida aí como moradora.

Entrevistada: Ah não. Por enquanto tá, não tem muita coisa pra falar.

Pesquisadora: Tá bom, T., muito obrigada.

Entrevistada: De nada Carol.

Identificação:

Nome(opcional): A.

Idade: 33anos

Data: 15/12/2020

Então, essa é a entrevista com a A., aluna da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Olá A.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel? Desde que ano?

Entrevistada: dezenove anos.

Pesquisadora: Você gosta de viver nesse bairro? Por quê?

Entrevistada: Gosto muito, por causa da tranquilidade, aqui é muito tranquilo.

Pesquisadora: E essa sua trajetória, com tantos anos morando aí, você pode me descrever como é que você veio para o bairro de São Miguel?

Entrevistada: Ah eu vim através da minha irmã né? E de um casamento que eu arrumei aqui, eu morava em Nova Iguaçu e eu conheci uma pessoa aqui e depois que eu peguei mais idade eu casei com essa pessoa e vim pra cá.

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistada: No caso a minha família que mora comigo ou outras pessoas da família também?

Pesquisadora: Outras pessoas que moram no bairro.

Entrevistada: Então, eu tenho oito pessoas. A minha família né e mais os chegados que são mais quatro.

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistada: Assim, eu não conheço muitos bairros de Seropédica, eu não sou muito de sair para outros bairros de Seropédica, conheço muito Santa Sofia, estudei lá. Mas eu não sei o que dizer muito de outros bairros de Seropédica, nas o que eu ouço dizer, eu acho que aqui é um pouco mais tranquilo, acredito que aqui seja mais tranquilo, acredito que tenha bairros lá pra dentro do meio do mato, mas eu acho que aqui seja mais tranquilo. Mais acolhedor né?

Pesquisadora: Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.

Entrevistada: Então, no começo foi meio estranho porque eu vivi em Nova Iguaçu então é uma parte do Rio de Janeiro muito movimentada, uma área mais urbana, então quando vim pra cá, era um pouco mais rural, muito mais rural que é hoje. Era tudo mais pacato, tudo muito longe e onde eu morava era tudo muito perto, tudo muito fácil. E aqui até hoje, algumas coisas são muito difíceis: Condução, ônibus essas coisas é muito difícil. Então eu estranhei um pouco por causa disso, mas hoje já me acostumei.

Pesquisadora: Descreva como era o bairro quando você chegou? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistada: Só tinha mato (risos) Só tinha mato, pouquíssima casas, muito loteamento, pouquíssimas casas. Quando eu cheguei aqui muitas casas que tem hoje em dia nem sonhava de existir. A rua que eu moro hoje por exemplo, nem existia, era uma parte de terreno, de fazenda, sitio, sei lá. Nem existia esse loteamento, essa rua, muito mato, muito pacato mesmo. Barro, era de barro e era mais tranquilo ainda por ser assim.

Pesquisadora: Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos? Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?

Entrevistada: Eu acredito que por essa questão de das condições né? Porque aqui é mais difícil as coisas e as pessoas hoje estão vivendo muito mais para sair do trabalho e acredito que muitos trabalham no quarenta e nove, a porque é mais fácil então acaba se mudando por causa disso, pela facilidade que o centro traz, para algumas pessoas, para mim é maravilhoso aqui, eu não mudaria do bairro de São Miguel para ir para o centro, não nos dias de hoje, quem sabe futuramente mais acredito que seja por isso que tenham mudado várias pessoas, vários amigos meus que tinham aqui foram embora, acredito eu que por causa disso né?

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel? Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistada: Então (risos) não sei te explicar sobre isso porque nunca me aprofundi sobre isso, nunca pesquisei sobre isso. Eu estudei aqui mais não lembro de ter estudado sobre isso porque se chama São Miguel, não sei te dizer, então não vou saber te responder.

Pesquisadora: Entendi, sem problemas.

Pesquisadora: Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistada: Então. Eu não me lembro muito bem, mas quando eu estudei no Alice mais nova, bem mais nova e comecei a estudar com 14 anos, eu lembro que tinha uma foto dela lá e eu lembro que a diretora Ivanilde chegou a explicar quem foi ela, porque, mas pra falar a

verdade professora eu não me lembro. Só sei dizer que foi uma moça muito respeitada, muito interessante a história dela, só não lembro de detalhes.

Pesquisadora: A outra pergunta é, você sabe quem foi Alice de Souza Bruno?

Entrevistada: Então eu só lembro de uma foto dela que tinha ou tem ainda na escola, não sei se ainda tem, mas tinha foto. Sei que era uma mulher negra e tal mais não lembro mais.

Pesquisadora: Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?

Entrevistada: Então contando com parentes distantes eu já tive sobrinhos estudaram lá, cunhada, cunhados quando eram pequenos estudaram lá, porque eles estudavam até onde o Alice nem era ali, era lá na creche, lá em cima era o Alice de Souza Bruno, lá em cima a escola era lá, então estudaram muitos lá por muitos anos e até hoje tem familiares, porque eu estudo, meu marido estudou, minha filha estuda, meu filho vai começar a estudar então são muitos. Umas 10 a 12 parentes.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?

Entrevistada: Nada, Nada (risos) não mudou nada, não melhorou nada, só está acabando as coisas. Só destruição mesmo.

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistada: Com certeza. Com toda certeza. Pela tranquilidade, para as pessoas que gostam igual eu que gosta de mato que gosta de sossego dessas coisas. É claro que é assim, não vamos de vez enquanto acontece uma coisinha aqui outra ali, mas em vista de outros bairros em vista de outras localidades aqui é muito tranquilo. Eu indicaria por causa da tranquilidade.

Pesquisadora: E se você pudesse se mudaria do bairro? Por quê?

Entrevistada: De jeito nenhum (risos) de jeito nenhum eu poderia até ficar rica comprar casas em outros lugares, mas não pretenderia sair daqui não.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistada: Ah não, não tenho mais nada assim que eu queira acrescentar não. É isso para mim é muito bom viver aqui eu gosto de viver aqui não pretendo sair daqui, até mesmo de tudo que uma pessoa que veio pra cá com 14 anos então eu me construí aqui né, hoje eu tenho 33 e assim, a minha vida toda praticamente foi aqui então eu espero que venha mais coisas melhores para acrescentar daqui um tempo, mas por enquanto não. Só isso mesmo

Pesquisadora: Entendi. A. muito obrigada.

Entrevistada: Poxa eu que agradeço professora.

Identificação:

Nome(opcional): A.

Idade: 49 anos

Data: 15/12/2020

Então, essa é a entrevista com a A., aluna da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de Souza Bruno. Boa tarde, A.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel? Desde que ano?

Entrevistada: Então, no bairro de São Miguel eu moro 37 anos. Eu vim pra cá com 12 né? E tô com 49 agora.

Pesquisadora: Ah entendi.

Pesquisadora: Você gosta de viver nesse bairro? Por quê?

Entrevistada: Sim professora, porque ainda é um lugar tranquilo, eu acho. Com muitas

árvores, eu gosto de ter contato com a natureza, o quintal. E tem lugares que não tem isso né? Tem, mas é pouco, né?

Pesquisadora: Sim, sim.

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistada: Umas dezessete pessoas. Aqui tem primos, primas, tio e tia.

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistada: Contando claro com a minha família, todos né?

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistada: Olha eu vejo que por mais que hoje já existe muito mais moradores, eu ainda acho que é um bairro tranquilo. Muitas pessoas conhecidas entendeu? Há anos, ainda sim tem conhecidos há anos aqui.

Pesquisadora: Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.

Entrevistada: É, apesar de eu ainda ser pequena né? Gostei muito, né? Eu vim para um bairro onde meus avós moraram já, eles moravam antes de eu vir, entendeu? Meus avós eles tinham uma casa bem ali pro centro mesmo de São Miguel. Com doze anos de idade vim morar aqui, então eu achei muito diferente pelo fato de assim, meus pais sempre morou em sítio, eles eram caseiros sabe? Então a gente mudava muito, e aqui foi onde a gente estacionou, né? Estamos aqui até hoje.

Pesquisadora: Descreva como era o bairro quando você chegou? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistada: Olha, não tinham muitas casas, era mais sítios, né? Lotes, assim vazios, né? Chamam de lotes baldios, né que falam. As estradas tinham, assim, não eram asfaltadas. Hoje em dia já são a maioria asfaltada, graças a Deus. Não tinha saneamento básico, direito, hoje em dia pode até ter ruas que falta isso, mas a maioria já consegue ter isso, né? Que é o básico, né? O mínimo. Rua asfaltada assim, só tinha mesmo a igreja católica e não tinha muitas igrejas evangélicas igual, hoje em dia tem vários, né? A farmácia aqui não tinha, né? Tudo a gente tinha que ir ou pra Itaguaí, né? Seropédica ainda era município de Itaguaí, né? Não tinha emancipado ainda, então muita das coisas a gente tinha que ir pra lá em Itaguaí, então mudou muito, né? A escola eram duas, né? Que era a Vera Lúcia lá dentro.

Pesquisadora: É a que é municipal?

Entrevistada: É a municipal, ela vinha ser irmã da prima do meu esposo.

Pesquisadora: Nossa!

Entrevistada: É... Vera Lúcia.

Pesquisadora: E você sabe alguma coisa sobre a vida dela?

Entrevistada: Não, ela falou que era a irmã dela, né? Que eu tenho contato com ela né, a Lúcia ela é prima do meu esposo né? Já mora aqui há muitos anos, né? Então ela só me falou assim, só falou que era irmã dela, que eu perguntei muito tempo atrás, aí eu já juntei tudo, né? Eu já falei “Poxa Vera, Vera Lúcia” aí a gente comentando “Ah ela é a minha irmã, tal” e aí colocou o nome como homenagem, né?

Pesquisadora: Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos e por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?

Entrevistada: Olha, poucos, né? Meus vizinhos ainda residem na mesma casa, na mesma rua, tendeu? Na mesma rua há anos, teve sim alguns moradores que se mudaram, mas não dá pra mim assim saber direito quantos não, né. Porque assim, a gente sempre ouviu falar “A fulano já, né? Se mudou”. Não é nem só pra Seropédica, mas também pra outros lugares, né? Bairros vizinhos, mas daqui mesmo de perto de mim foram poucos que se mudaram. Que eu lembre assim... é que eu vejo assim que ao decorrer dos anos continua a mesma, mesmo vizinho, né? Até vem outros aqui morar, tipo assim, em casa de aluguel essas coisas, mas é muito raro.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel? Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistada: Então no final da década de mais ou menos nessa época, o bairro começou a crescer e se estruturar, ou seja, vir mais recurso, né?

Pesquisadora: Qual foi a década? O áudio não deu pra escutar.

Entrevistada: Ah, é... no final da década de sessenta, isso aí eu soube depois, que o bairro começou a crescer ,com construções de casas, aberturas de ruas, né? Quando eu vim não tinha muitas, mas já tinha aberto bastante, né? Aqui era como se fosse um loteamento só, né? Então depois foi repartindo, dividindo tudo, né? E o terreno, a abertura dessas ruas nesse mesmo tempo foram construído uma capela, né? E no terreno para a construção dessa igreja, no caso a igreja católica, ela foi uma doação da Senhora Novina. Que aliás, essa dona Novina ela era dona de todo isso aqui, São Miguel, né? É muitos tem a escritura, tudo é Dona Novina tem lá “Passado pela Dona Novina”, a maioria né. Então essa senhora Novina Ramos, né? É... a capela foi dedicada ao arcanjo São Miguel, então por isso o bairro recebeu esse nome.

Pesquisadora: Ah, entendi.

Entrevistada: Então o arcanjo ficou sendo padroeiro, do bairro e da capela. A capela também com o mesmo nome.

Pesquisadora: Entendi

Pesquisadora: Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistada: Olha, eu já estudei, né? No Alice, conforme eu já tinha até pronunciado. Eu estudei no Alice de Souza Bruno, primeiro eu não vim morar aqui, o primário eu não fiz aqui, né? Eu estudei num colégio do lado de lá do outro lado do Dutra e lá é o Oscar Vasconcello. Eu morava lá na fazenda da minha mãe e tinha esse colégio Oscar Vasconcello, aonde eu fiz é o terceiro e quarto, se não me engano, quarto ano e depois eu passei pra cá pra fazer o quinto no Alice de Souza Bruno, né?

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistada: E esse colégio, e aí o que acontece eu vejo, né? Tem até essa história mesmo escrita e tudo, eu acredito que foi em homenagem a essa grande lutadora a professora Alice de Souza Bruno, ela foi uma professora, negra, que tem toda essa história, ela lutou muito, né? Na época ela não tinha recursos, né? Financeiro, era bem humilde, eu acredito que foi por conta disso.

Pesquisadora: Aí a outra pergunta é “Você sabe quem foi Alice de Souza Bruno?”, mas você já respondeu.

Entrevistada: Haha, é isso aí ela foi uma professora, né? Na época que Seropédica ainda pertencia Itaguaí, te falei? E ela dava aula pros primários, né? Era bem humilde, e onde o racismo deveria ser muito mais severo né. Eu acredito que era muito mais, né? Então teve que lutar muito pra se formar, passar em algum concurso, né? E conseguir assim a vaga de professora. Há anos atrás a dona Ivanilde que era diretora no Alice, eu peguei ela como diretora nessa época, e ela fez um jantar em homenagem, né? Compareceram alguns familiares, foi uma benção. Eu acredito acredito não, tenho certeza que o nome dela foi dado por isso.

Pesquisadora: Que legal!

Pesquisadora: Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?

Entrevistada: Eu sei que meus primos estudaram, filhos com certeza, sobrinhos que hoje ainda estudam, meu filho mesmo tá estudando agora, esse ano é o segundo ano dele, né? Meu filho mais novo ele tem 16 anos, então foram muitos, né? Assim é... que eu lembre assim foi mais meus primos, sobrinhos, hoje ainda estudam, tenho uma sobrinha também Maria Eduarda que estuda também.

Pesquisadora: Você acha que uns 10 familiares seus?

Entrevistada: Isso, isso. Acredito que sim.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?

Entrevistada: Olha, não mudou muita coisa não. Eu acredito que mudou só a praça e a quadra e o campo, que a quadra não tinha, o campo decente tal, só isso mesmo.

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistada: Sim, indicaria,

Pesquisadora: E se você pudesse se mudaria do bairro? Por quê?

Entrevistada: Olha não, eu não me vejo fora daqui. Eu, nós já temos casa própria, essa casa aqui é no nome da minha mãe, onde a gente mora, reside aqui, né? Foi muito suor também esse terreno aqui porque foi através do sítio que ela morou, o último sítio que nós moramos aqui em São Miguel, que foi o sítio “Casa do Vovô” foram seis anos, né? Onde eu sai de lá, eu fiz 15 anos, né? Me casei e saí de lá pra vir pra cá, eu vim primeiro morar aqui. Aí depois que minha mãe veio com meu pai, tendeu?

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistada: Eu não pretendo não, nunca tive esse... eu tento melhorar cada vez mais, né? Uma área de lazer, igual meu esposo fez aqui tudo, eu penso assim em melhorar, mas sair daqui mesmo não. Eu gosto de passear só, e voltar depois, tendeu? Haha

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistada: Olha eu, até tava até analisando sobre isso. Eu como moradora, de muita coisa mudar como asfalto, abrir posto de saúde, escolas, comércio, né? Comércios variados que hoje em dia se você quiser um mercado melhor você até tem opção pra você sair fora daqui e você ir pra Seropédica e tudo mais, mas vai de opção de cada um. Mas escolas, né? Que tem pra vários idades né, no caso tem o da creche né que CEMEI Alice, né? E eu acho assim que Seropédica depois da emancipação muita coisa mudou como veio pra cá é cartório pra Seropédica, prefeitura, correios, hospital. Então assim eu acho que melhorou bastante. Bom seria se o posto funcionasse vinte e quatro horas para emergências, pra pediatria e clinico, né? Eu assim, sempre pensei nisso, eu sei que tem. Tem o hospital agora, tem o posto de saúde do centro de Seropédica, mas eu vejo a necessidade da população sobre isso. E eu não penso só pra mim, né? Eu peço por todo um todo.

Pesquisadora: É em toda a população.

Entrevistada: E mais áreas de lazer, né? Pros nossos filhos e pros nossos idosos que aí, pra que em uns anos eu possa estar me encaixando haha, a gente tem que pensar no futuro. Porque eles não têm nada assim pra se distraírem igual Seropédica tinha antes, não sei se tem ainda. Essa parte dos idosos, agora não sei porque, com essa pandemia, né? É claro que não vai ter, mas o espaço que era para os idosos. Onde eles faziam atividades, dança e essas coisas, eu acredito que aqui mesmo em São Miguel, teria uma capacidade pra isso, pra ter uma oficina sabe. Algo assim pra melhoria, né? Pros idosos e tudo, uma atividade física ou alguma coisa assim.

Pesquisadora: Entendi. Muito obrigada A.

Identificação:

Nome(opcional): E.

Idade: 65 anos

Data: 15/12/2020

Então, essa é a entrevista com o E., aluna da modalidade EJA do colégio Estadual Alice de

Souza Bruno. Boa tarde, Elias.

Pesquisadora: Há quanto tempo você mora no bairro de São Miguel? Desde que ano?

Entrevistado: É... mais ou menos quarenta e pouco anos, se não me engano é desde de dezembro de setenta e quatro.

Pesquisadora: Nossa, que legal!

Pesquisadora: Você gosta de viver nesse bairro? Por quê?

Entrevistado: Eu acostumei, eu não gostava realmente, eu não gostava no começo, mas eu acostumei, adaptei. Eu gosto por causa da tranquilidade, é um lugar tipo roça, né? Muito tranquilo, um clima muito bom... Então eu me acostumei e adaptei digamos assim, aí eu gosto. Depois também... Eu gostei mais quando me aposentei, pra falar a verdade. Antes eu vinha pouco, uma vez por final de semana, quinze em quinze dia, eu trabalhei na barra durante quase quarenta anos, tendeu? Mas depois que eu me aposentei aí que eu posso dizer que eu gostei, que aí eu pude conhecer melhor, né? E... ficar mais em casa, né? Passear também um pouquinho por aqui, pelo ao redor de bicicleta, então eu me sinto bem.

Pesquisadora: Quantas pessoas da sua família vivem no bairro de São Miguel?

Entrevistado: Na minha família eu tenho quatro irmãs que vivem aqui.

Pesquisadora: O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade de Seropédica?

Entrevistado: Diferente eu não sei, porque eu não conheço muito os outros lugares, o que eu acho diferente é que... Eu acho que mais tranquilo, as casas são assim... Os terrenos são grande, tem muito sítio aqui, algumas fazenda, não é muito aglomerado digamos assim e eu acho que é isso aí que talvez faça a diferença, eu acredito.

Pesquisadora: Fale um pouco do que você sentiu quando veio morar na cidade de Seropédica.

Entrevistado: Ah foi uma coisa muito... muito gostosa, foi muito interessante. Porque eu vim lá do, da fazenda do Cabral alí., perto de Paracambi e então eu vim aqui guri, tinha dezenove anos. Então... o pedágio tinha sido inaugurado a um pouco tempo atrás, ah foi muito bom. Foi uma sensação muito gostosa e foi uma mudança muito radical na nossa vida.

Pesquisadora: Descreva como era o bairro quando você chegou? Como eram as casas? As ruas?

Entrevistado: Ah uma coisa assim... uma coisa bem acima de onde viemos, porém assim bem diferente do que é hoje. Era rua de chão, totalmente de chão, pouca família, pouca casa, muito mato. Então era uma coisa bem simples, porém bem acima de onde a gente, nós éramos criados.

Pesquisadora: Quantos vizinhos se mudaram nos últimos anos? Por que muitos moradores têm ido viver no centro de Seropédica?

Entrevistado: Quantos vizinhos mudaram eu não sei, mas aqui cresceu muito, creio que aqui cresceu muito, não dá pra você descrever. Mas agora pra Seropédica talvez algumas pessoas prefere porque, tem gente que gosta de morar próximo ao comércio né? E... o centro de tudo ali, então Seropédica é uma coisa em comparação aqui muito maior, muito mais extenso. Mas assim... eu não sei o porquê, as pessoas preferem isso, tem gente que gosta das coisas mais próximas, de mais facilidade de locomoção, comércio e outras opções. E aqui as opções aqui não lá grande coisas.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Por que o nome do Bairro é São Miguel? Esse bairro sempre teve esse nome?

Entrevistado: Pelo que sei sim, sempre teve esse nome e o que eu sei o pouco que eu sei é que eu também não me aprofundi muito... O que eu sei é que aqui era uma fazenda, foi uma fazenda durante muito tempo e essa pessoa seria Miguel, pelo que me falaram, era um senhor dono disso aqui durante muito tempo e depois, segundo eu soube, ele tinha nove filhas mulheres ou oito e vou falar uma coisa, sei que algumas mulheres moram aqui ainda, das filhas desse senhor. Aí elas herdaram e... Então ficou Miguel pelo nome dele, que era o dono

de todo esse lugar aqui. Aí as filhas herdaram e dividiram. Hoje tem muita gente que é parente, a maioria é parente, são filhas, são neto desse Miguel, pelo que eu soube assim um pouco.

Pesquisadora: Entendi

Pesquisadora: Sabe algo sobre a origem da escola Alice de Souza Bruno, localizada neste bairro?

Entrevistado: O que eu sei é que a... Alice de Souza Bruno isso aí é a... aonde hoje é a creche, era esse colégio, tá? Foi um colégio aqui de São Miguel aqui e... Alice de Souza Bruno, isso aí o que eu aprendi foi aí, foi na escola que estudei aí com você e mais com as outras professoras. A professora Áurea, Aurélia, né? Conhece ela?

Pesquisadora: Conheço!

Entrevistado: Então, foi ela que me passou que a origem da Alice de Souza Bruno. Que era uma senhora, era uma pessoa de origem... pobre, negra pelo que me parece, né? Que estudou, estudou e lutou muito na vida e... É porque eu perdi ela, eu tenho aqui um trabalho dela, mas eu não achei. Então ela que me passou, a Aurélia que me passou, os dados dessa pessoa. Aí depois de alguns tempo alguém, agora não sei quem foi, que deu a origem do nome Alice de Souza Bruno. Que, que era uma professora, uma senhora que estudou, batalhou muito, daí o nome de Alice de Souza Bruno. Que agora é esse colégio que vocês, que nós estudamos e que vocês trabalham aí.

Pesquisadora: É isso aí, então você já respondeu à pergunta “Você sabe quem foi Alice de Souza Bruno”, que você já respondeu também, né?

Entrevistado: Sim, eu sei. É que agora eu queria saber, que agora eu não achei aqui, eu tenho alguns... Algumas coisas aqui, mas não consegui achar. Que Aurélia me, nos ensinou na escola há três anos atrás.

Pesquisadora: Quantos familiares estudam/estudaram nesta escola?

Entrevistado: Já te falei sô, são assim, as três irmãs minhas que estudaram. Três irmãs minhas que eu, modéstia parte, graças a Deus eu pude é...eu pude matricular elas, quando eu vim pra cá, como te falei no começo. Aí eu vim aqui e eu tinha, tenho três irmãs e elas estavam com uns dez aninhos, duas com dez, duas gêmeas, e outra com sete. Então eu pude matricular elas, eu que tive a oportunidade de matricular elas, eu que matriculei elas. Quer dizer eu ajudei, eu pedi pra minha irmã matricular, uma mais velha. Matriculou ela naquele colégio que hoje é a creche. Então elas conseguiram estudar ali durante um bom período.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: Em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permanece ao longo dos anos?

Entrevistado: Ah mudar mudou radicalmente, mudou o mapa, é uma coisa imensa. Não da pra... É difícil até de descrever, na época que eu vim, não tinha nada, praticamente nada. Campinho assim você improvisava, porque tinha muito terreno baldio, então não tinha nada. Então o que mudou, hoje tem é, hoje não, alguns anos atrás. Hoje tem campo de futebol, tem a pracinha, tem agora até alguns recursos ali na pracinha, campo de futebol, pracinha, tem a quadra, tem academia. Assim, tem várias outras coisas, mudou muito, é bem isso aí que eu posso falar. E também tem a rua asfaltada, que pode fazer caminha, né? Andar de bicicleta, como no meu caso, eu uso muito, por exemplo.

Pesquisadora: Você indicaria seu bairro para outras pessoas morar?

Entrevistado: Ah, indicaria, indicaria sim. Tudo isso que eu te numerei, pela tranquilidade, pelo clima gostoso eu indicaria sim.

Pesquisadora: E se você pudesse se mudaria do bairro? Por quê?

Entrevistado: Não, eu não me mudaria não. Porque eu realmente me adaptei, me acostumei e na idade que eu tô, não tenho interesse em sair daqui não. E também o que tem aqui é o que me corresponde, é o que eu preciso. Então não tem motivos pra eu sair daqui.

Pesquisadora: Existe alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre sua vida como morador (a) do bairro São Miguel ou da cidade de Seropédica?

Entrevistado: Não, eu acho que o bairro cresceu, tá crescendo e eu acho que o pedágio quando foi inaugurado ajudou muito, piorou pelo lado de comerciante, porque muitas coisas fecharam pelo que eu soube ou vi. O posto de gasolina fechou, agora reabriu, você deve ter visto, né?

Pesquisadora: Hrum.

Entrevistado: Viu o posto de gasolina que foi inaugurado a dois anos ali?

Pesquisadora: Vi.

Entrevistado: Então, aquele posto ele era muito frequentado na década de setenta, então ele faliu por causa do pedágio, segundo o que dizem. E aquela mercearia também, ela funcionava. Que era uma maravilha, ela fechou e voltou a funcionar depois então o pedágio contribuiu muito pra um lado e eu acho que prejudicou algumas coisas.

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistado: E também... o povo lá melhorou alguma coisa, né? Aquele frigorífico, por exemplo, foi benéfico, ele é benéfico. Segundo o que tô sabendo ele prega mais de 200 funcionários e isso também ajudou muito pro crescimento, de uma maneira geral.

Pesquisadora: Sim, entendi.

Entrevistado: Outra coisa também, durante muito tempo aqui não tinha água, noventa por cento era água do poço e a água funcionou depois um pouquinho, fracassou outra vez...

Pesquisadora: Não tinha encanamento, é isso?

Entrevistado: Não tinha, não tinha, era água de poço. Não, tinha sim ali lá na frente do colégio, ali na mercearia da frente, no posto até ali na altura do colégio tinha algum encanamento, dali pra cá do fundo não tinha. Tendeu?

Pesquisadora: Entendi

Entrevistado: E agora tem. A água aqui realmente ficou boa mesmo pra te falar a verdade, só abrindo um parêntese, ficou boa de 2015 pra cá. Aí entrou uma pessoa, não sei se foi um candidato que refez toda a ligação, toda a ligação de São Miguel ele refez tudo. Então hoje uma coisa que era muito ruim, hoje é excelente é a água que todo mundo tem.

Pesquisadora: Entendi. Muito obrigada, tá?

Entrevistado: Tá bom?

Pesquisadora: Tá ótimo. Assim que acabar tudo eu mando uma cópia pro senhor, e obrigado por fazer parte da história de São Miguel.

Entrevistado: Mas deu pra entender bem o que eu falei?

Pesquisadora: Deu, foi ótimo! Boa noite.

Entrevistado: Se deu tá bom então. Boa noite.